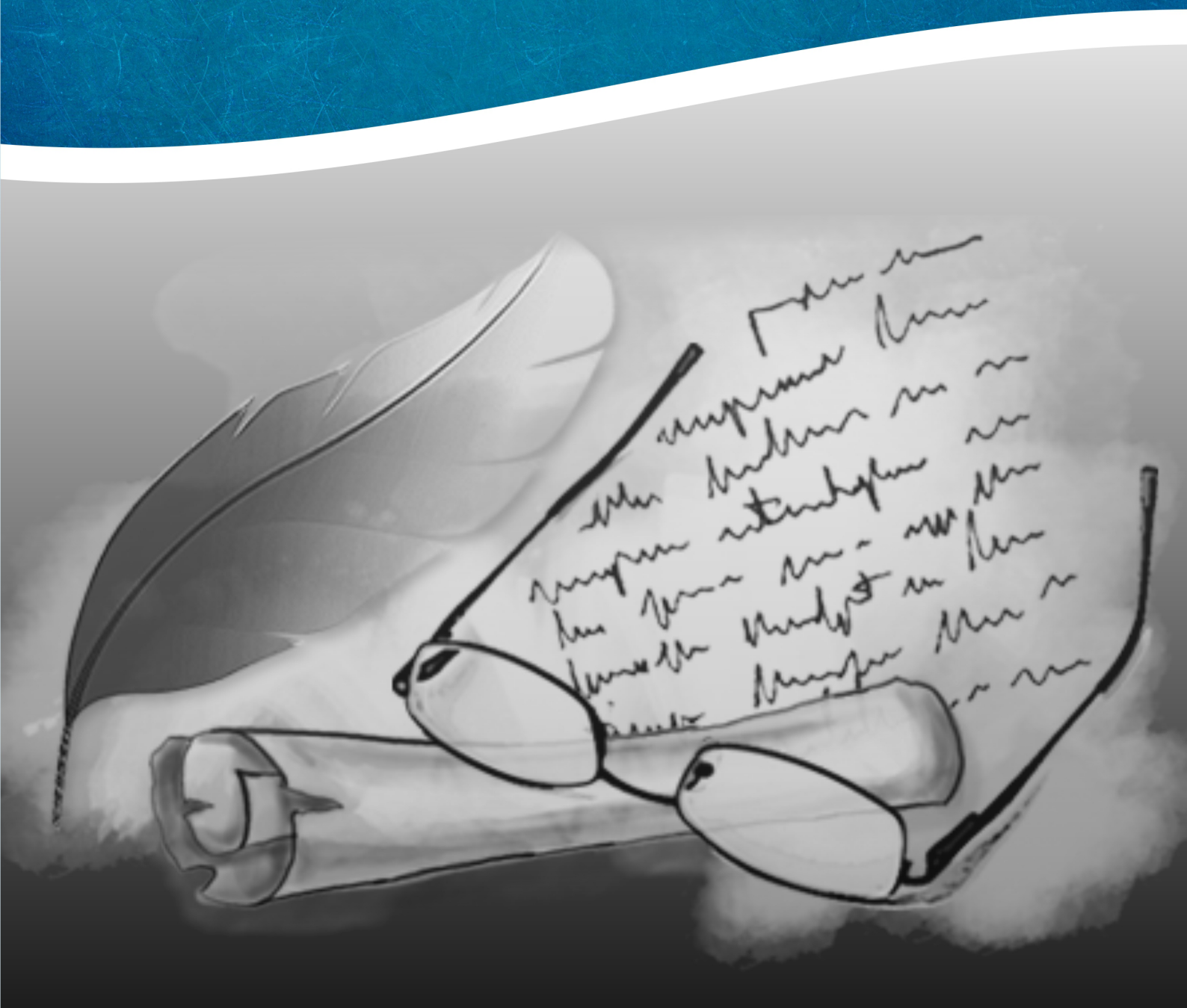


Meras Impressões



Antônio Corrêa Sobrinho



“A arte faz versos. Só o coração é poeta.”
André Chénier

DEDICATÓRIA

**Dedico estes singelos versos
aos meus pais, Gilda e Felinto;
aos meus filhos, Saulo, Thomás e Thiago;
às minhas netas, Thielly, Sofia e Nicole;
aos meus irmãos, Marise, Jacira, Denise, Neide,
Paulo, Marieta, Júnior e Glorinha;
aos meus sobrinhos,
Junior, Gisele, Elton, Danilo, Stephany, Vinicius, Victor,
Michele, Giovanna, Felipe, Cassiano,
Guilherme, Wesley e Gildinha; e
aos meus sobrinhos-netos
Julia, Gabriela, Rafael, Elisa, Miguel, Joaquim, Enzo,
Walace, Bernardo, Gustavo e Elisa.**

ANTÔNIO CORRÊA SOBRINHO

**Cheguei ao mundo numa tarde de junho,
dia de São Pedro Pescador,
mas meu nome é Antônio,
que vem do tio paterno e do santo protetor.
Sou brasileiro, nordestino, sergipano de Aracaju.
Minha mãe se chamada Gilda, meu pai, Felinto.
Sou bacharel sem anel, um simples
fiscal do trabalho.
Um dia criei galinhas e por anos fui professor.
“Meras Impressões” não guarda outra pretensão
senão a de dizer dos meus sentimentos,
pensamentos, representações,
para, quem sabe,
ficar aqui um pouco mais.**

APRESENTAÇÃO

**Chegam-me como uma virgem
os teus versos.
Tímidos, verdes...
Ávidos porém de serem possuídos.
Possuí-os como a uma virgem:
Cuidadoso, compreensivo.
Gozando, no entanto, da pureza do novo
e do prazer da escolha.
É poesia, sim.
Uma poesia que ainda se busca.
Uma poesia que ainda procura.
Mas uma poesia que quer.
A palavra poeta é sempre miúda
para dizer das nossas imensas dores,
para falar dos nossos múltiplos amores,
para dizer, enfim, da nossa divina loucura.
Precisa portanto que se subverta dela
o sentido vulgar,
tornando-a instrumento das nossas sensações
e dos nossos devaneios.
É ela nosso elo único
a unir a nossa alma sensível
aos múltiplos fenômenos da vida.**

Antônio Santos de Souza Neto

*Advogado, auditor-fiscal do trabalho e poeta
(suas poesias, no bloggersia1.blogspot.com)*

ÍNDICE

POESIA II

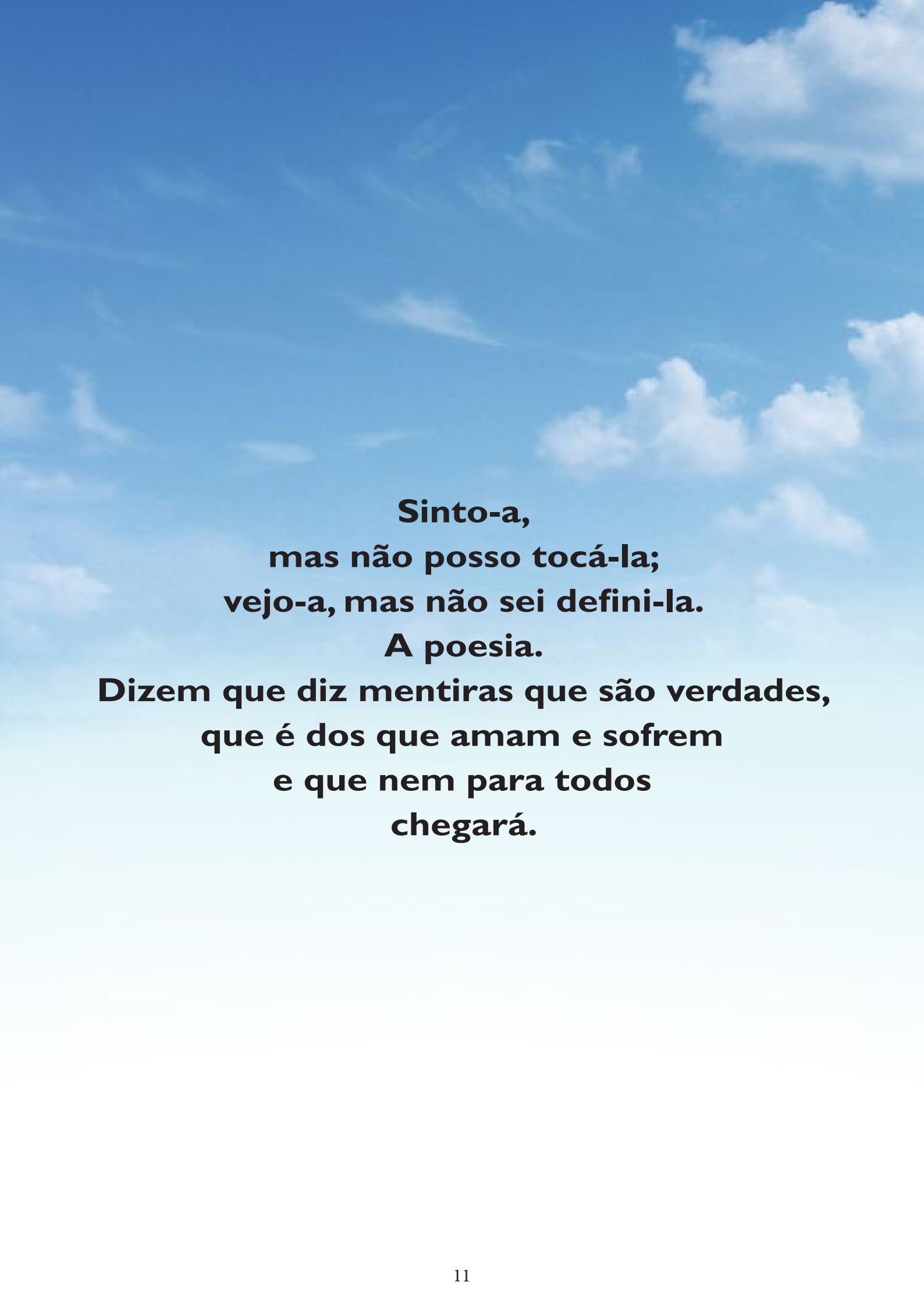
PROCURO POESIA NAS COISAS QUE VEJO	12
PERDI UNS VERSOS	13
O ENTARDECER	14
VIVER NÃO SE RESUME	15
RIO SE ULTIMA, O SERGIPE	16
ANDO EM TERRENO ÚMIDO	17
PERTO DAQUI	18
SOFRO MENOS, QUANDO	19
DESTINO DAS EXISTÊNCIAS	20
ÔNIBUS AMARELO ENCOSTA	21
NOS CANTOS E ABERTURAS	22
A COBRA SENTE	23
QUE LINDA MÚSICA!	24
SOMOS BARRO QUE PENSA	25
PRETÉRITO, PRESENTE E FUTURO	26
A CHUVA SOBRE O TELHADO DA POUSADA	27
O QUE FAZ ESSA GENTE	28
FILHOS DAS MARGENS DA VIDA	29
A LUZ	30
TENHO ANDADO PELOS SEUS ESPAÇOS	31
O DEUS QUE IMAGINAMOS É FORTE	32
ALMAS CASTRADAS, FERIDAS, SOFRIDAS	34
NO MEU CHÃO EXISTENCIAL	35
DEVER DE VIDA	36
DORMIR É MORRER	37
A MAIS PESADA DAS SENTENÇAS	38
A NOITE FAZ GREVE CONTRA MIM	39
NA RUA QUE ME CRIEI	40

EM SILÊNCIO COM O MISTÉRIO 41
SOMOS 42
A ESTÁTUA E SEU CRIADOR 43
O QUARTO É MEU 44
QUE VENHA A VIDA 45
QUISERA EU 46
FUGIR DOS MEUS REFLEXOS 47
LÁ VEM O LOUCO (I) MUNDO 48
VI O RIO SERGIPE PELA PRIMEIRA VEZ 49
O ROSTO É A ALMA DIZENDO 50
DOU PASSOS 51
ESQUECIDA LUZ 52
PERNAMBUCO É RUA 53
O BARBEIRO 54
BELEZA CURVA 55
A PARTEIRA NOSSA MÃE 56
AS PIORES NOITES 57
GENTE SEM NADA 58
GILDA COMEÇA COM G 59
O HOMEM E O MAR 60
LANTERNAS VERMELHAS 61
NA PROCURA DO INEXPLICÁVEL 62
EU NO PRÉCAJU 63
NO MEU TEMPO DE MENINO 65
CRENÇAS E DESEJOS 66
LIVRES PELA CONSCIÊNCIA 67
A LUA ME OBSERVA 68
VIAJAMOS NUM TREM CIRCULAR 69
FUI FEITO PARA SER MENOS DO QUE SOU 70
PORQUE AINDA EXISTE O SORRISO 71
NOS DIAS DE CRIAR FILHOS 72
O OLHO SE ENTREGA AO ESCURO 73

NA CASA DELES 74
PRESENÇA DE DEUS QUE ME APRAZ 75
OS DIAS PASSAM E ELES GANHAM CORPO 76
MEU CORAÇÃO AGUENTA A EMOÇÃO 77
ARACAJU AMADA 78
AINDA ESTOU VIVO 79
MINHA PRIMA MARIA 80
ENTRE A GRADE E A ESPERA 81
MORAS NUM INVISÍVEL TÃO LONGE? 82
PROCURAM-TE ONDE NÃO TE ENCONTRO 83
TUDO PARA VER PELÉ 84
DESERTOS PARA TRAVESSAR 85
GOL A MEU FAVOR 86
NO JARDIM DAS DÁLIAS DA CASA DE VOVÓ 87
MINHA IRMÃ GLORINHA 88
AI DE MIM 89
LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA 90
A JANELA ME CONDUZ 91
O SOM TRISTE DO APITO 92
MINHA FELICIDADE 93
AINDA ESTOU POR AQUI 94
AS DOENÇAS NÃO OLHARAM PRA MIM 95
NO CARROSSEL DE SEU TOBIAS 96
GOSTO DE ESTAR SÓ 97
NA FEIRA 98
É DA ÁGUA A NOSSA CASA 99
É DIFÍCIL SER GENTE 100
QUANDO EM VEZ PASSA DEUS 101
EM MINHA TERRA, O VELHO CHICO 102
O AUTOR DE TUDO 103
INDAGAÇÕES 104
A SECULAR SONHADA PONTE 105

MEU PAI 106
REFLITO O DIA VENCIDO 108
VI MEU PAI PELA PRIMEIRA VEZ 109
UM ENCONTRO 110
LAMPIÃO MORREU ALI 111
ISENTA ESTRADA 112
O QUE É A RAZÃO? 113
UM DIA CRIO GALOS E GALINHAS 114
STEPHANY 115
MEU SOBRENOME É PACIÊNCIA 116
NÃO QUERO NADA QUE NÃO SEJA A VIDA 117
MEU BOLO DE PALMATÓRIA 118
APRENDI COM ELES 120
O CÉU DO ARIBÉ 121
ARIBÉ DOS MEUS PRIMEIROS ANOS 122
FOTOGRAFAR É 126
CARNE AVESSA 127
A LIBERDADE QUE DEUS ME DEU 128
A MORTE 129
DEUS E O ETERNO ME INTERESSAM 130
AVIÃO 131
A COVID 132
NÃO COMEÇO LAMPIÃO POR LAMPIÃO 133
AMIGA GOIABEIRA 135
VIRGULINO E SILVINO 137
DESPEDIR-SE DE SI MESMO 138
ARACAJU DOS ANOS 30 139
PANDEMIA E PANDEMÔNIO 140
UM JEITO DE MORRER 141
O HOMEM EM MARTE 142
VIVER É ESPERAR MORRER 143
MEUS ATUAIS SENTIDOS 144

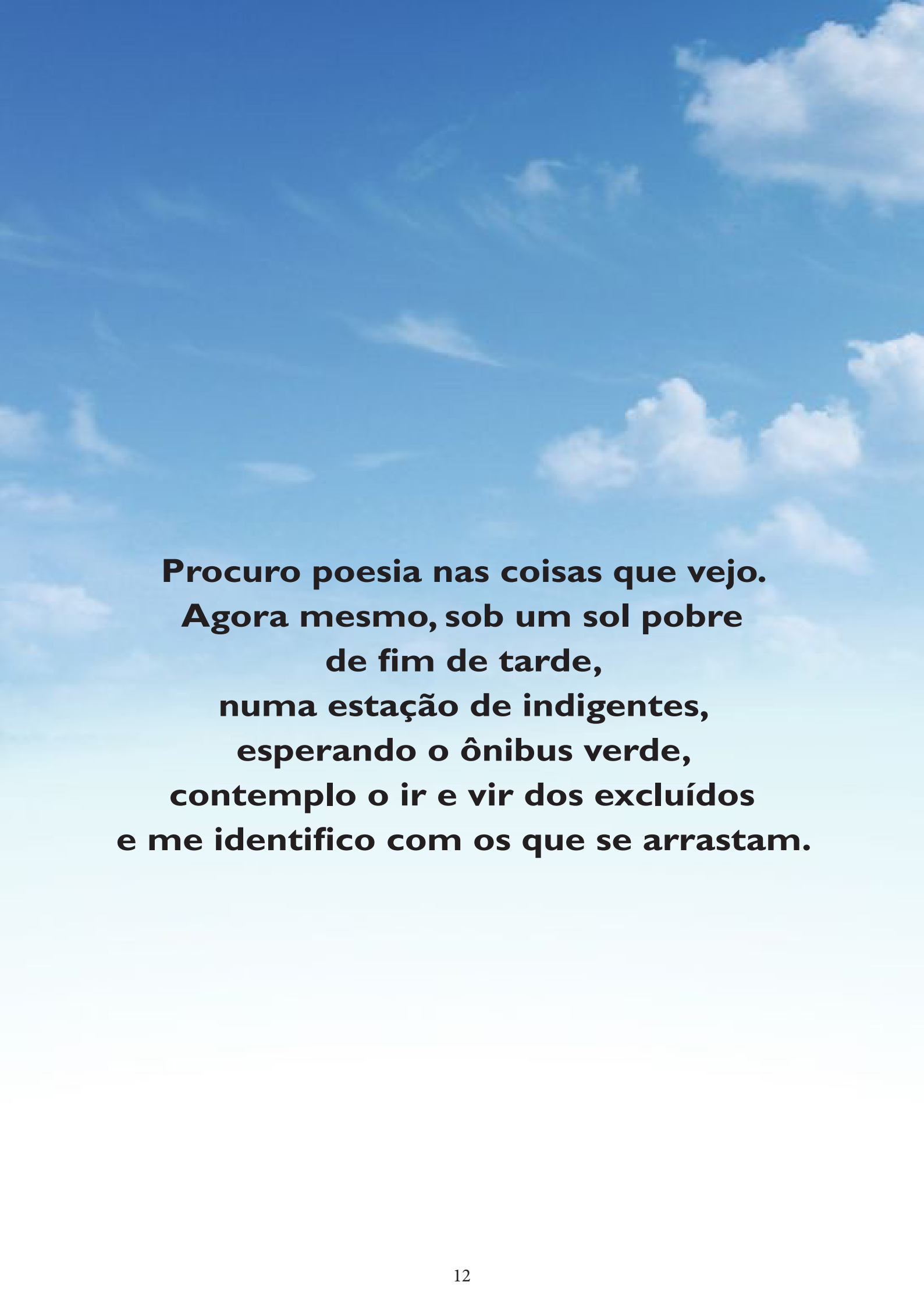
O CAMPO	145
ARACAJU	146
SOU VIDA	147
VIDA HUMANA	148
GENTIL BEM-TE-VI	149
NO ESCURO EM QUE ESTAMOS	150
QUASE NADA, QUASE TUDO	151
A VIDA POR UMA FRESTA	152
CHUVA QUE NÃO PASSA	153
LEIO DE NOVO A BÍBLIA	154
SOU A VIDA EM MIM	155
CARAS E MENTES	156
REFLETINDO SOBRE A VIDA	157



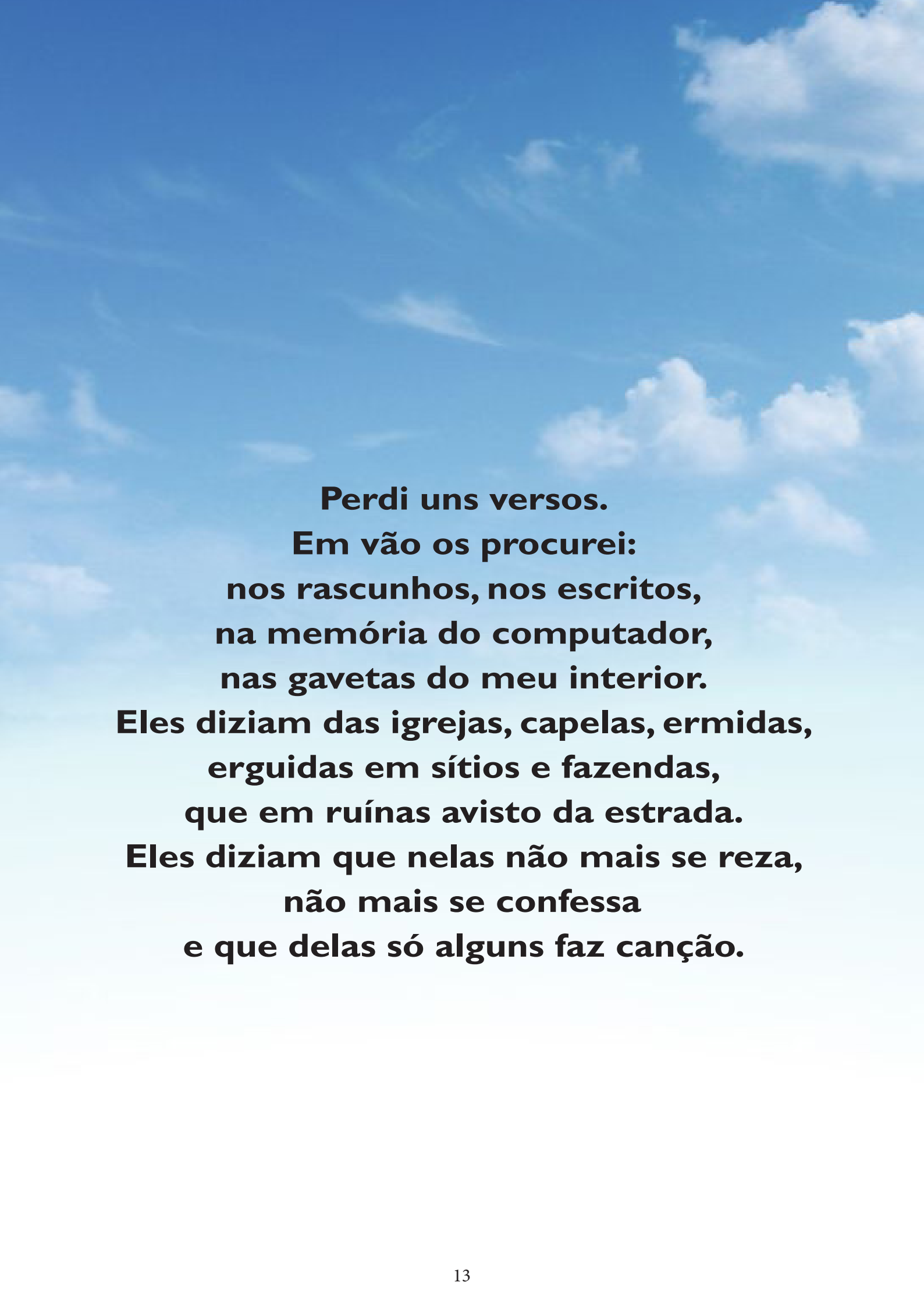
**Sinto-a,
mas não posso tocá-la;
vejo-a, mas não sei defini-la.**

A poesia.

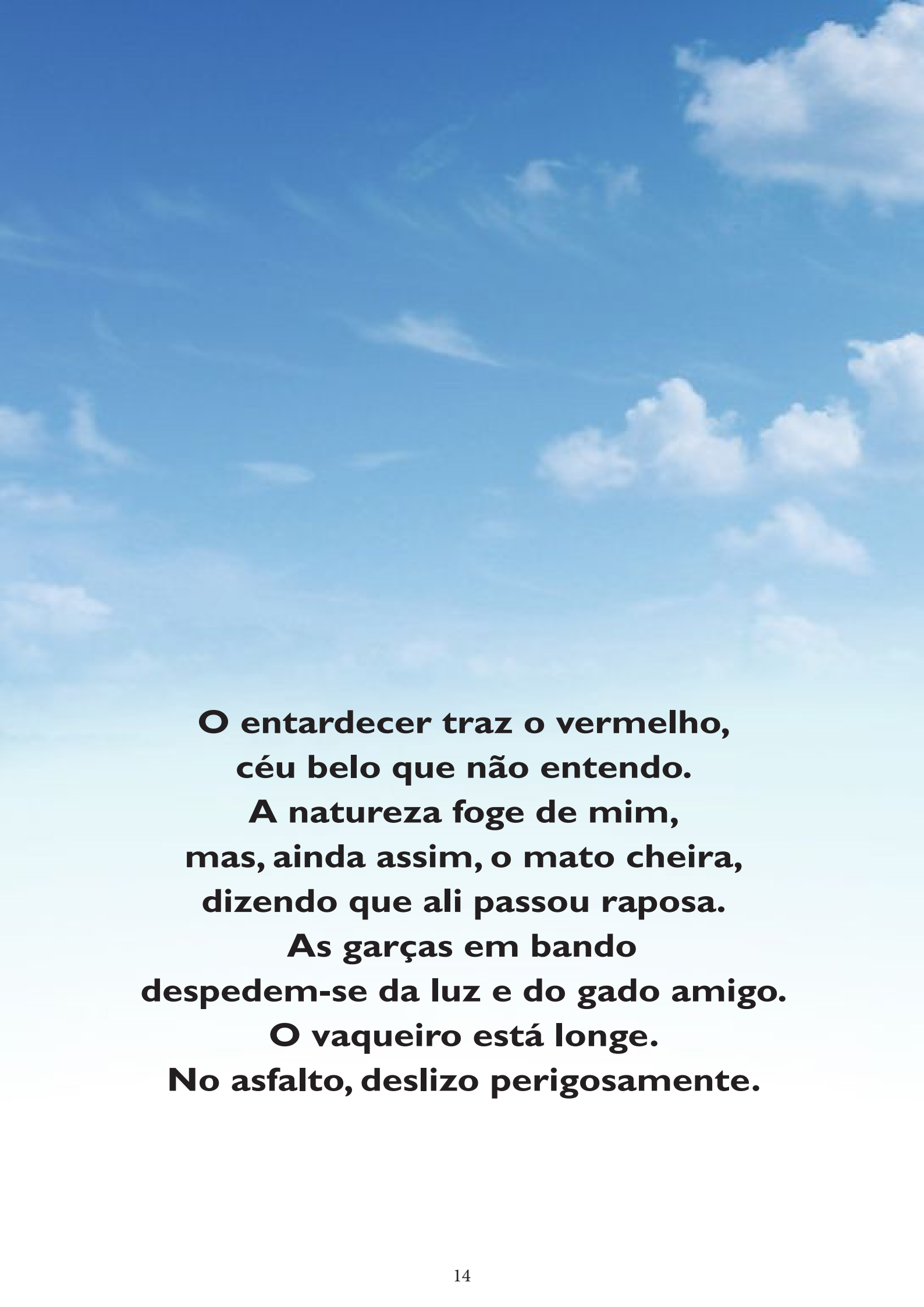
**Dizem que diz mentiras que são verdades,
que é dos que amam e sofrem
e que nem para todos
chegará.**



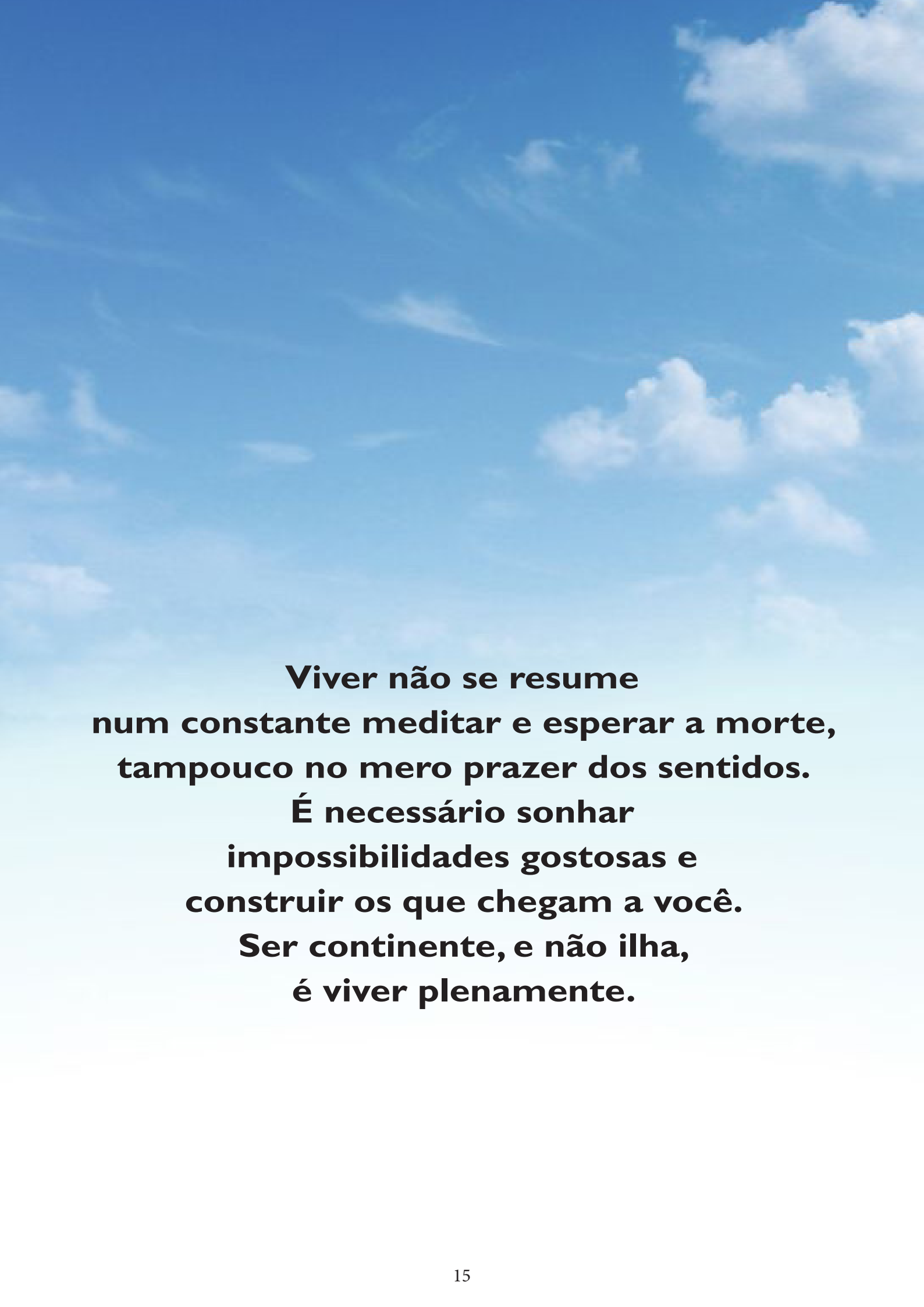
**Procuro poesia nas coisas que vejo.
Agora mesmo, sob um sol pobre
de fim de tarde,
numa estação de indigentes,
esperando o ônibus verde,
contemplo o ir e vir dos excluídos
e me identifico com os que se arrastam.**



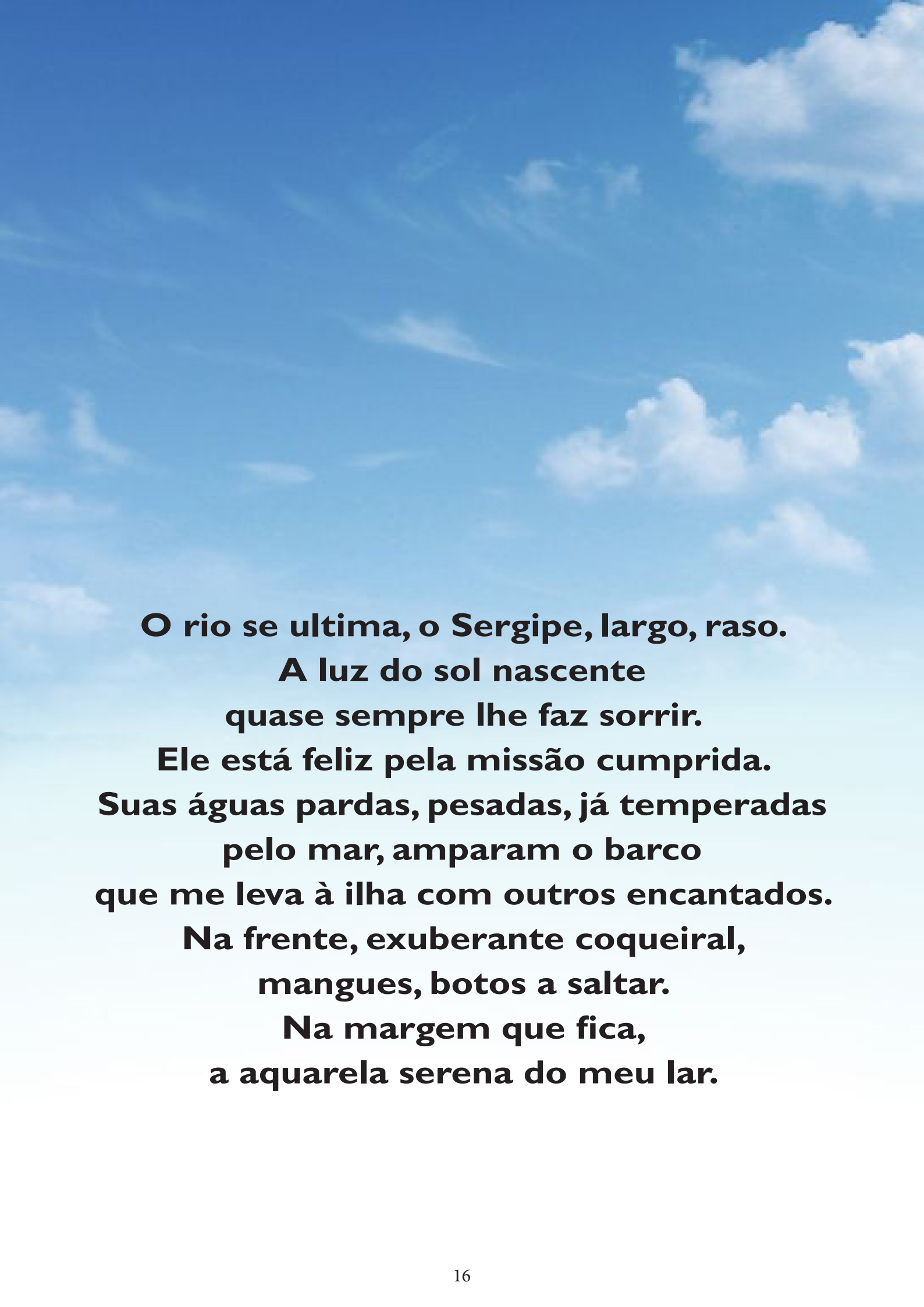
**Perdi uns versos.
Em vão os procurei:
nos rascunhos, nos escritos,
na memória do computador,
nas gavetas do meu interior.
Eles diziam das igrejas, capelas, ermidas,
erguidas em sítios e fazendas,
que em ruínas avisto da estrada.
Eles diziam que nelas não mais se reza,
não mais se confessa
e que delas só alguns faz canção.**



**O entardecer traz o vermelho,
céu belo que não entendo.
A natureza foge de mim,
mas, ainda assim, o mato cheira,
dizendo que ali passou raposa.
As garças em bando
despedem-se da luz e do gado amigo.
O vaqueiro está longe.
No asfalto, deslizo perigosamente.**

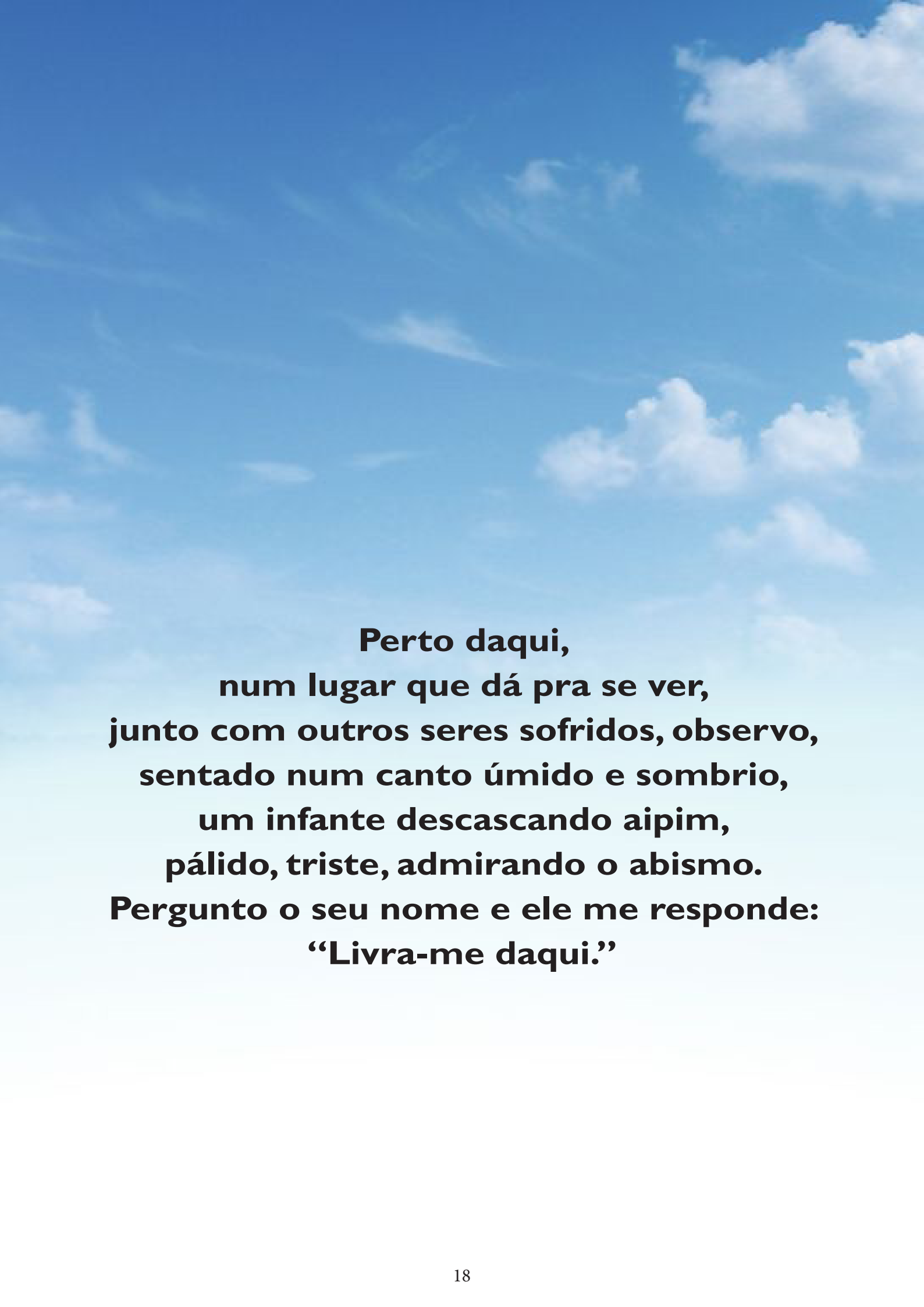


**Viver não se resume
num constante meditar e esperar a morte,
tampouco no mero prazer dos sentidos.
É necessário sonhar
impossibilidades gostosas e
construir os que chegam a você.
Ser continente, e não ilha,
é viver plenamente.**



**O rio se ultima, o Sergipe, largo, raso.
A luz do sol nascente
quase sempre lhe faz sorrir.
Ele está feliz pela missão cumprida.
Suas águas pardas, pesadas, já temperadas
pelo mar, amparam o barco
que me leva à ilha com outros encantados.
Na frente, exuberante coqueiral,
mangues, botos a saltar.
Na margem que fica,
a aquarela serena do meu lar.**

**Ando em terreno úmido,
chão escorregadio, vil,
de marcas de urubus,
de ratos e de humanos.
Desenho em preto e branco
seus pés entrelaçados,
disputando espaços.
Lixeira, arranjo de labor,
últimos passos, erro,
enterro de homens,
almas em dor.
O que busco, do que fujo?
Desço mais além, com as moscas,
bactérias fétidas... não sei mais o quê.
A criança está lá,
não me espera,
não me entende.
Chego a ela, que senta.
Não sabe o que é estar ali.
Por um instante esquece o nome.
Levo dela bem mais do que esta recordação.**



**Perto daqui,
num lugar que dá pra se ver,
junto com outros seres sofridos, observo,
sentado num canto úmido e sombrio,
um infante descascando aipim,
pálido, triste, admirando o abismo.
Pergunto o seu nome e ele me responde:
“Livra-me daqui.”**

**Sofro menos, quando me vitimizo menos,
quando desejo menos,
quando exijo menos dos outros.**

**Sofro menos, quando não tenho pena de mim,
quando me preparo para o pior
esperando o melhor.**

**Sofro menos,
quando não desqualifico os outros.**

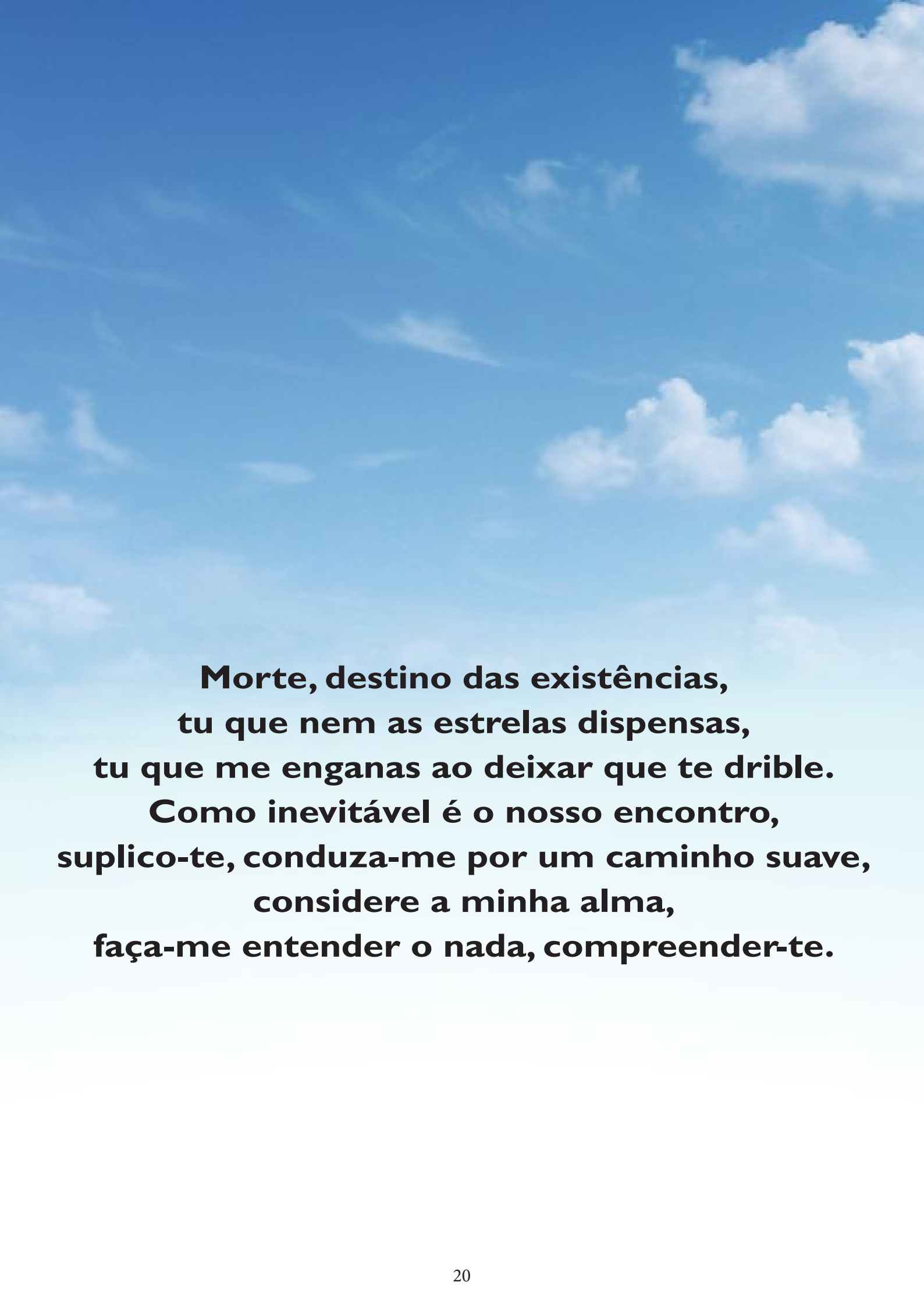
**Sofro menos, quando estou sorrindo, cantando,
contemplando,
abraçando, brincando, fotografando,
amando, lendo, escrevendo.**

**Sofro menos, quando falo sério com Deus
que trago em mim.**

**Sofro menos, quando estou servindo,
quando não reclamo por reclamar.**

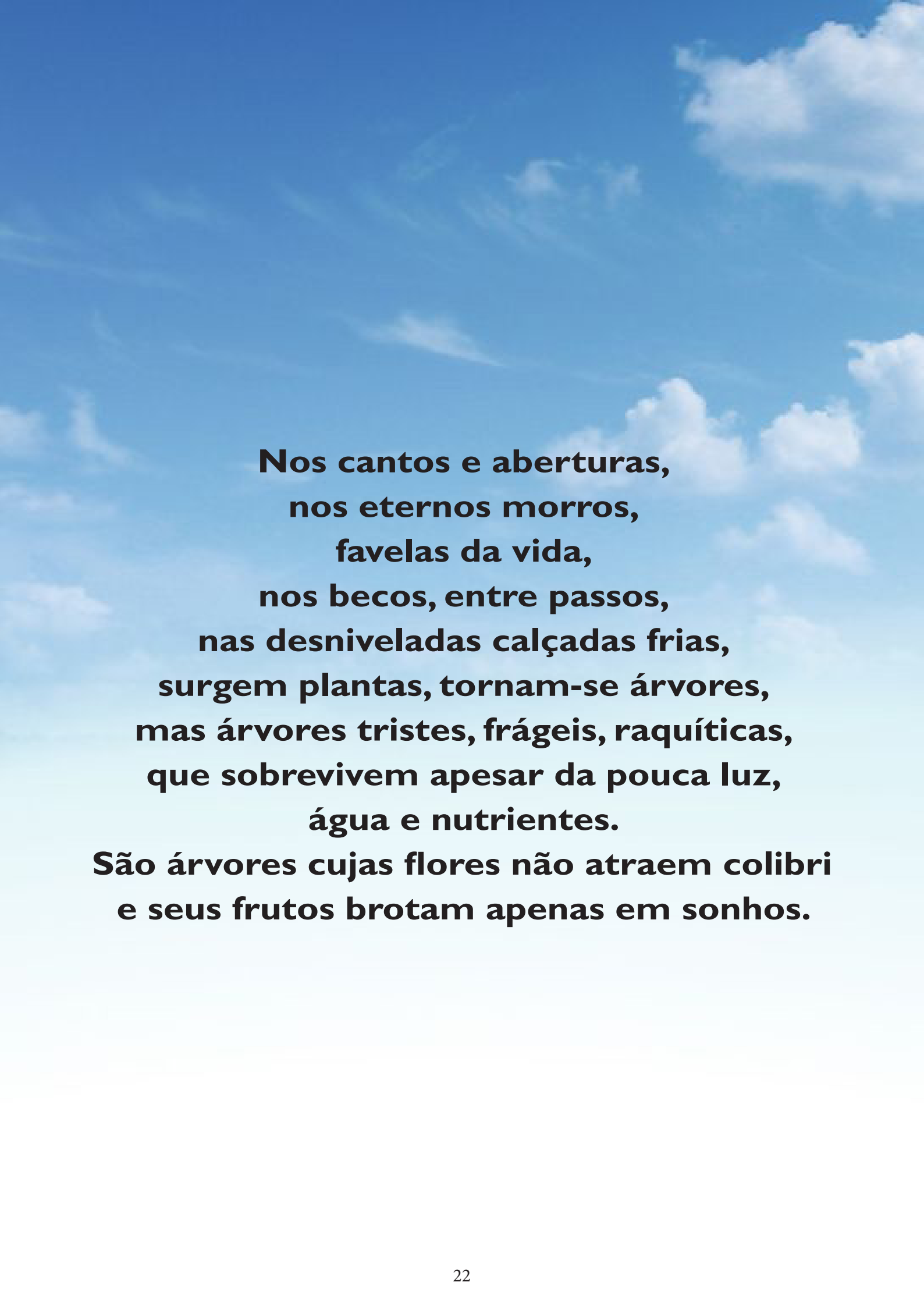
Sofro menos, quando compreendo o outro.

**Sofro menos, quando lembro que por alguns
sou querido, respeitado e admirado.**



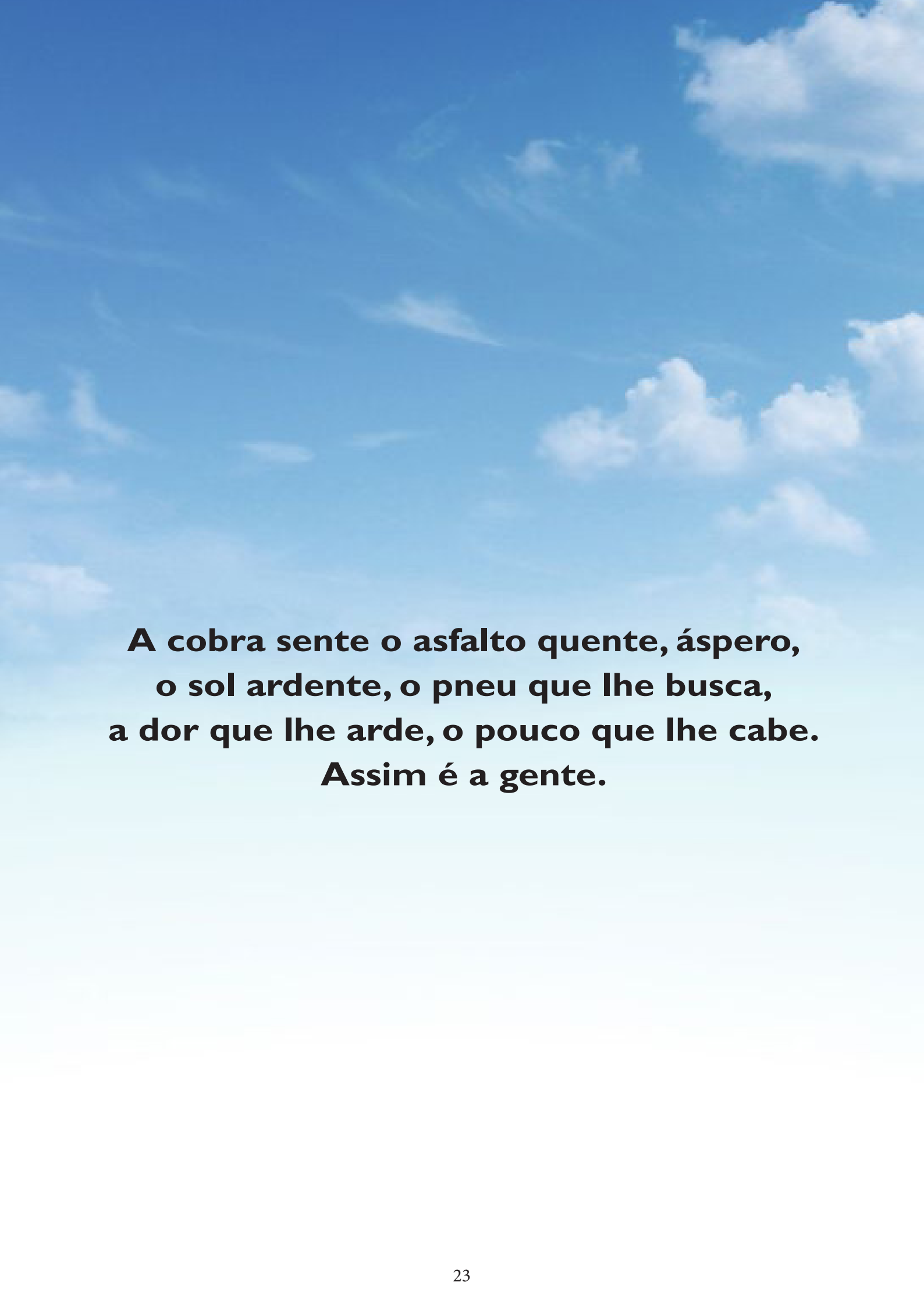
**Morte, destino das existências,
tu que nem as estrelas dispensas,
tu que me enganas ao deixar que te drible.
Como inevitável é o nosso encontro,
suplico-te, conduza-me por um caminho suave,
considere a minha alma,
faça-me entender o nada, compreender-te.**

**E o ônibus amarelo encosta,
enche, vai.
Vai para a cidade da Serra.
Ao lado deles me sento,
que olham pra mim sem eu ver.
O ônibus amarelo é calmo,
de listras rubras, de poltronas riscadas.
O ônibus amarelo é velho.
Seres pobres no ônibus amarelo vão:
limpos, sujos, fétidos,
esgarçados pela miséria.
Há os que dormem no ônibus amarelo
o sono da desnutrição,
do cansaço, da desesperança.
Há os que falam, os que fumam,
os que calam, os que reclamam.
E o ônibus amarelo passa ao lado da Serra,
e chega, para, e todos descem
para cumprir destinos.**

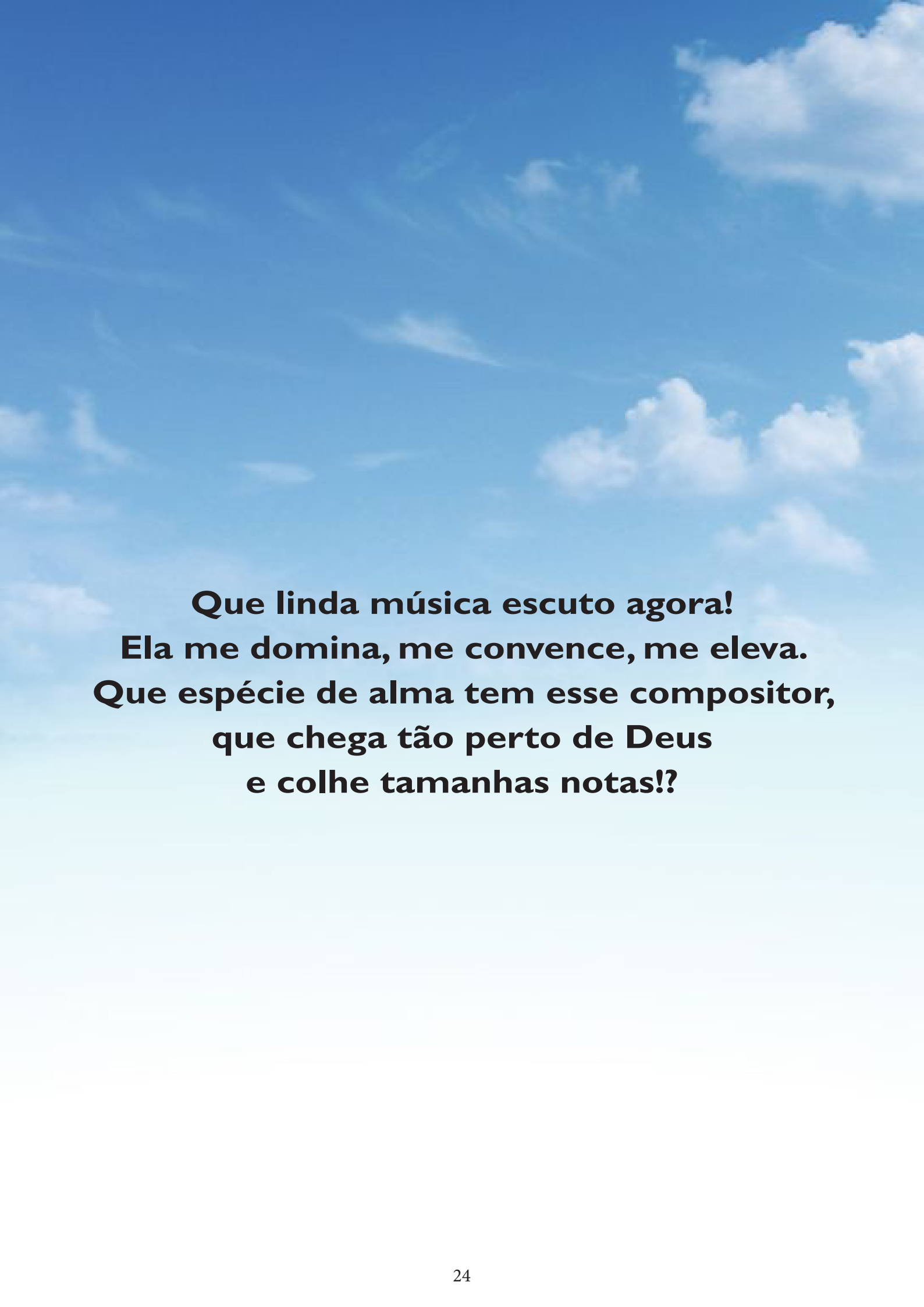


**Nos cantos e aberturas,
nos eternos morros,
favelas da vida,
nos becos, entre passos,
nas desniveladas calçadas frias,
surgem plantas, tornam-se árvores,
mas árvores tristes, frágeis, raquíticas,
que sobrevivem apesar da pouca luz,
água e nutrientes.**

**São árvores cujas flores não atraem colibri
e seus frutos brotam apenas em sonhos.**



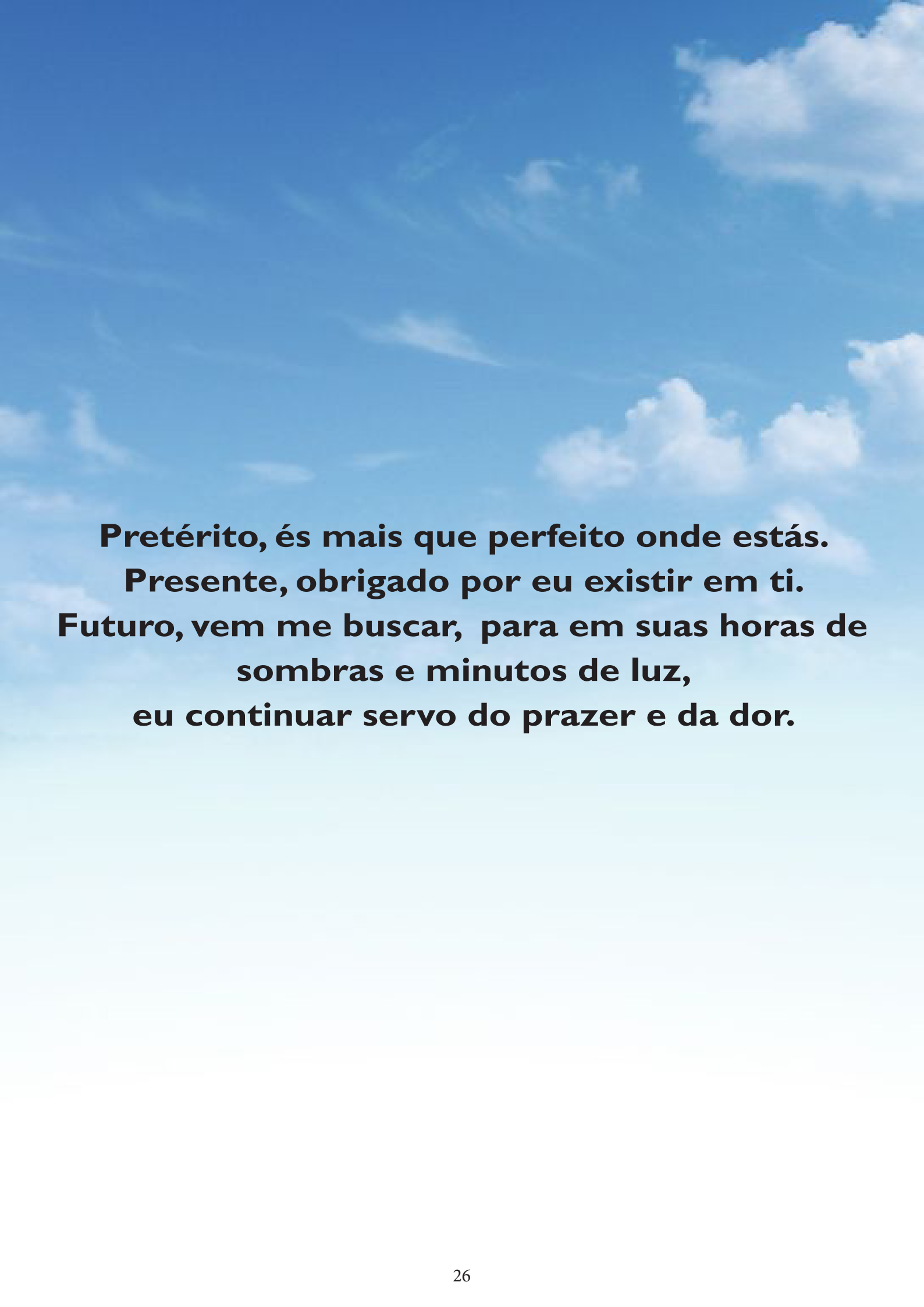
**A cobra sente o asfalto quente, áspero,
o sol ardente, o pneu que lhe busca,
a dor que lhe arde, o pouco que lhe cabe.
Assim é a gente.**



**Que linda música escuto agora!
Ela me domina, me convence, me eleva.
Que espécie de alma tem esse compositor,
que chega tão perto de Deus
e colhe tamanhas notas!?**



**Somos barro que pensa e que quer;
pedra nua, descalça, que assiste o existir
e sobre campos minados sorri.**



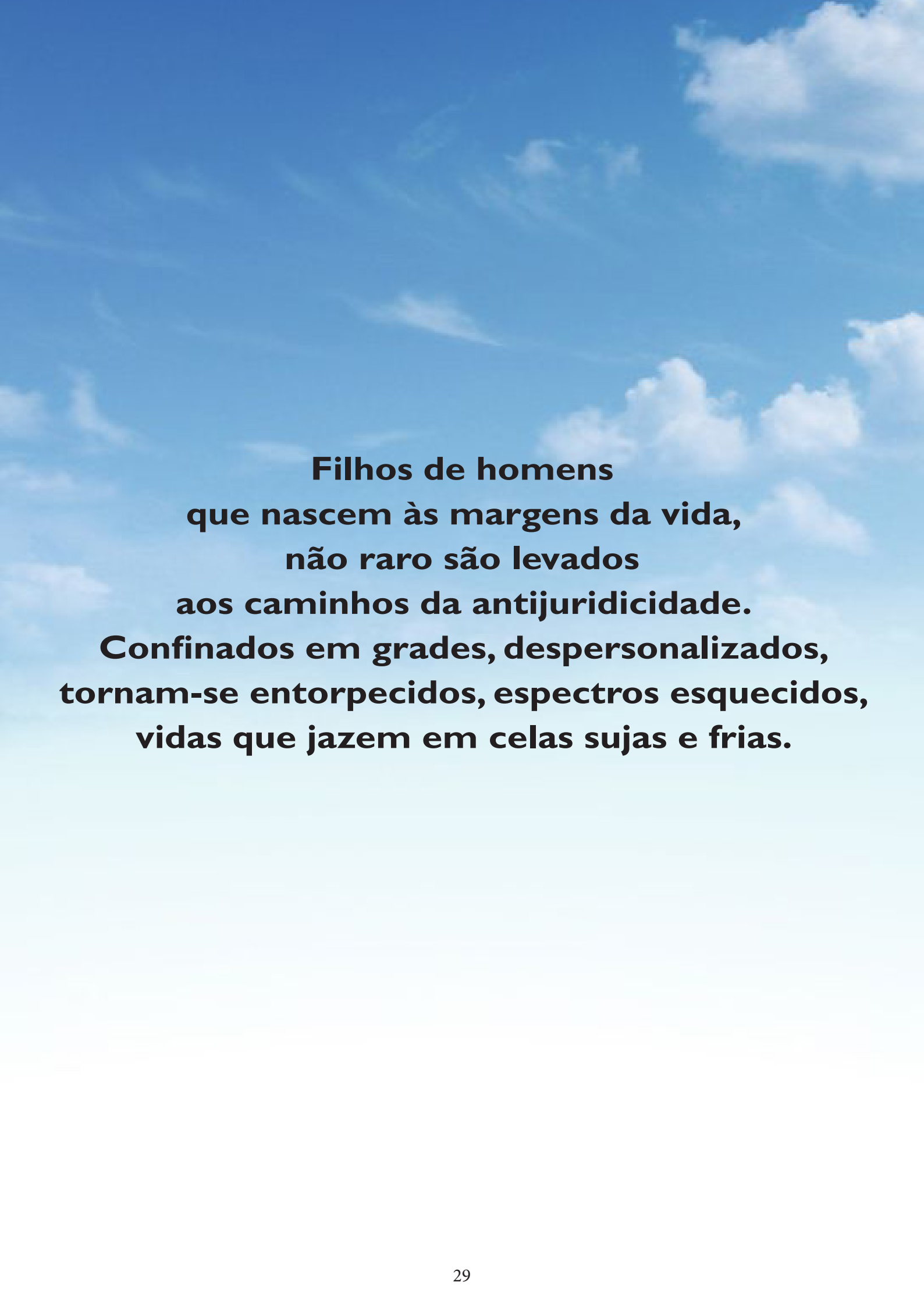
**Pretérito, és mais que perfeito onde estás.
Presente, obrigado por eu existir em ti.
Futuro, vem me buscar, para em suas horas de
sombras e minutos de luz,
eu continuar servo do prazer e da dor.**

**A chuva cai sem dó sobre o telhado
da pousada pobre.
Madrugada que se esvai.
Acordo a pulso para verter água.
Vejo-me salvo do frio pelo cobertor
que trago de casa.
O sono sai de mim, em disparada.
Passo a refletir os meus temores,
minhas angústias,
meus desejos, medos, esperanças,
ilusões, alegrias e sonhos.
Lembro dos meus,
dos que estão e dos que já se foram;
todos pousados no meu coração estão.
Medito a vida, este constante respirar,
comer e pensar.
O cantar dos galos,
os acordes inaugurais dos pássaros,
o ronco de dor do caminhão que passa,
o ladrar dos cães,
o cheiro gostoso do café e do cuscuz,
todos a me dizerem que a viver estou.**

**O que faz essa gente nesse sol abrasador,
nessa fila demente, povo já tão sofredor?**

Diz-me um velho em resposta:

**– É pra receber alimentos, a eleição é agora!
Quando uma mulher passa por mim, absorta,
arrastando filhos,
abraçada aos poucos quilos de comida velha.
Fico aqui na minha omissão silenciosa.**



**Filhos de homens
que nascem às margens da vida,
não raro são levados
aos caminhos da antijuridicidade.
Confinados em grades, despersonalizados,
tornam-se entorpecidos, espectros esquecidos,
vidas que jazem em celas sujas e frias.**



**A luz, que pelos caminhos
do Universo engole mundos,
frustra-se em não poder chegar à sombra.**

**Tenho andado por suas estradas,
porquanto é mister do
fiscal do trabalho percorrer
os cantos de injustiça e
os recantos de indignidade.
Não direi nada, meu velho Sergipe del Rei,
apenas que no seu chão se arrastam
multidões faveladas,
presas que são dos grilhões da pobreza,
da ignorância
e da vilania dos “donos” desta terra.**

**O Deus que imaginamos ser é forte,
incontáveis vezes mais poderoso que nós.
Mas com ele nos parecemos,
pois dizemos da sua justiça,
das suas preferências,
dos seus anseios, propósitos,
temos até notícia de que ele já habitou entre
nós.**

**Sabemos do Deus que imaginamos que é do
sexo masculino, usa barba
mora em casa majestosa
nos arredores de Órion.**

**Tenho comigo
que o Deus que imaginamos ser,
assim, parecido com a gente,
um dia desaparecerá.**

**O Deus que não imaginamos ser,
aquele que é o que é,
o criador e mantenedor de tudo que há
e de tudo que não há.**

**Este, é absolutamente impossível
dele sabermos.**

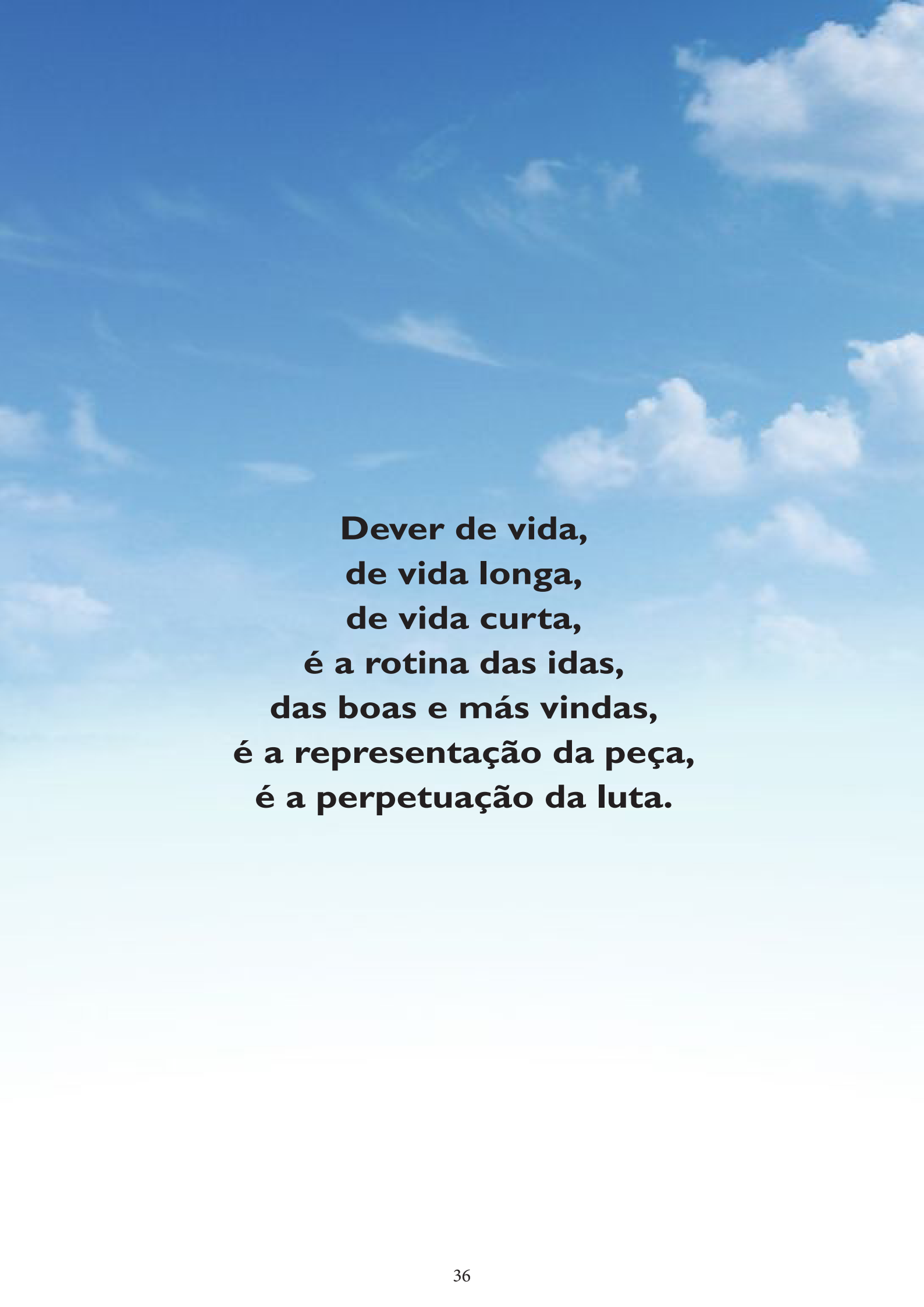
**Seria como alguém desprovido de visão ocular
dizer do azul turquesa, do verde esmeralda,
da cor púrpura;
dizer do sorriso da Mona Lisa,
da beleza de Paula Arósio.**

**Almas castradas, feridas, sofridas;
almas que na miséria que consome a carne,
gritam desesperadas, choram sem esperança;
almas que na ânsia de comer e ter,
tiram, atiram, é o querer viver,
é o querer poder.**

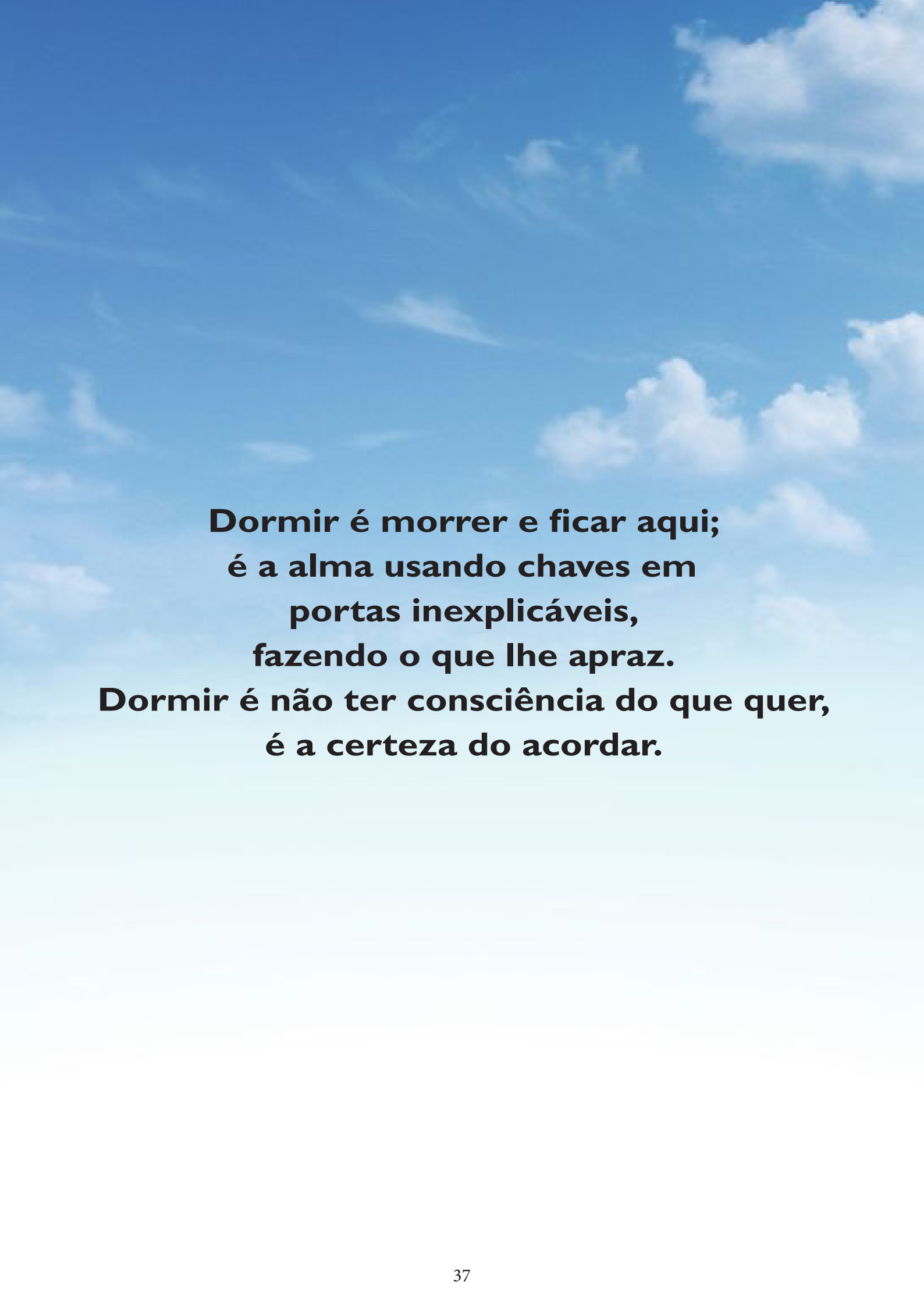
**Almas que na vontade de ser,
são impedidas por correntes
que estreitam seus passos,
algemas que prendem e marcam seus
corações famintos,
vendas que escondem a luz da liberdade.**



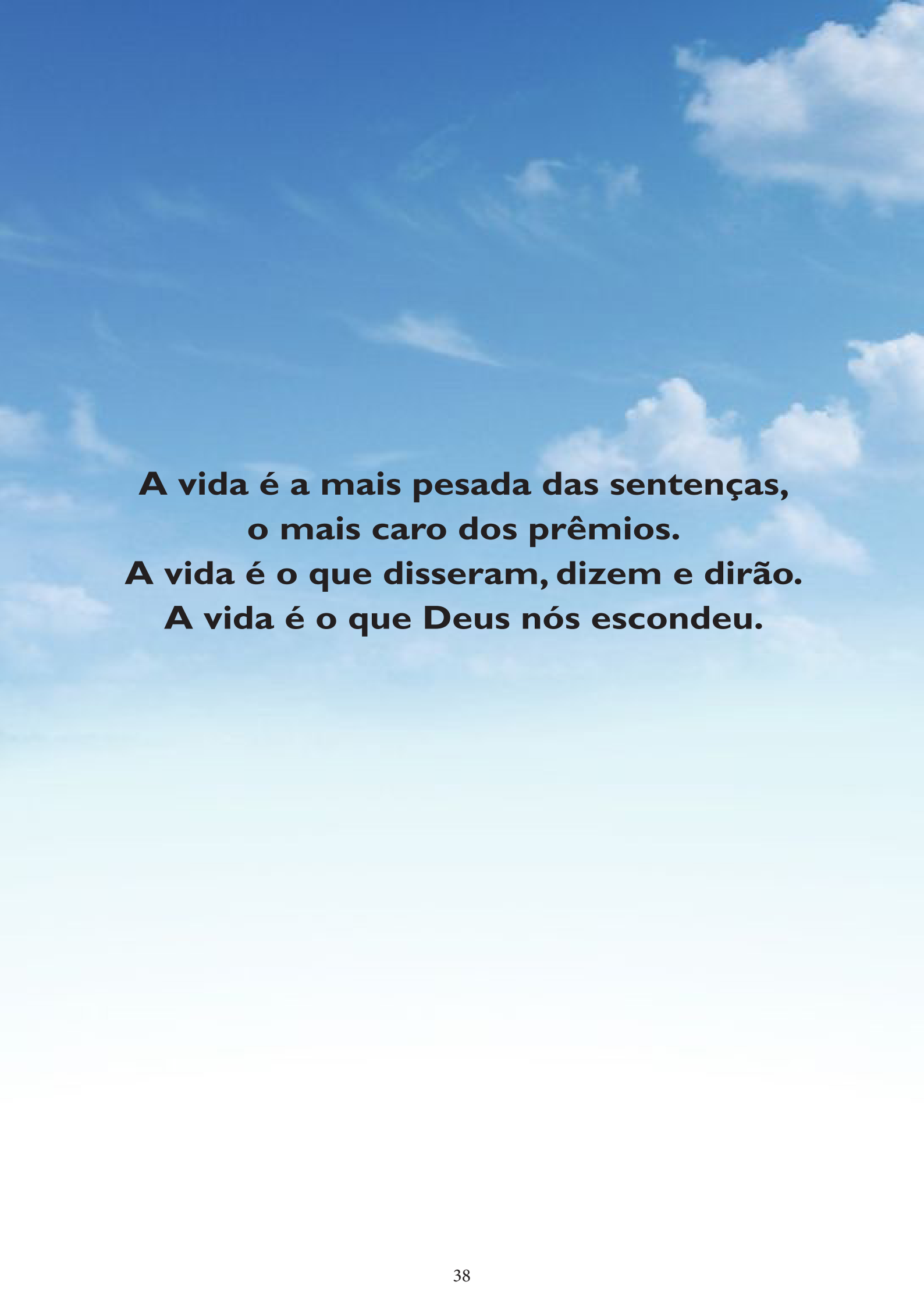
**Deitado no meu chão existencial,
lugar no quintal noturno em brisa,
a contemplar o mistério,
a enxugar lágrimas incontidas.
É vida que morre, é vida que nasce.
Em nave etérea transcendendo
num voo efêmero aos ceus da humana razão.**



**Dever de vida,
de vida longa,
de vida curta,
é a rotina das idas,
das boas e más vindas,
é a representação da peça,
é a perpetuação da luta.**



**Dormir é morrer e ficar aqui;
é a alma usando chaves em
portas inexplicáveis,
fazendo o que lhe apraz.
Dormir é não ter consciência do que quer,
é a certeza do acordar.**



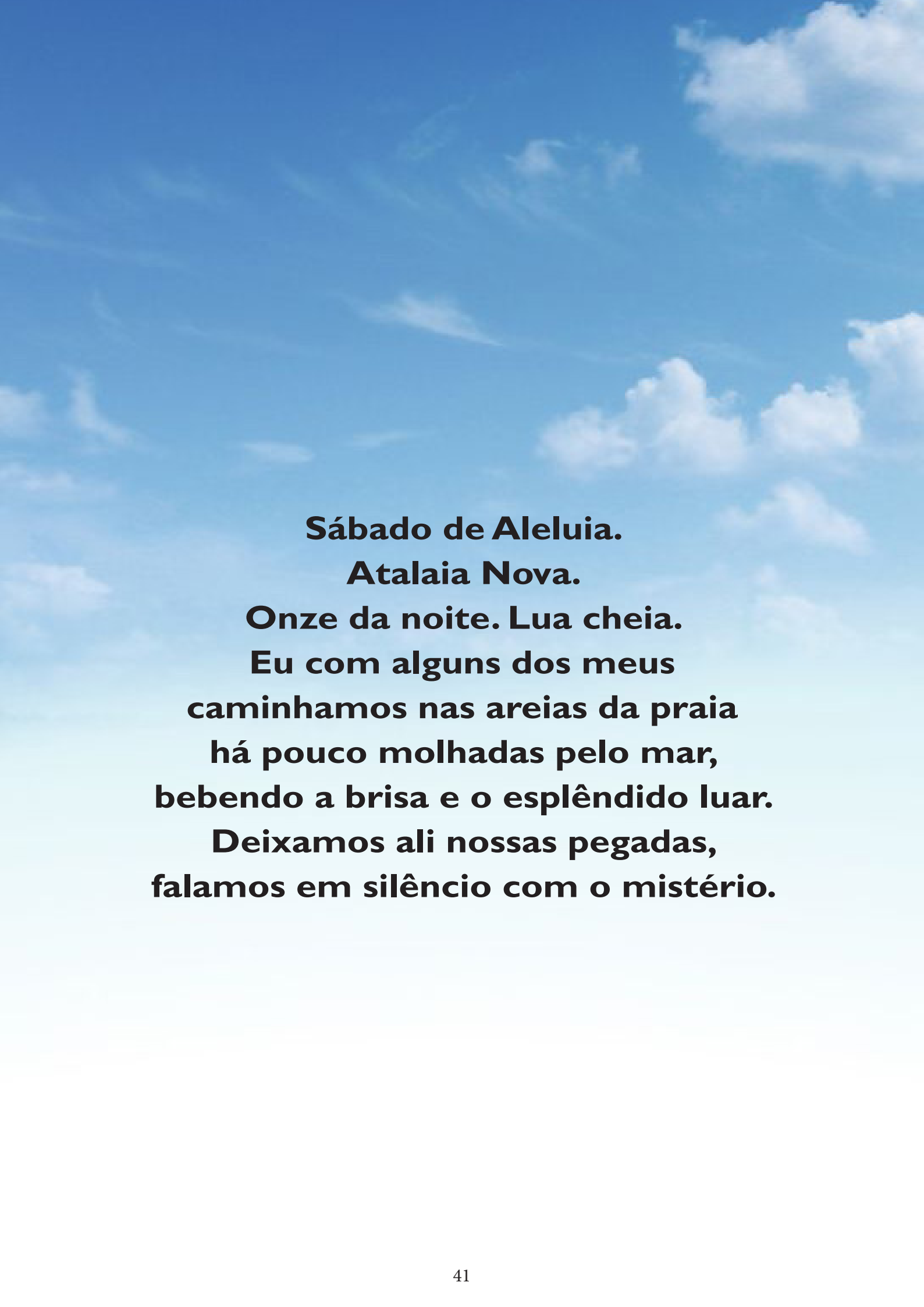
**A vida é a mais pesada das sentenças,
o mais caro dos prêmios.
A vida é o que disseram, dizem e dirão.
A vida é o que Deus nós escondeu.**

**A noite faz greve contra mim, o que é raro.
Deve ser a ânsia que sinto de logo enxergar
como quando eu era menino.**

**Ânsia de me reencontrar.
Se finalmente o dia de amanhã chegar,
pelas mãos do doutor César Faro
trocarei por um novo
meu embotado cristalino.**



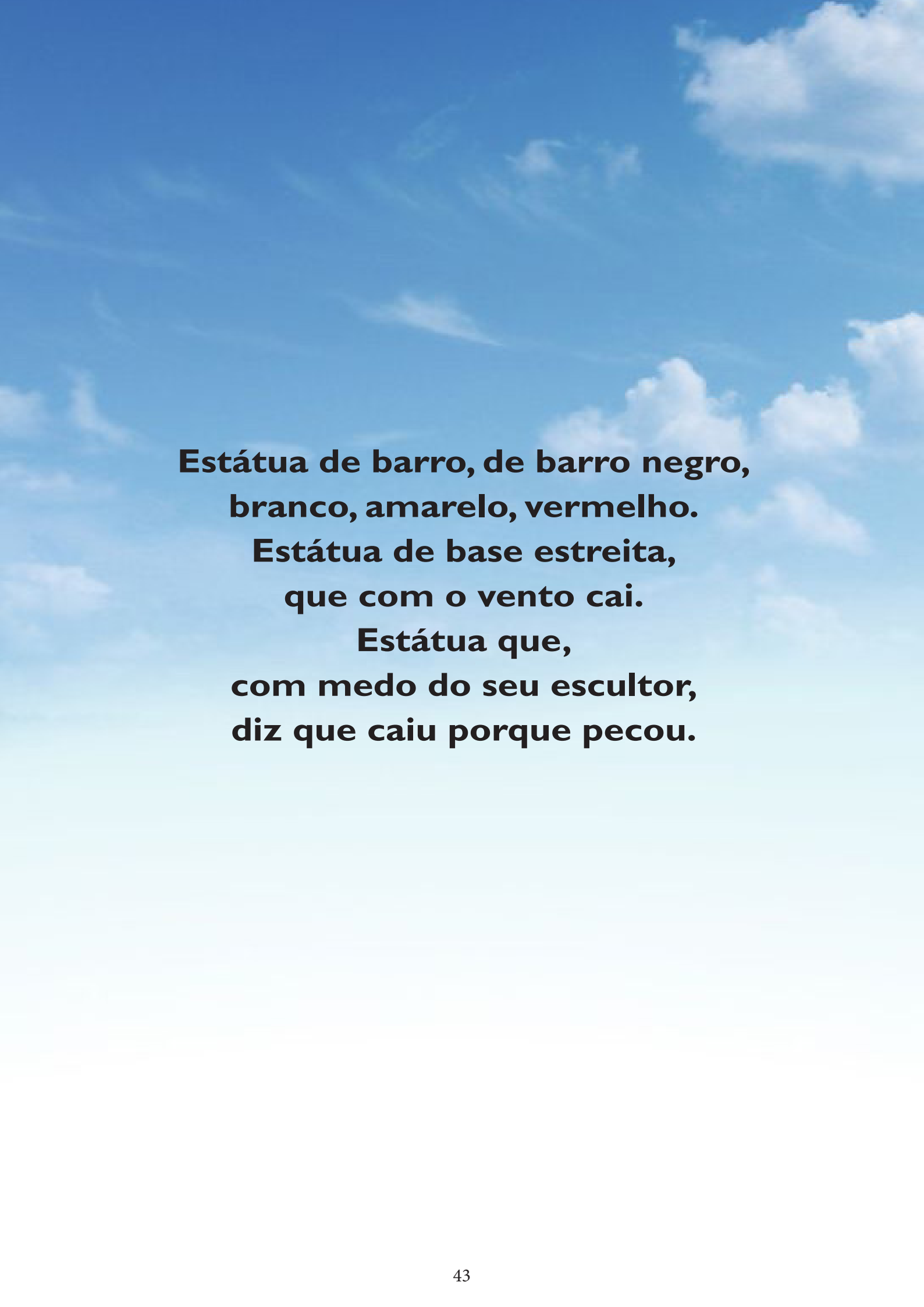
**Na rua que me criei,
corria pelo meio uma suja vala,
onde nela, com latas vazias
de leite Glória ou Ninho,
eu pegava piabas barrigudas.
Por sorte
não peguei doenças.**



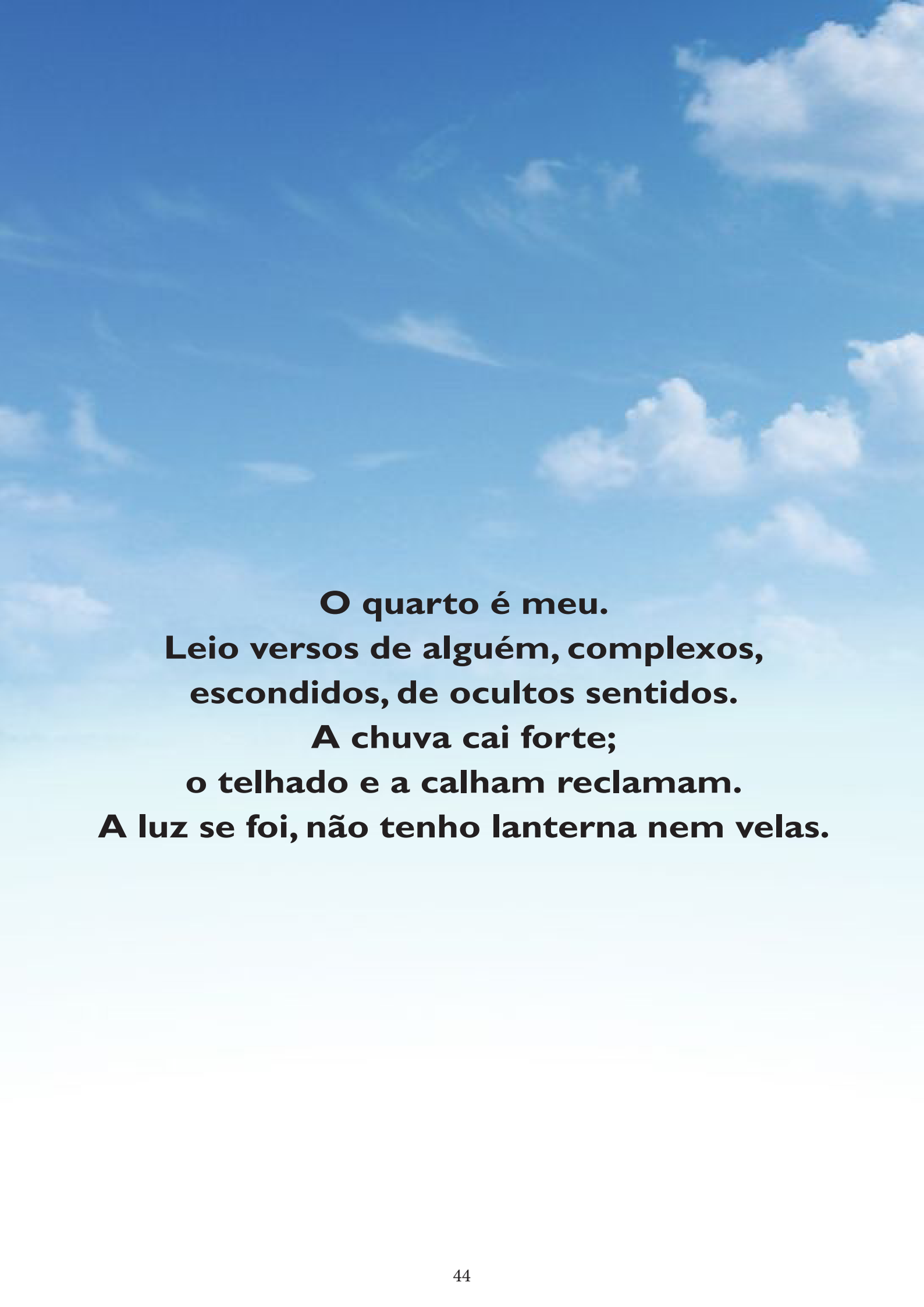
**Sábado de Aleluia.
Atalaia Nova.
Onze da noite. Lua cheia.
Eu com alguns dos meus
caminhamos nas areias da praia
há pouco molhadas pelo mar,
bebendo a brisa e o esplêndido luar.
Deixamos ali nossas pegadas,
falamos em silêncio com o mistério.**

A background image of a clear blue sky with scattered white clouds. The clouds are more concentrated in the upper right and lower right areas, while the left side is mostly clear blue.

**Somos tudo,
enquanto a alma se cansa.
Somos nada,
enquanto a alma descansa.**



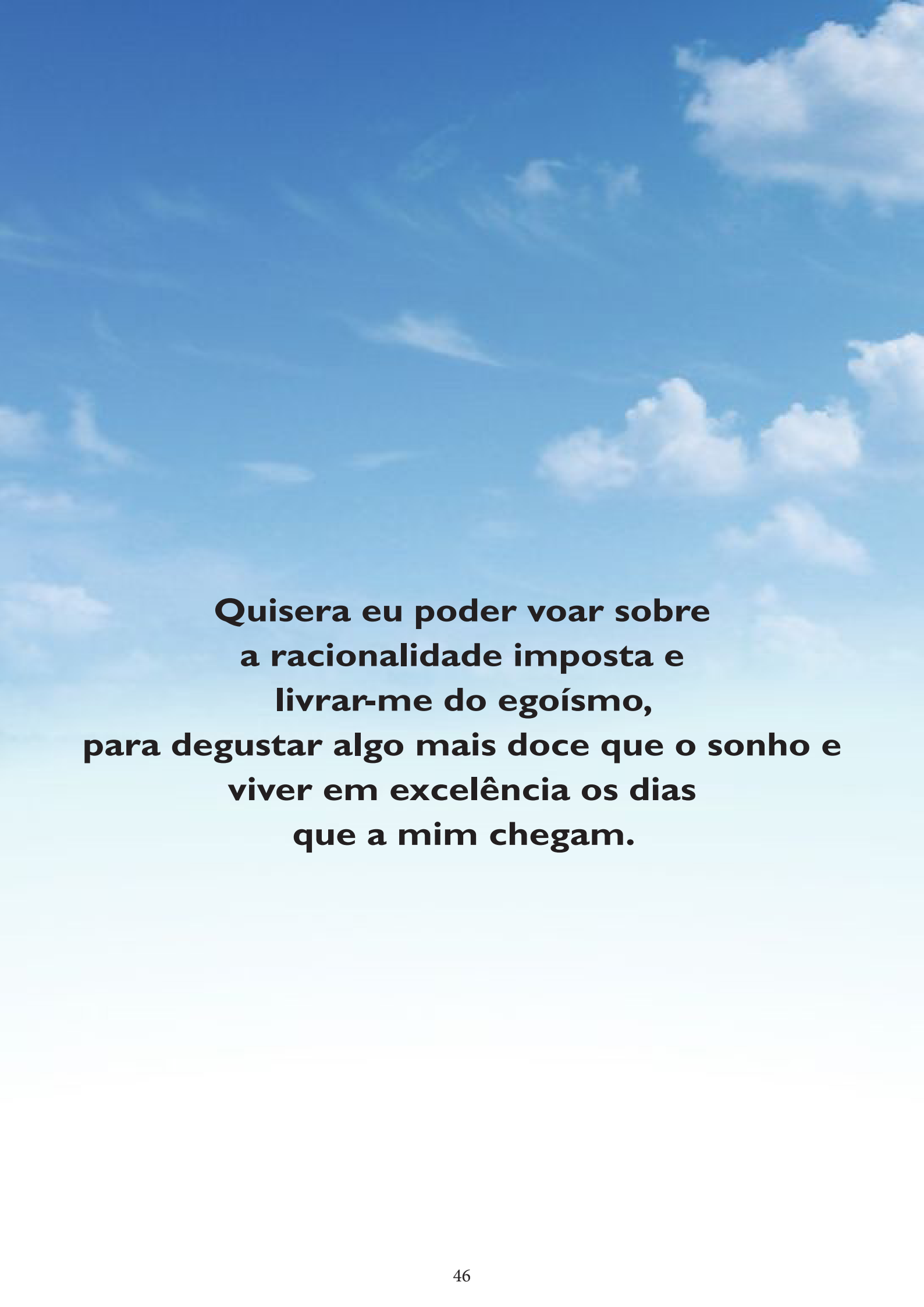
**Estátua de barro, de barro negro,
branco, amarelo, vermelho.
Estátua de base estreita,
que com o vento cai.
Estátua que,
com medo do seu escultor,
diz que caiu porque pecou.**



**O quarto é meu.
Leio versos de alguém, complexos,
escondidos, de ocultos sentidos.
A chuva cai forte;
o telhado e a calham reclamam.
A luz se foi, não tenho lanterna nem velas.**



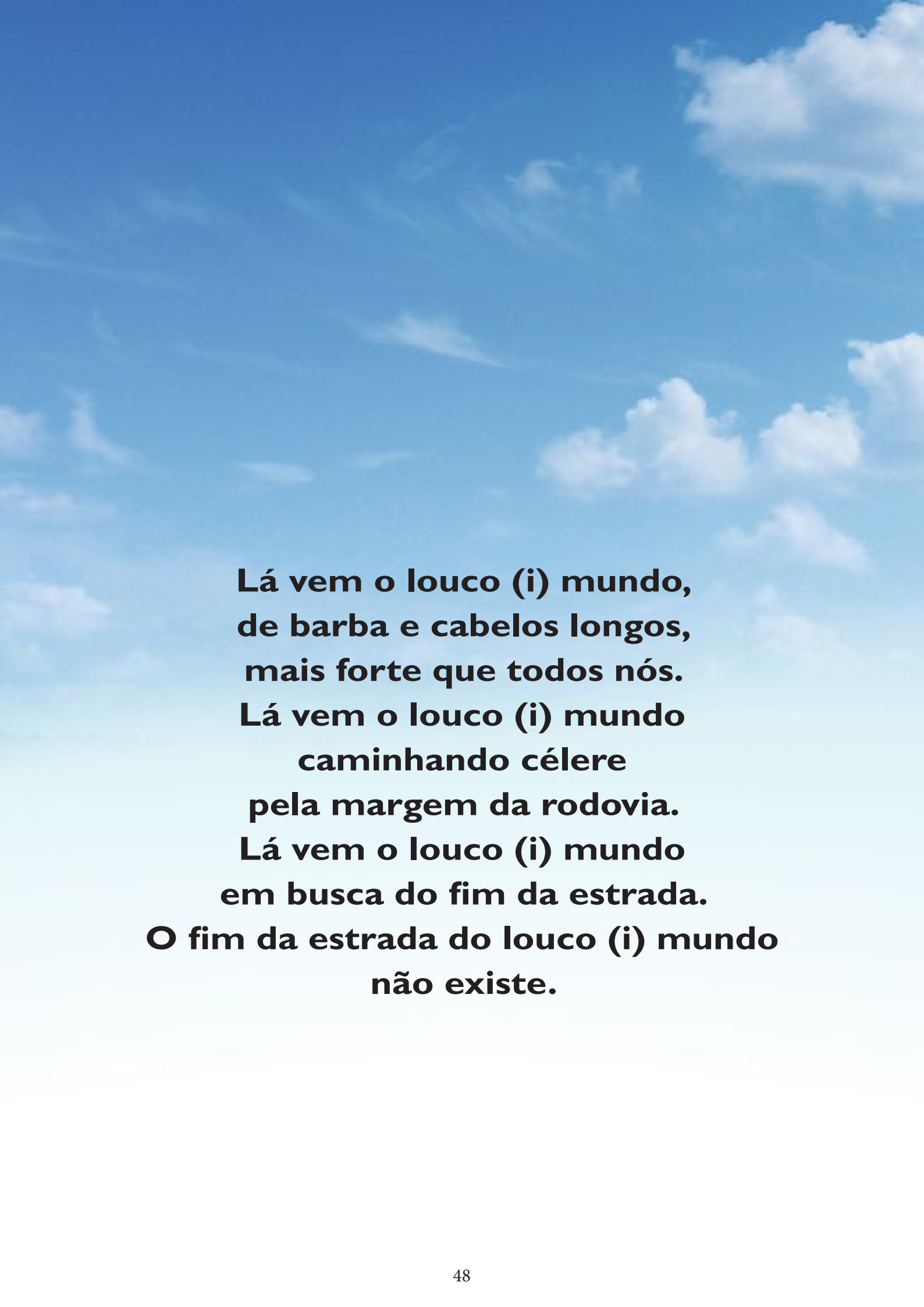
**Que venha a vida,
que venha a morte,
que venham a boa e a má sorte.
Fomos feitos para tanto.**



**Quisera eu poder voar sobre
a racionalidade imposta e
livrar-me do egoísmo,
para degustar algo mais doce que o sonho e
viver em excelência os dias
que a mim chegam.**



**Tanta gente passando por mim!
Tanta gente igual a mim!
É como se diante de um espelho:
no que faço, no que não faço,
no disse-me-disse, na mesmice,
nas roupas sem marca, nos pés mal calçados.
Estou cansado de olhar
para o que não se muda.
Deixe eu fugir dos meus reflexos!**



**Lá vem o louco (i) mundo,
de barba e cabelos longos,
mais forte que todos nós.
Lá vem o louco (i) mundo
caminhando célere
pela margem da rodovia.
Lá vem o louco (i) mundo
em busca do fim da estrada.
O fim da estrada do louco (i) mundo
não existe.**

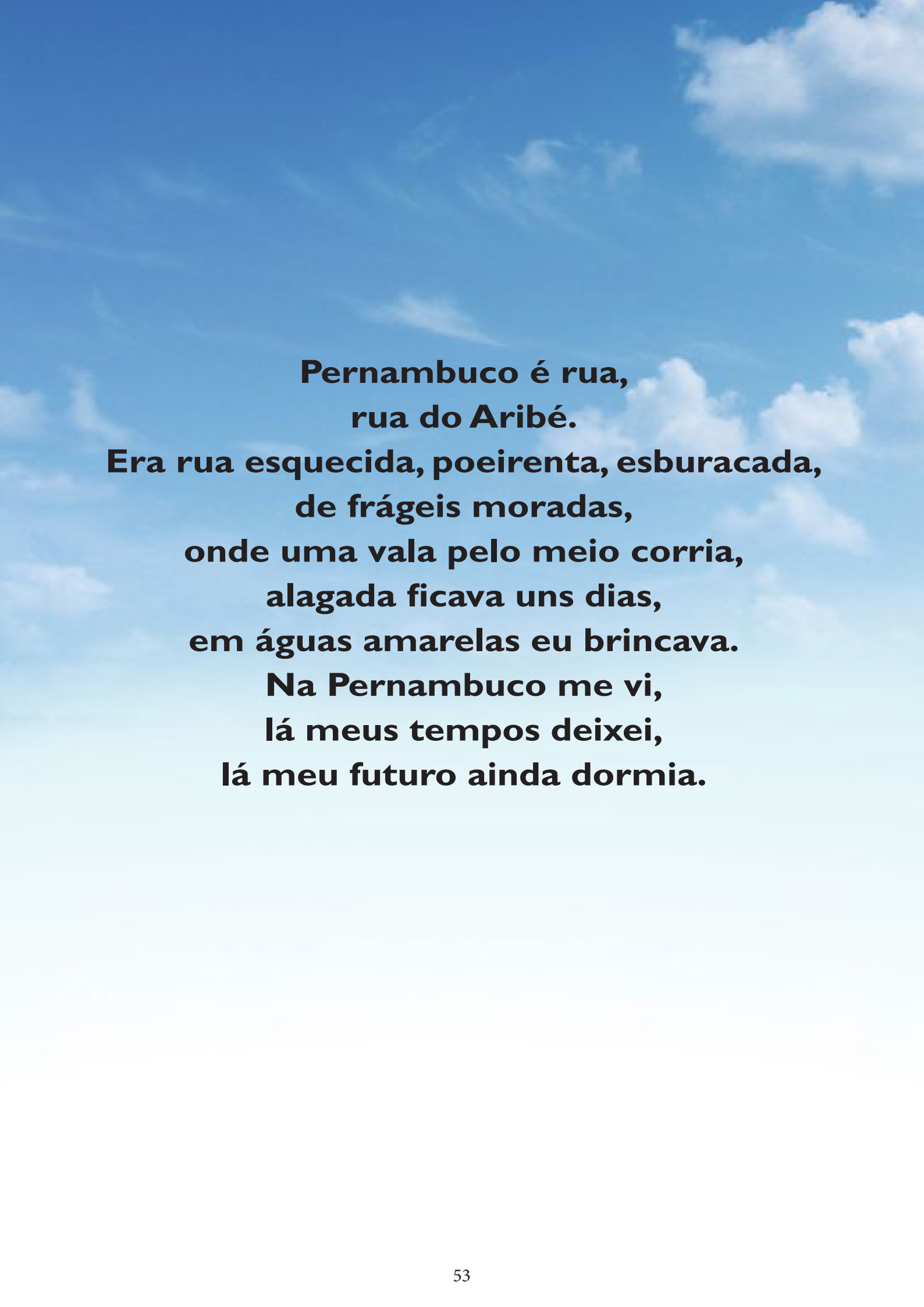
**Vi o rio Sergipe pela primeira vez,
o rio da minha existência, da minha história.
Eu tinha de sete pra oito anos.
Em pé me encontrava,
na calçada da rua da Frente,
na porta do Trapiche Lima,
onde trabalhava meu pai Felinto.
Oito da manhã, se muito.
Eu estava com Gilda minha mãe.
O rio em minha frente, muito largo,
imponente;
suas águas brilhavam como milhões de
espelhinhos a refletir o sol.
Guardo a imagem de um navio
passando pelo meio do rio.
Deslumbrado, fiquei ali por um tempo.
Não me levaram à balaustrada.**

**O rosto é a alma dizendo.
O que diz o seu rosto quase sempre não sei.
Não vejo o seu rosto senão quando chora.
Arrisco vê-lo em repouso,
guardado, longe daqui,
mesmo assim, ligeiro, com receio,
pois de algum lugar ele pode estar
olhando pra mim.**

**Dou passos curtos em caminhos longos,
corro, me escondo, e o que eu seguro, cai,
desorganiza-se, envelhece, morre.**
**Dou passos longos em caminhos curtos,
perco-me, me esqueço, contradigo,
tudo conspira contra, solta da minha mão.**
Vejo tudo vão, menos aquele momento.



**Por uma escada profunda em espiral
desço ao aterro onde lançamos
lembranças imprestáveis, sem valor.
Mais das vezes, neste lugar, lançamos joias.
Busco neste meu mergulho
uma outrora esquecida luz,
uma pedra preciosa.**



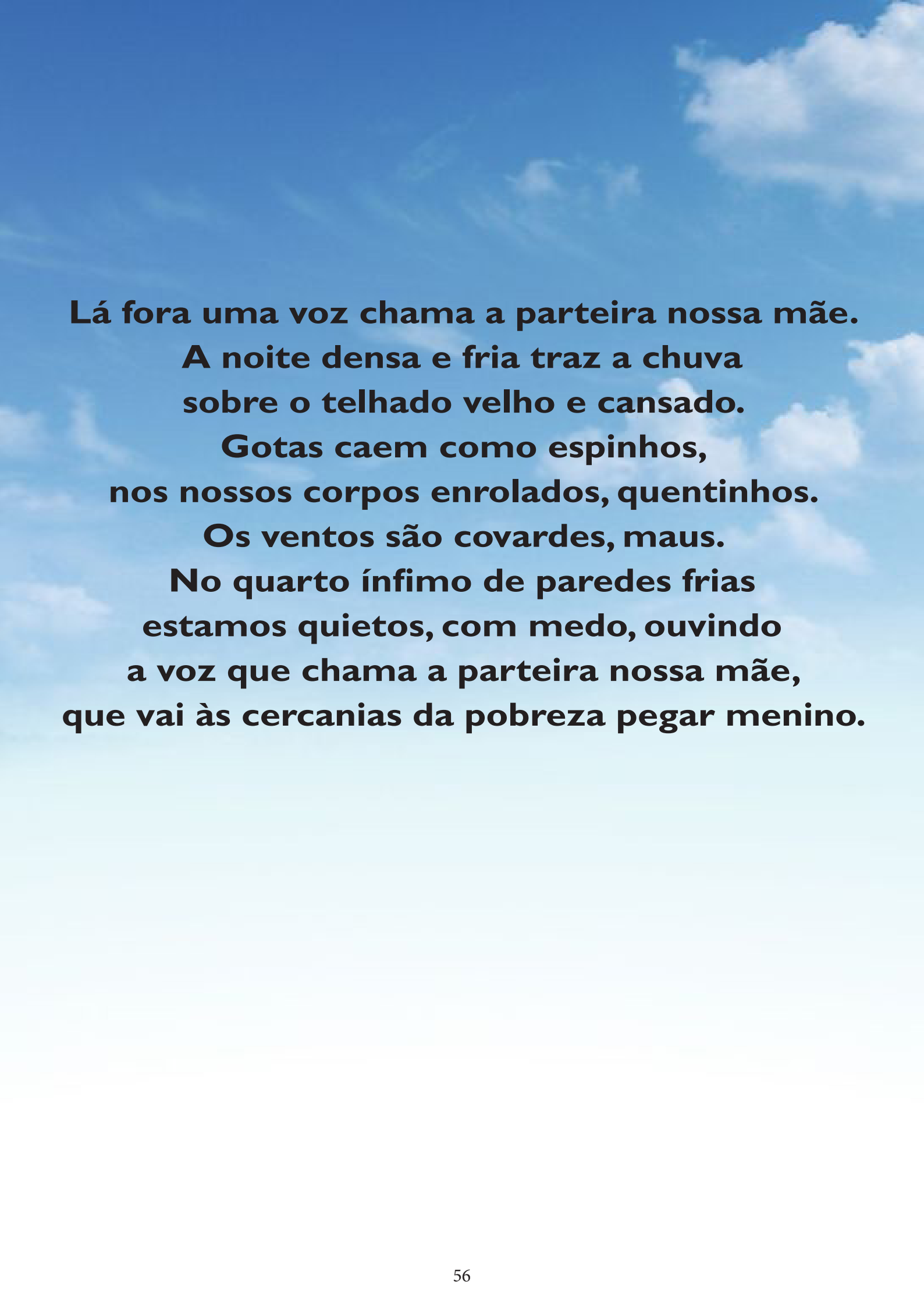
**Pernambuco é rua,
rua do Aribé.
Era rua esquecida, poeirenta, esburacada,
de frágeis moradas,
onde uma vala pelo meio corria,
alagada ficava uns dias,
em águas amarelas eu brincava.
Na Pernambuco me vi,
lá meus tempos deixei,
lá meu futuro ainda dormia.**

**O barbeiro, de cabelos lisos, brancos,
corta o cabelo crespo, gasto, seco, sem brilho,
que cai pinicado, morto, sobre costas, pernas,
sobre as páginas da revista velha.**

**O barbeiro, tranquilo, conversa baixo,
macio, faz graça,
conhece quem passa e a alguns dá esmola.
O cabelo gasto, seco e sem brilho é o meu.**

**Giro entre espelhos,
vestido em pano de cabelo.
Em ângulos admiro o velho e a criança
que esperam.**

**Sua beleza curva é feita de frente,
de mangues, de prédios, de praia formosa.
É calma ela, minha Aracaju,
de ar farto, cheiroso.
É obra do rio e de mãos que sei.
Não me canso de possuí-la
apesar das tantas vezes.
Para lá do estuário amplo que
acho lindo das pedras,
mar não tem igual, farol, azul, quanto sol!
Atalaia, mergulhos dou.**



**Lá fora uma voz chama a parteira nossa mãe.
A noite densa e fria traz a chuva
sobre o telhado velho e cansado.
Gotas caem como espinhos,
nos nossos corpos enrolados, quentinhos.
Os ventos são covardes, maus.
No quarto ínfimo de paredes frias
estamos quietos, com medo, ouvindo
a voz que chama a parteira nossa mãe,
que vai às cercanias da pobreza pegar menino.**

**As piores noites eu passei na infância,
nos calores dos verões implacáveis,
inimigos dos pobres desvalidos,
num quarto pequeno, úmido e abafado,
partilhado com irmãos do ventre,
deitado em colchão de capim,
duro, quente, espinhento,
quase sempre mal forrado,
enrolado em lençol de saco,
sob cortinado mal posto,
rasgado, tirado com os pés,
picado por sedentas muriçocas,
sem sono, suado, impaciente,
com medo, não raro, com dor de barriga,
dor de dente,
observando ratos no telhado,
procurando argueiro nos olhos,
ouvindo os sons amedrontadores
das noites profundas.**



**Gente sem nada,
boia-fria na mão,
luta sem trégua por um quase não.**

**Gilda começa com gê,
de gato, galocha, gesso, gelado.
Mas o Gilda de minha mãe
com jota foi registrado.
É que sendo mamãe a mais nova
e seu pai a nomear os filhos
com jota como letra inicial,
- Jair, Jaci, Jackson, Jacira e Jandira,
desconhecendo que Gilda se escreve com gê
e não recebendo um não do cartório,
fez de mamãe uma Gilda com jota.**



**Um barco, dois remos,
sorte e perícia no remar
unem dois extremos:
O homem e o mar.**

**Lanternas vermelhas, enfileiradas, acesas,
luzes que acenam para mim.**

Estou preso na profusão delas.

**A noite se instala,
no rádio do carro o tenor canta,
a “Ave Maria” é bela.**

**Não há luz verde, não há guarda,
há crianças me pedindo esmolas.**

**Os pneus giram lentamente,
o motor está quente,
o combustível conspira,
o cinto incomoda.**

**Estou preso entre carros semivazios
e ônibus lotados de Brasil.**

Elogio e censuro os outros.

A impaciência me toma.

**Reflito os lados da moeda,
penso na paz e na alegria que persigo.**

Finalmente um apito.

**Na procura do inexplicável,
elevo-me ao cume da minha consciência,
descortino meu ego,
abro fendas no âmago do meu sentir.
Contudo, não enxergo a razão da existência,
o caminho que me fez viável,
a ponte que me transportou
a este efêmero existir.**



**Lanço-me no “Dino”.
E na contagiante multidão
entre cordas e cordeiros,
sinto cheiro de amor.
O trio eletrizante me arrasta
numa autêntica procissão pagã.
Água espirituosa me afeta,
divirto-me, canso.
É festa elétrica,
de guitarras e teclados,
de sopros, tambores e vozes.
Na harmonia do samba,
em danças e ritmos,
galera em frenesi.
Violência às vezes sim,
mas mamãe sacode,**

**pois o espírito é da paz
e o tempero da alegria
é a pimenta nativa.**

**É festa dos sexos,
dos corpos em cores,
dos beijos na boca,
da caça ao outro,
da vida em sedução.**

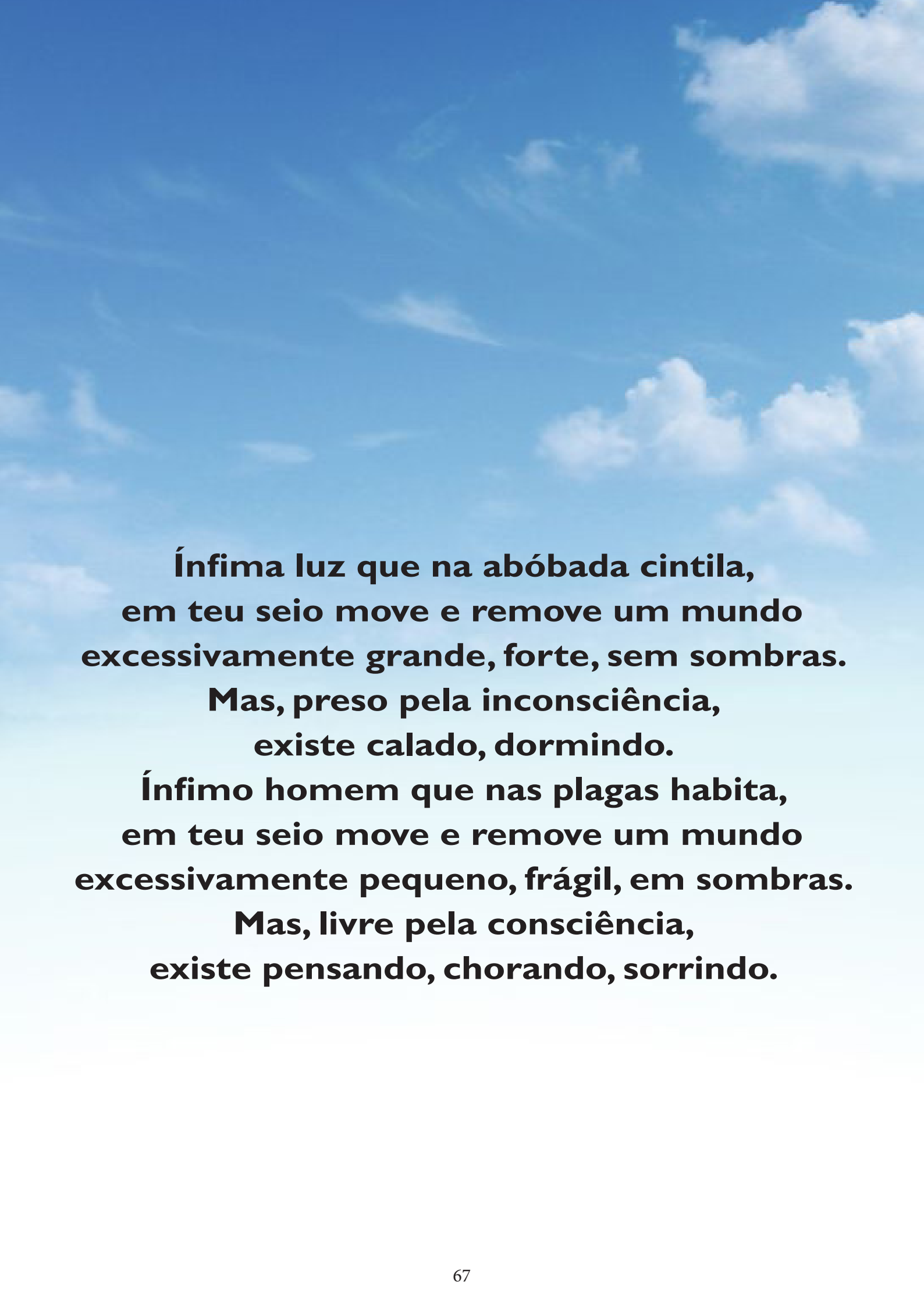
**No rio da folia,
na barca do amor,
pulo e canto com os sauros:
“O seu amor é canibal,
Comeu meu coração e
Agora eu sou feliz”.**

**No meu tempo de menino,
levei tapa, murro, carão,
cascudo, puxão, beliscão,
palmada, pesada, apelido,
cinturão, castigo, pedrada,
caldo, carreira, empurrão,
ou seja, muitos “não”.**

**Por sorte
cheguei até aqui.**



**Que nossas crenças não nos vençam.
Que nossos desejos não nos matem.**

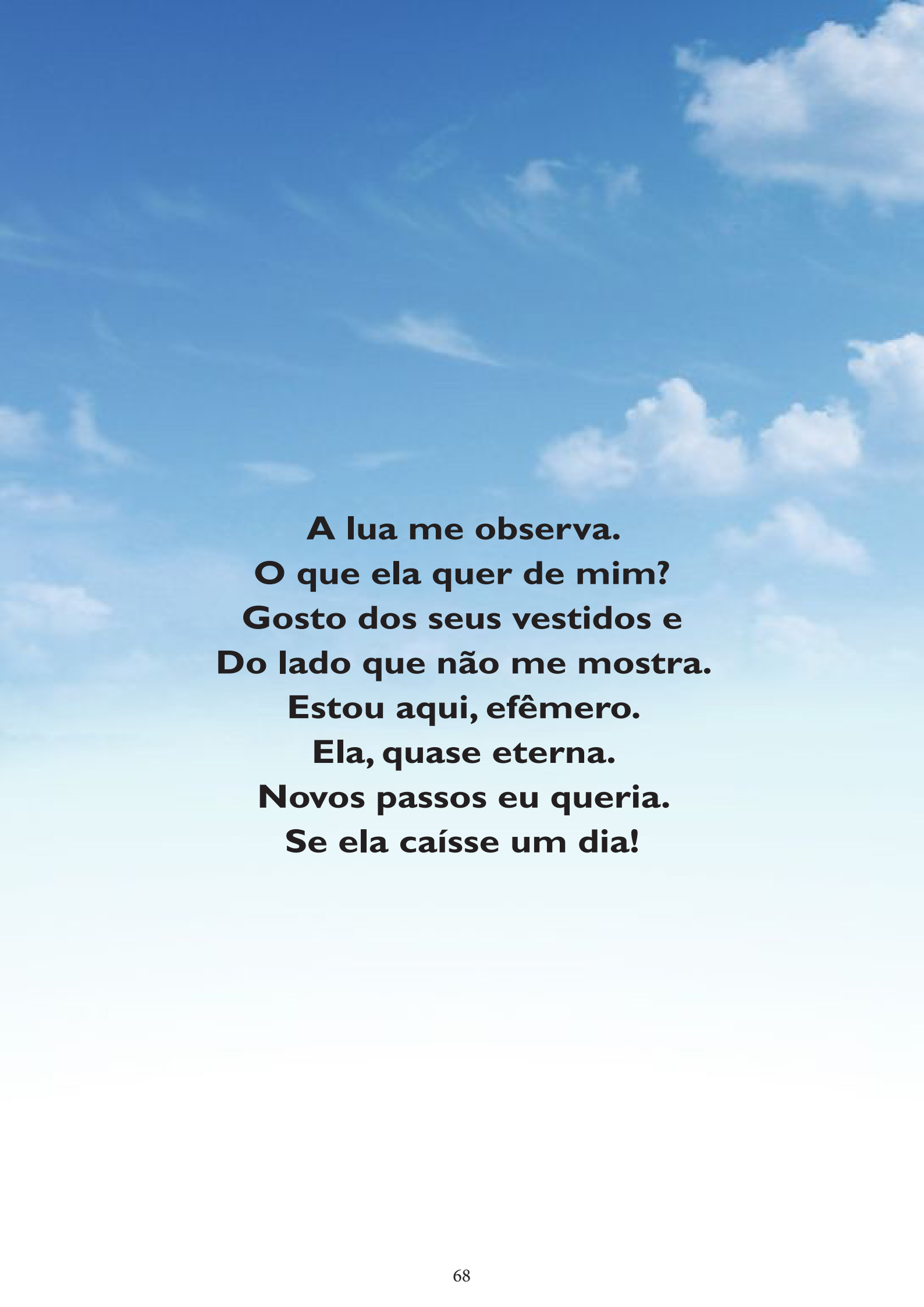


**Ínfima luz que na abóbada cintila,
em teu seio move e remove um mundo
excessivamente grande, forte, sem sombras.**

**Mas, preso pela inconsciência,
existe calado, dormindo.**

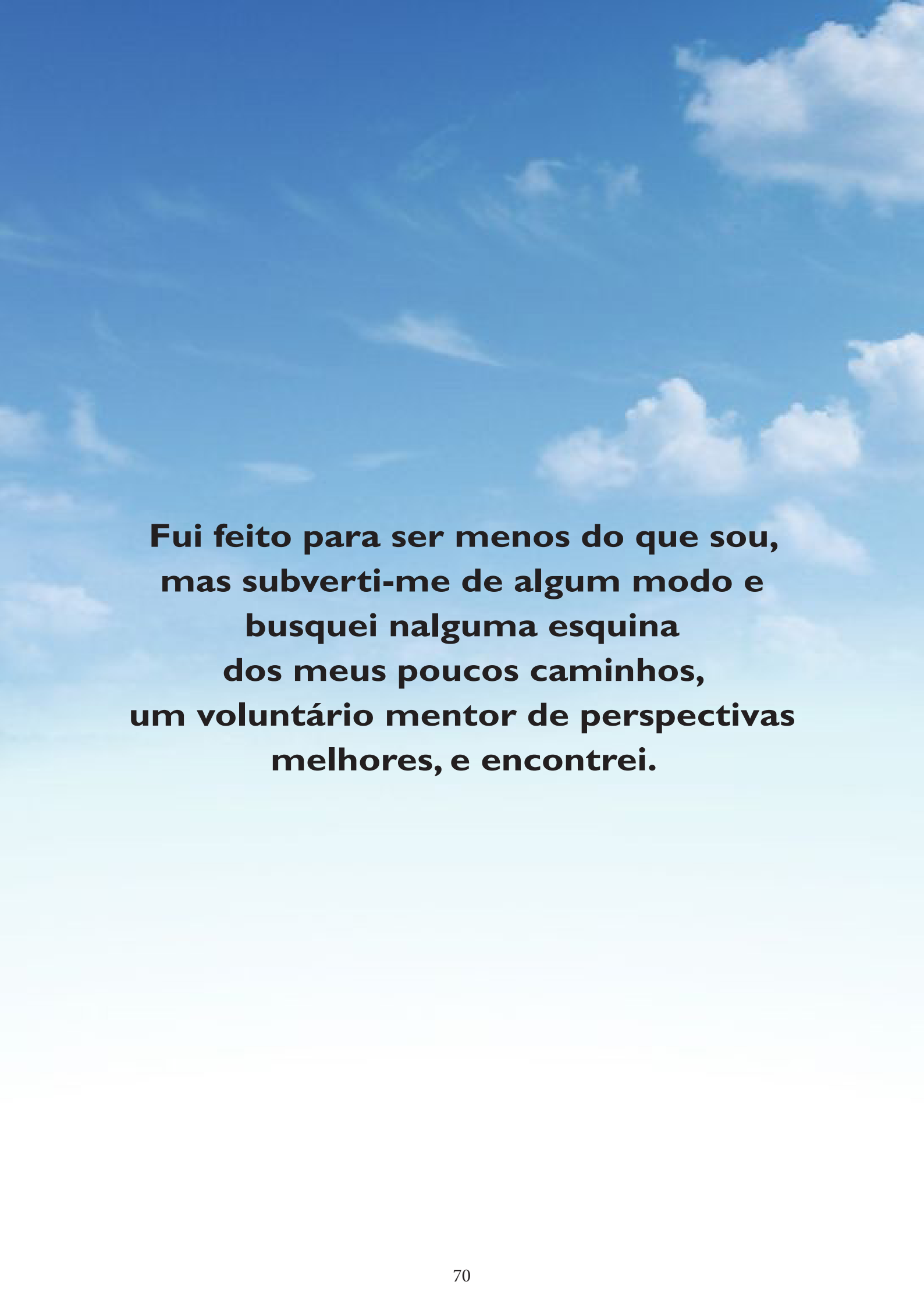
**Ínfimo homem que nas plagas habita,
em teu seio move e remove um mundo
excessivamente pequeno, frágil, em sombras.**

**Mas, livre pela consciência,
existe pensando, chorando, sorrindo.**

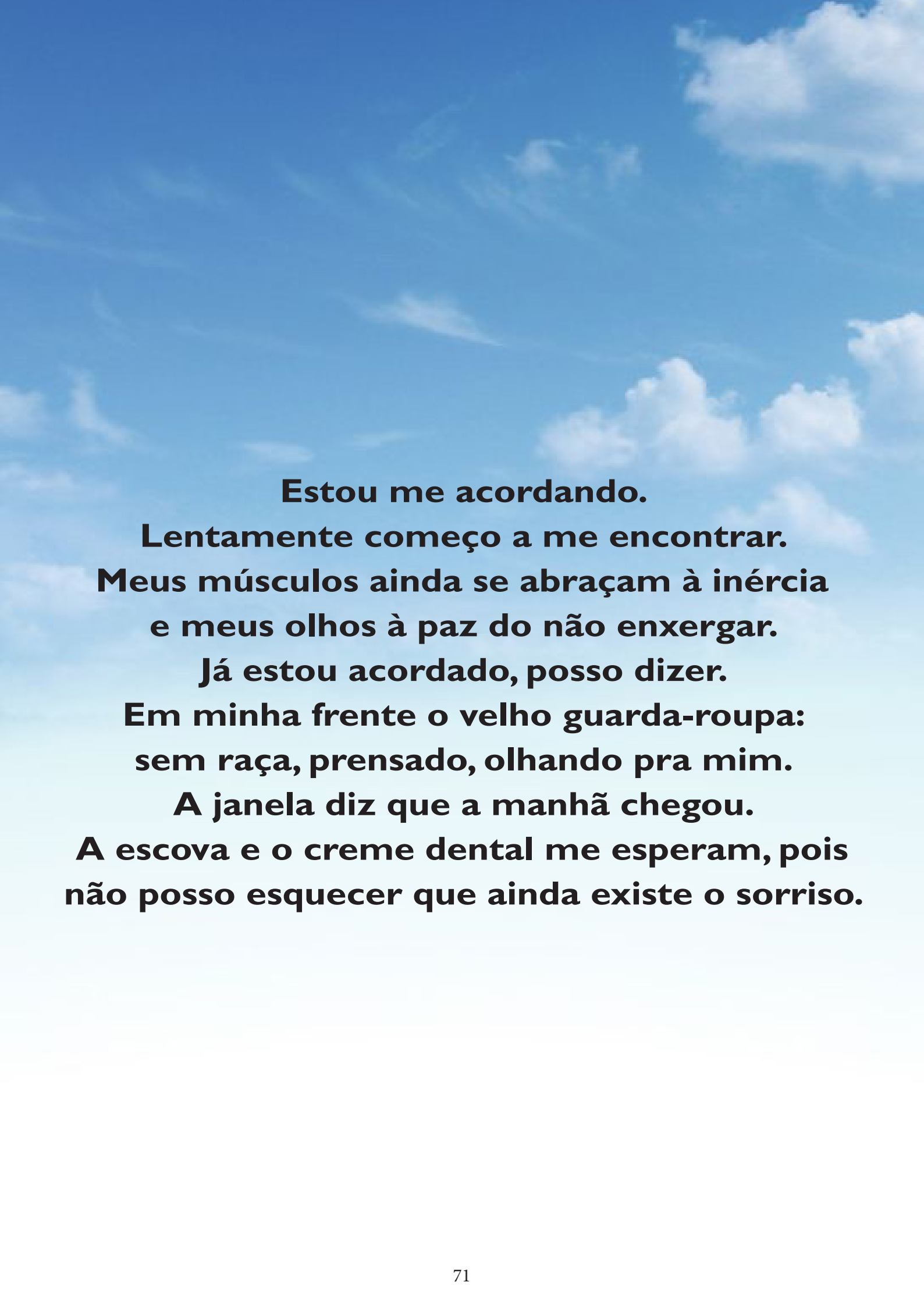


**A lua me observa.
O que ela quer de mim?
Gosto dos seus vestidos e
Do lado que não me mostra.
Estou aqui, efêmero.
Ela, quase eterna.
Novos passos eu queria.
Se ela caísse um dia!**

**Viajamos num trem circular
de infindáveis vagões,
sobre os trilhos do tempo,
a percorrer pontes de medo,
túneis de solidão e quilômetros de desejo.
Não sabemos em que direção,
que paradas, que estações,
apenas, que esperamos.
Nossa alma é o trem,
a alma humana coletiva.
Não importa se digo sim e você não,
no trem estamos sempre conosco,
construindo e destruindo ilusões.**



**Fui feito para ser menos do que sou,
mas subverti-me de algum modo e
busquei nalguma esquina
dos meus poucos caminhos,
um voluntário mentor de perspectivas
melhores, e encontrei.**



Estou me acordando.
Lentamente começo a me encontrar.
Meus músculos ainda se abraçam à inércia
e meus olhos à paz do não enxergar.
Já estou acordado, posso dizer.
Em minha frente o velho guarda-roupa:
sem raça, prensado, olhando pra mim.
A janela diz que a manhã chegou.
A escova e o creme dental me esperam, pois
não posso esquecer que ainda existe o sorriso.

**Nos dias de criar filhos,
eles brincam, brigam, fazem dever,
conversam, trazem amigos.**

**Nos dias de criar filhos,
a mulher reclama, eles pulam na cama,
sujam o chão, não querem lavar banheiro,
vão a pulso comprar o pão.**

**Nos dias de criar filhos,
o computador manda, a televisão desmanda,
o rock in' roll do Nirvana,
a luz que não apagam,
o ventilador, o telefone chama,
os cachorros latem,
o papagaio diz coisa, assobia,
no aquário os peixes em silêncio,
o gato arranha, mia, a ração acaba,
jandaias, calopsitas, periquitos, algazarra.
Nos dias de criar filhos, nós nos recriamos.**

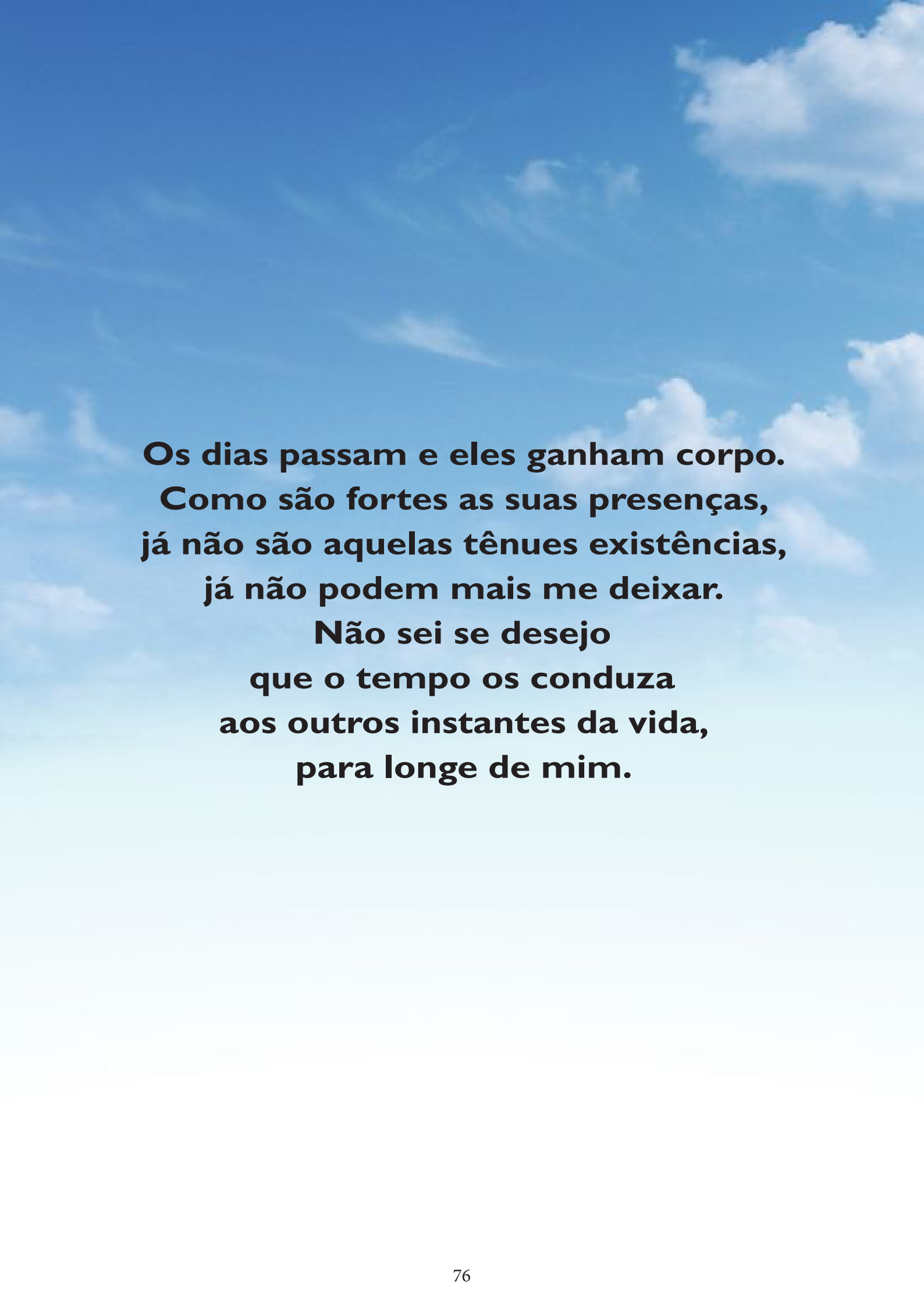
A background image of a clear blue sky with scattered white clouds. The text is centered in the middle of the image.

**O olho se entrega ao escuro,
e até sente prazer,
mas sua paixão é a luz.**

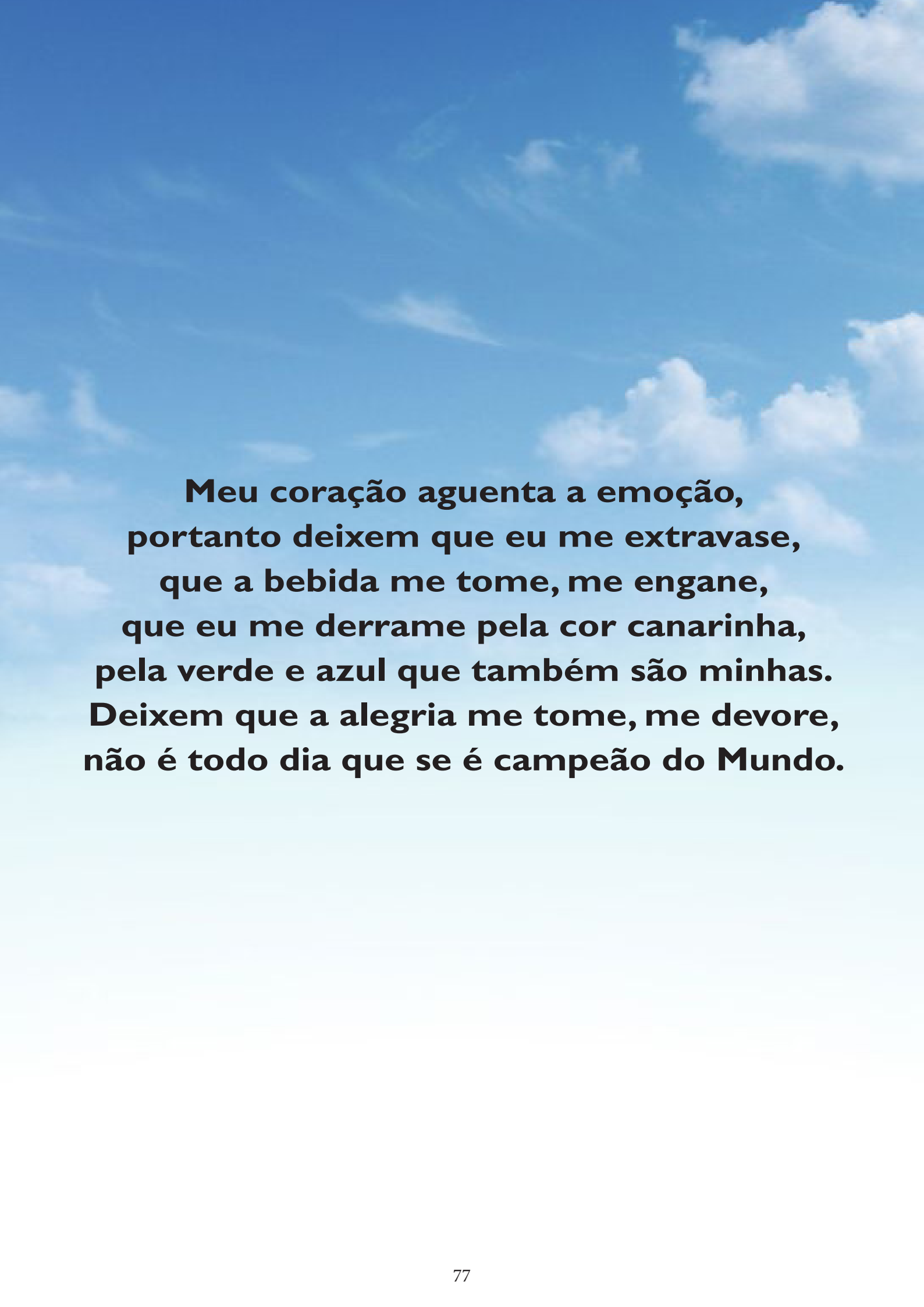
**Pouso na casa deles
tal qual um canário cantador
num viveiro de sofrer.
Canto minhas glórias e
ouço os seus lamentos.
Estou na casa deles:
do empregado rural,
do meeiro, do parceiro,
do pequeno produtor.
Hoje ela está cheia,
é segunda-feira,
dia do dentista sem diploma e
do médico que não parece doutor.
Estou aqui faz uns dias,
domando carcarás e gaviões famintos.**



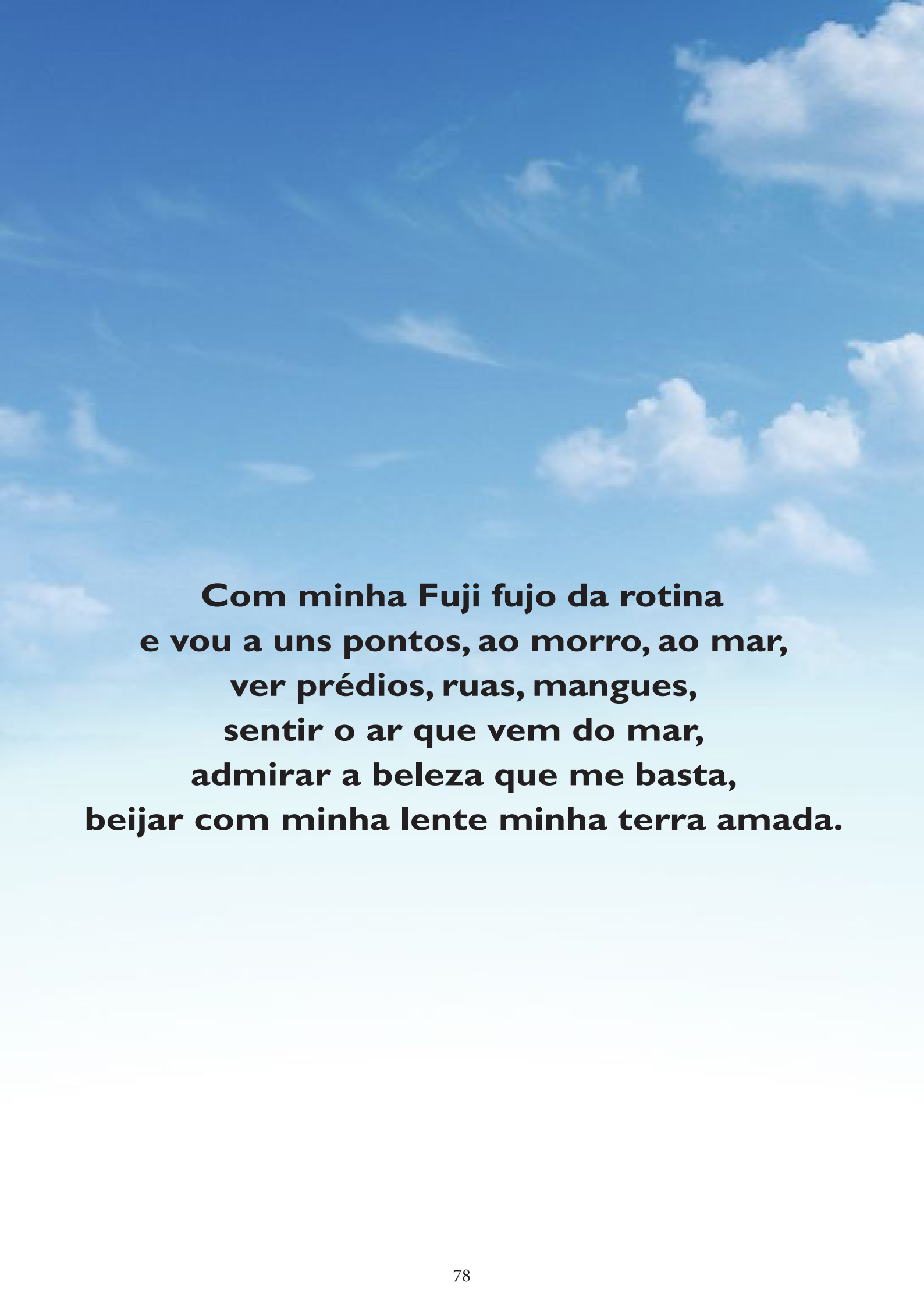
**No despertar destas minhas frias manhãs,
o cantar do bem-te-vi,
louvando a luz nascente que vem do mar
e o silêncio que ainda copula com o ar,
é presença de Deus que me apraz.**



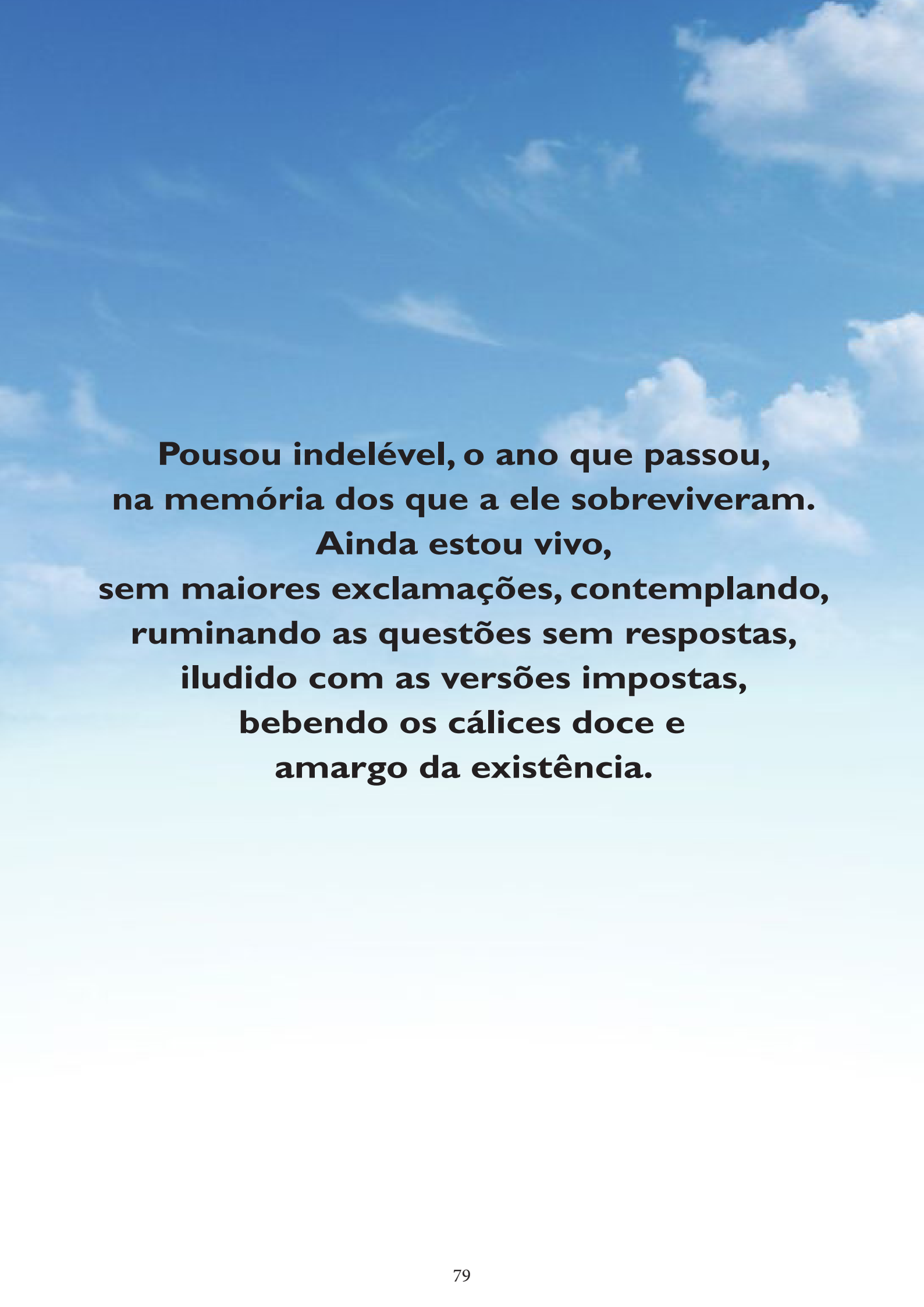
**Os dias passam e eles ganham corpo.
Como são fortes as suas presenças,
já não são aquelas tênues existências,
já não podem mais me deixar.
Não sei se desejo
que o tempo os conduza
aos outros instantes da vida,
para longe de mim.**



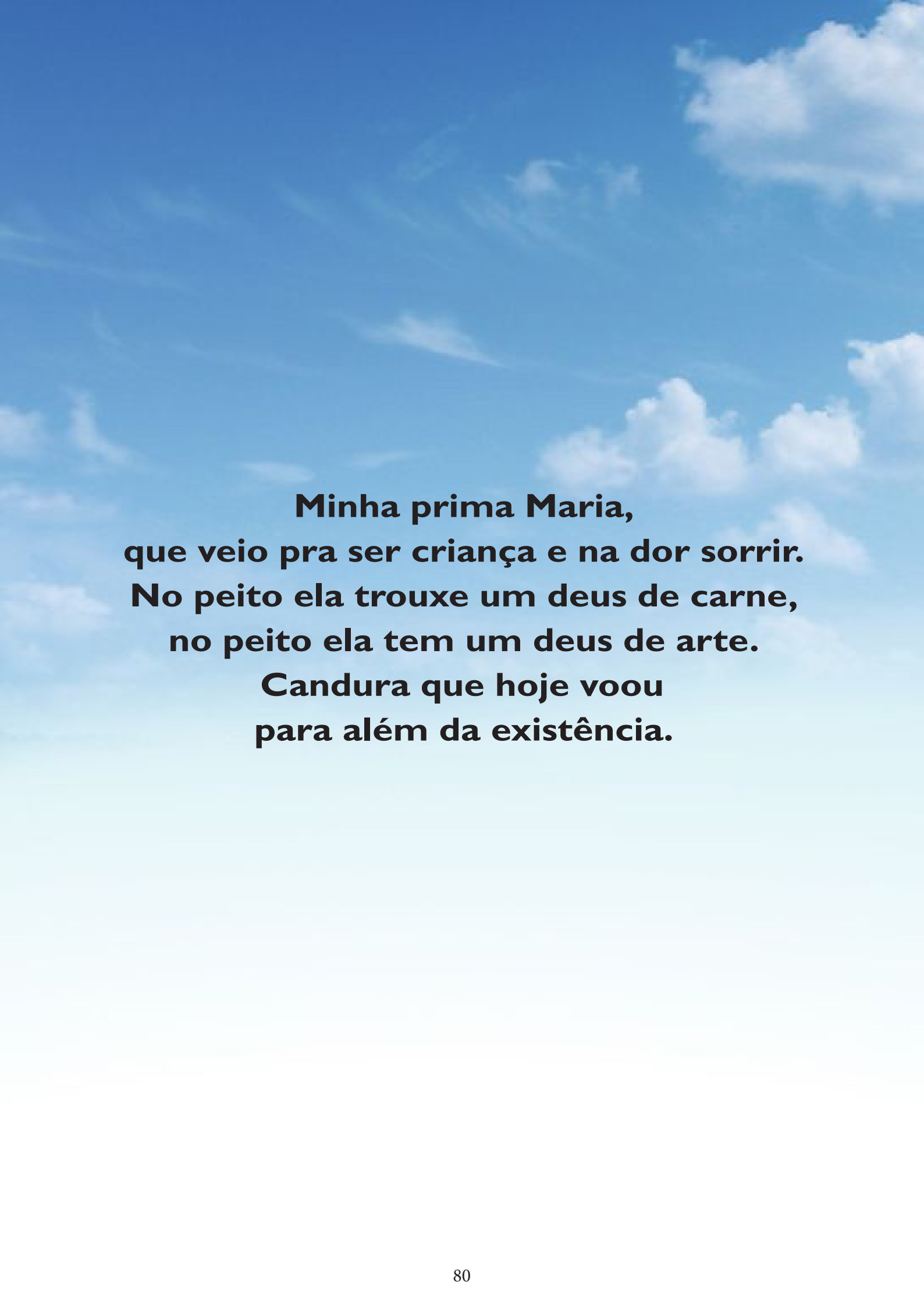
**Meu coração aguenta a emoção,
portanto deixem que eu me extravase,
que a bebida me tome, me engane,
que eu me derrame pela cor canarina,
pela verde e azul que também são minhas.
Deixem que a alegria me tome, me devore,
não é todo dia que se é campeão do Mundo.**



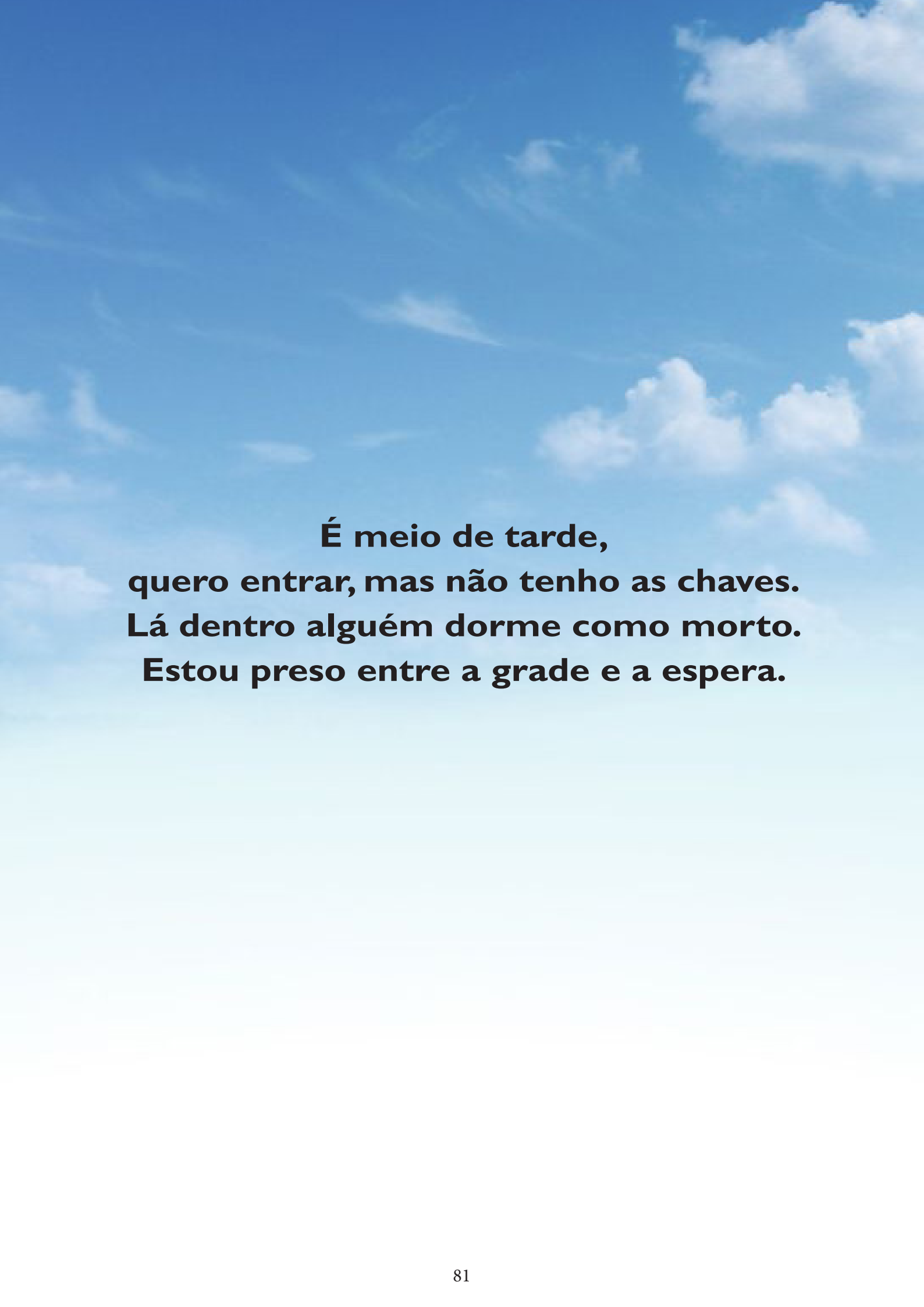
**Com minha Fuji fujo da rotina
e vou a uns pontos, ao morro, ao mar,
ver prédios, ruas, mangues,
sentir o ar que vem do mar,
admirar a beleza que me basta,
beijar com minha lente minha terra amada.**



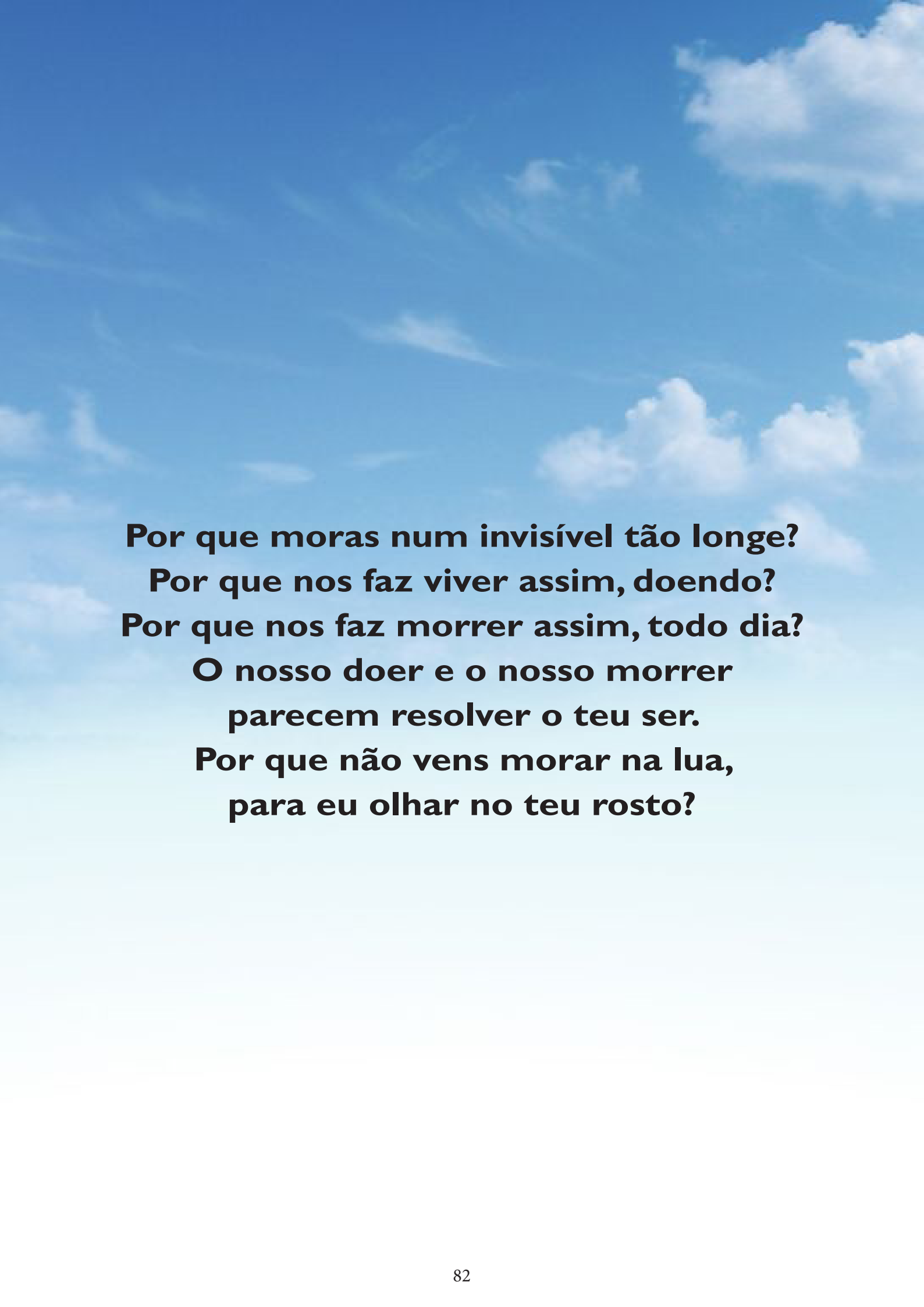
**Pousou indelével, o ano que passou,
na memória dos que a ele sobreviveram.
Ainda estou vivo,
sem maiores exclamações, contemplando,
ruminando as questões sem respostas,
iludido com as versões impostas,
bebendo os cálices doce e
amargo da existência.**



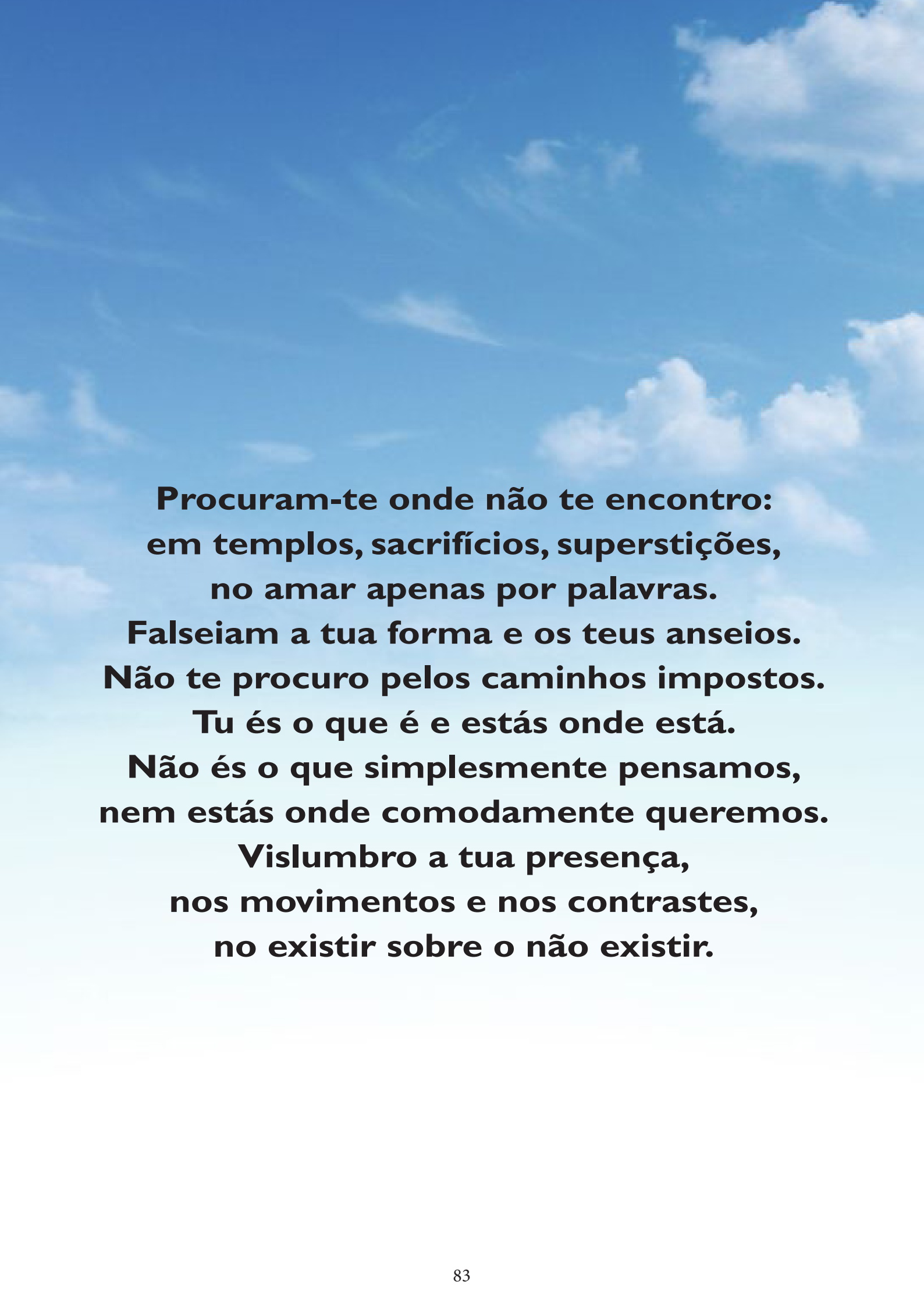
**Minha prima Maria,
que veio pra ser criança e na dor sorrir.
No peito ela trouxe um deus de carne,
no peito ela tem um deus de arte.
Candura que hoje voou
para além da existência.**



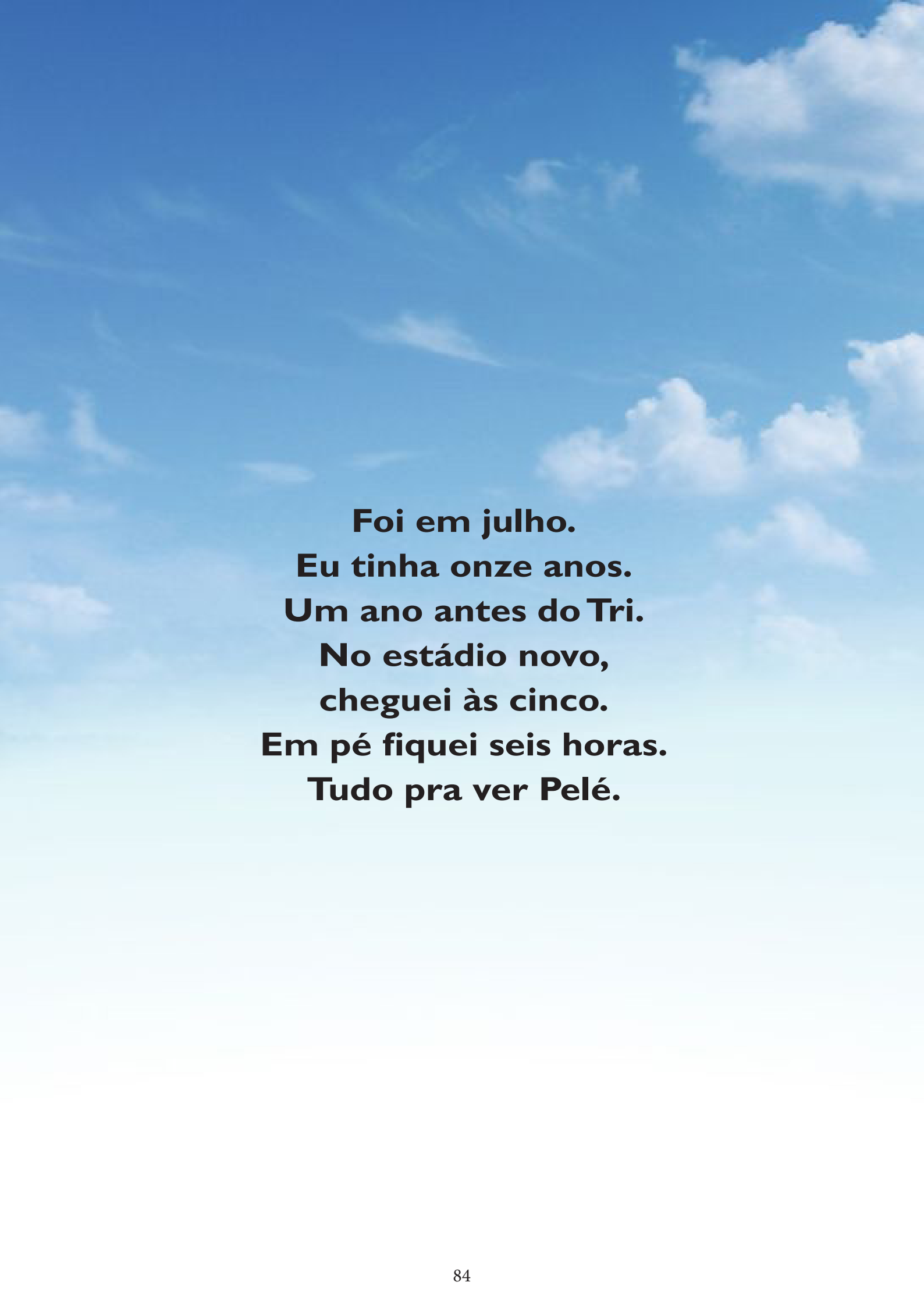
**É meio de tarde,
quero entrar, mas não tenho as chaves.
Lá dentro alguém dorme como morto.
Estou preso entre a grade e a espera.**



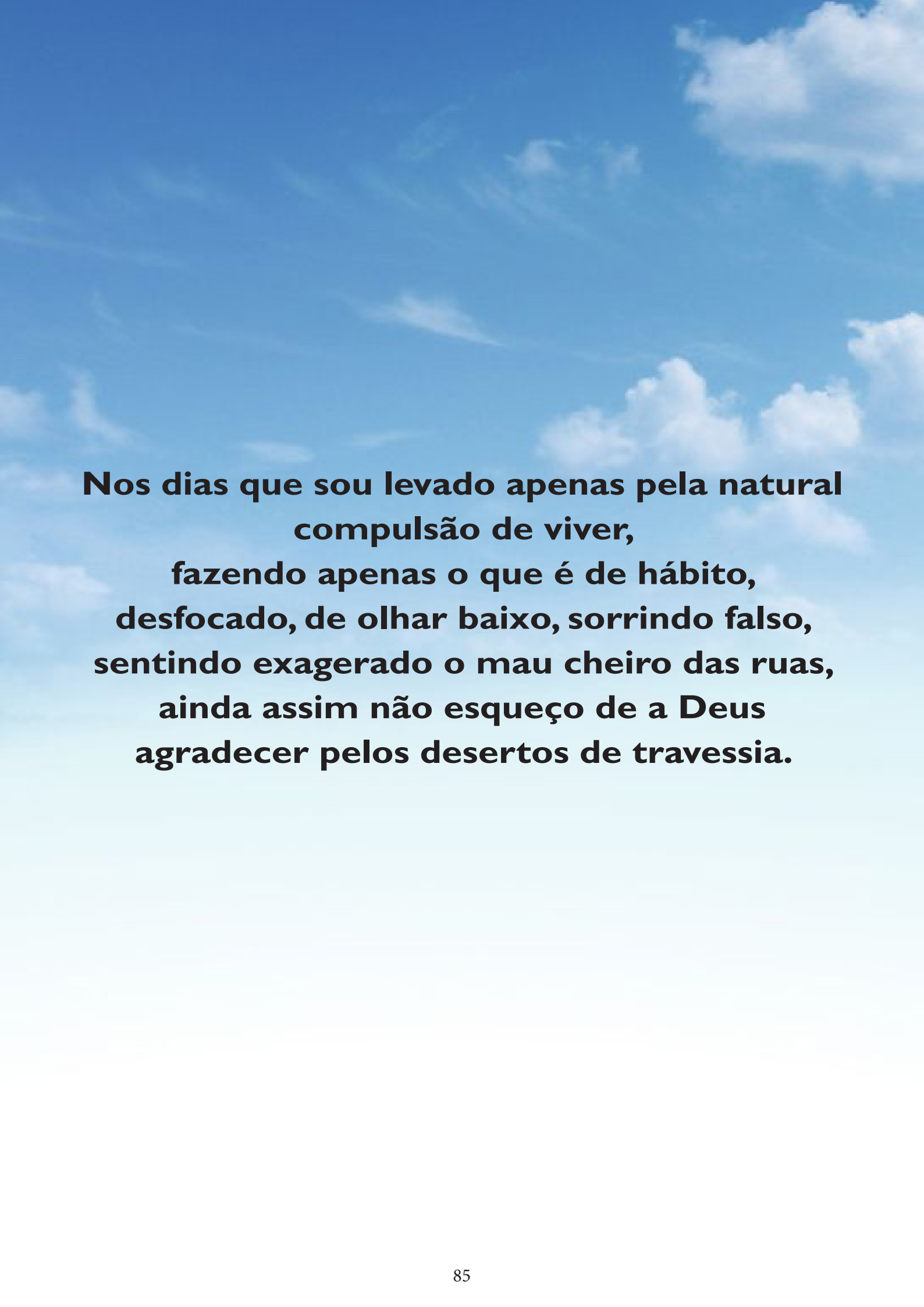
**Por que moras num invisível tão longe?
Por que nos faz viver assim, doendo?
Por que nos faz morrer assim, todo dia?
O nosso doer e o nosso morrer
parecem resolver o teu ser.
Por que não vens morar na lua,
para eu olhar no teu rosto?**



**Procuram-te onde não te encontro:
em templos, sacrifícios, superstições,
no amar apenas por palavras.
Falseiam a tua forma e os teus anseios.
Não te procuro pelos caminhos impostos.
Tu és o que é e estás onde está.
Não és o que simplesmente pensamos,
nem estás onde comodamente queremos.
Vislumbro a tua presença,
nos movimentos e nos contrastes,
no existir sobre o não existir.**



**Foi em julho.
Eu tinha onze anos.
Um ano antes do Tri.
No estádio novo,
cheguei às cinco.
Em pé fiquei seis horas.
Tudo pra ver Pelé.**



**Nos dias que sou levado apenas pela natural
compulsão de viver,
fazendo apenas o que é de hábito,
desfocado, de olhar baixo, sorrindo falso,
sentindo exagerado o mau cheiro das ruas,
ainda assim não esqueço de a Deus
agradecer pelos desertos de travessia.**

**Porque agora estou no estádio,
um torcedor do meu lado diz mais da paixão.**

**Sou alvirrubro, alvinegro, canarinho.
A bola lá embaixo é senhora, é escrava.**

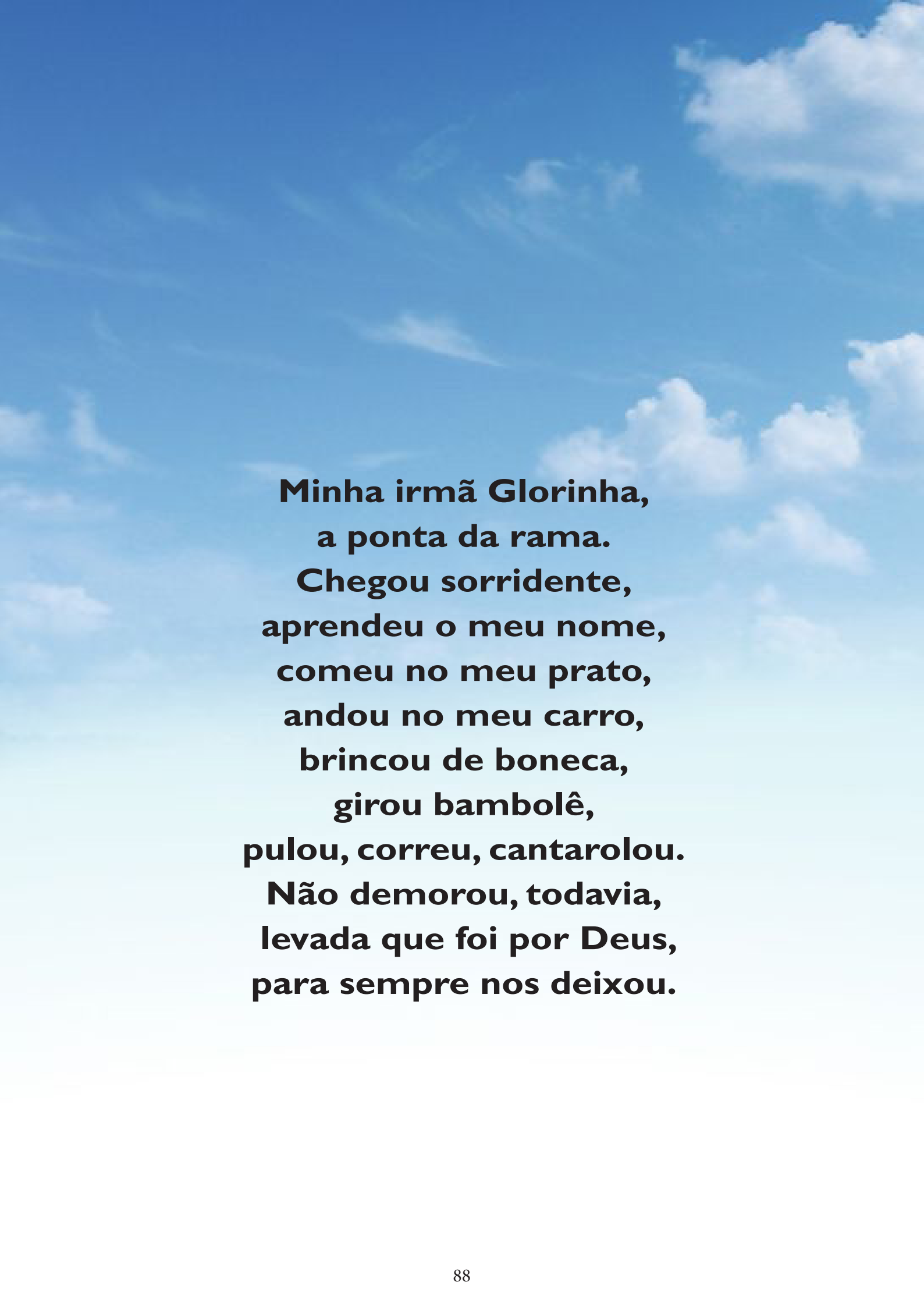
**A bola lá embaixo é pincel,
e quando a arte pinta a gente
esquece que é mortal.**

**Porque agora estou no estádio
assistindo ao jogo do imponderável,
esperando que gol seja feito a meu favor.**

**No jardim das dalias da casa de vovó
as flores eram brancas, algumas amarelas,
e eu criança frágil, igual a elas.**

**Envolto em caules, folhas e pétalas,
de calção e peito nu, mãos e pés sujos de terra,
eu brincava com gafanhotos,
libélulas e insetos outros.**

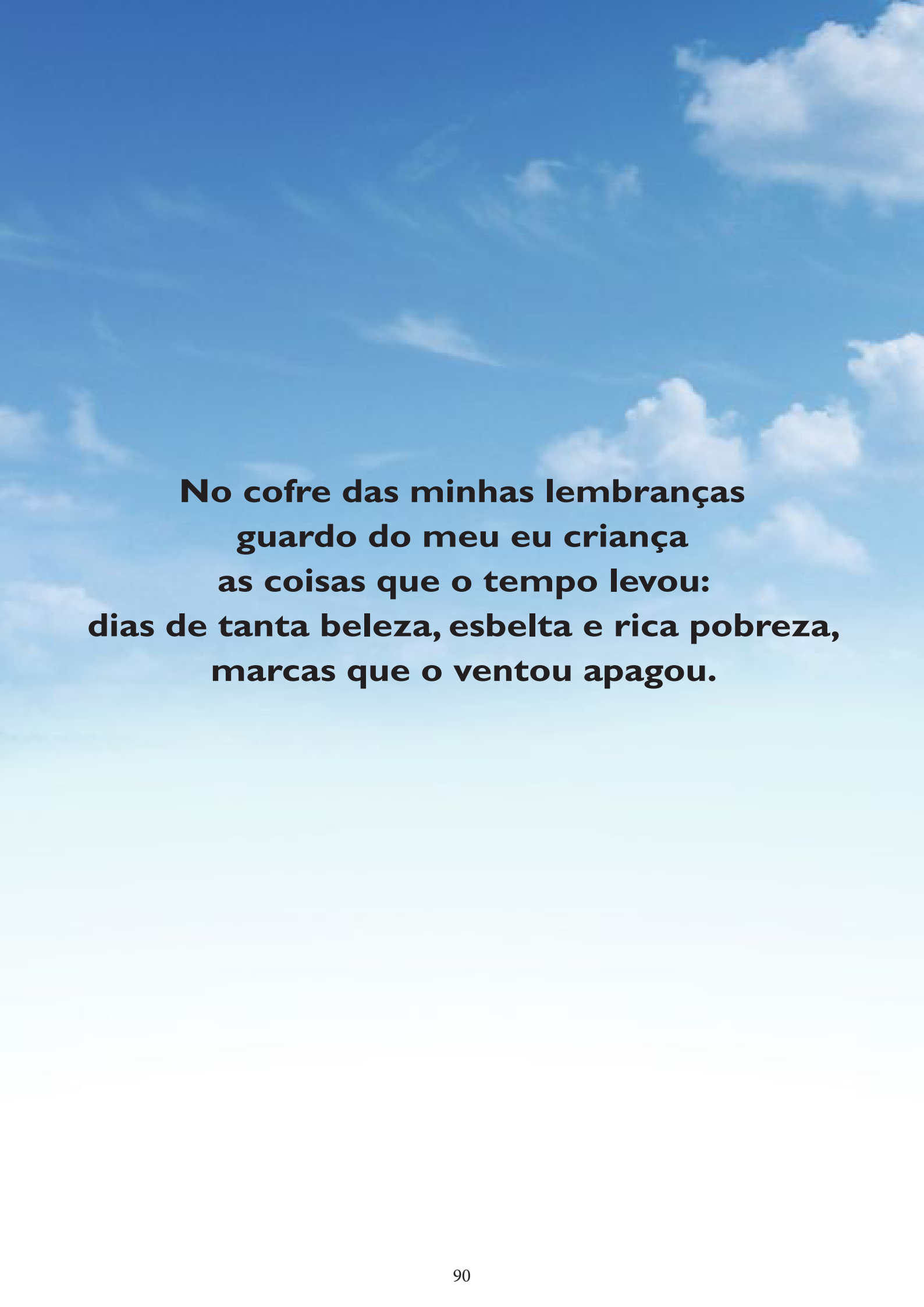
**Da varanda da casa, meu avô me olhava,
o beija-flor me dizia.**



**Minha irmã Glorinha,
a ponta da rama.
Chegou sorridente,
aprendeu o meu nome,
comeu no meu prato,
andou no meu carro,
brincou de boneca,
girou bambolê,
pulou, correu, cantarolou.
Não demorou, todavia,
levada que foi por Deus,
para sempre nos deixou.**



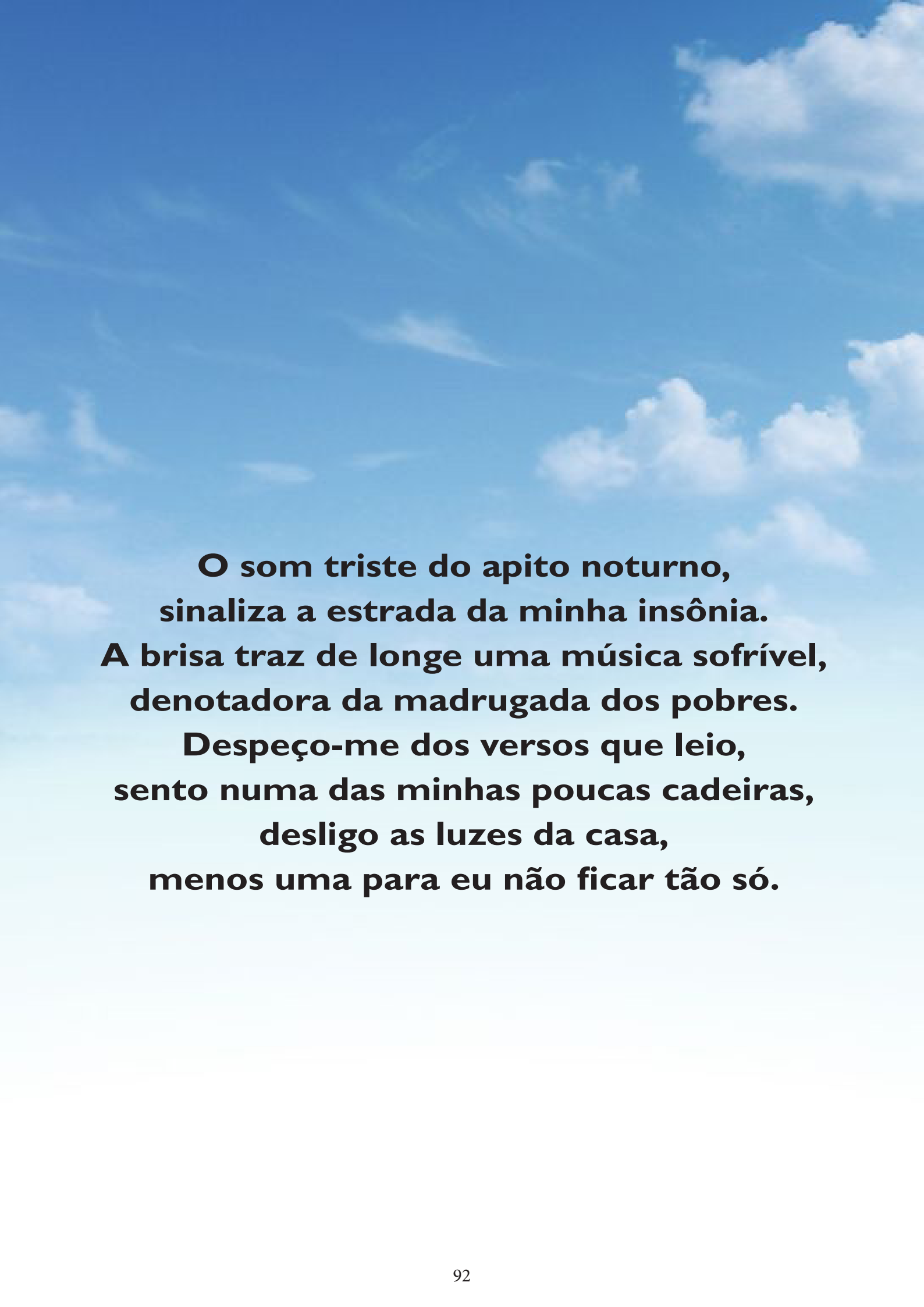
**Ai de mim,
que só nasci pra amar e dizer sim.**



**No cofre das minhas lembranças
guardo do meu eu criança
as coisas que o tempo levou:
dias de tanta beleza, esbelta e rica pobreza,
marcas que o vento apagou.**



**A janela me conduz às telhas,
abraçadas que estão elas,
mas frágeis e indefesas.
Vejo nelas os humanos.
A janela me conduz ao céu,
que nem sempre é azul,
às vezes é sujo e escuro.
Entre mim e o céu existe o abismo,
que não compreendo, que me engana.**



**O som triste do apito noturno,
sinaliza a estrada da minha insônia.
A brisa traz de longe uma música sofrível,
denotadora da madrugada dos pobres.
Despeço-me dos versos que leio,
sento numa das minhas poucas cadeiras,
desligo as luzes da casa,
menos uma para eu não ficar tão só.**



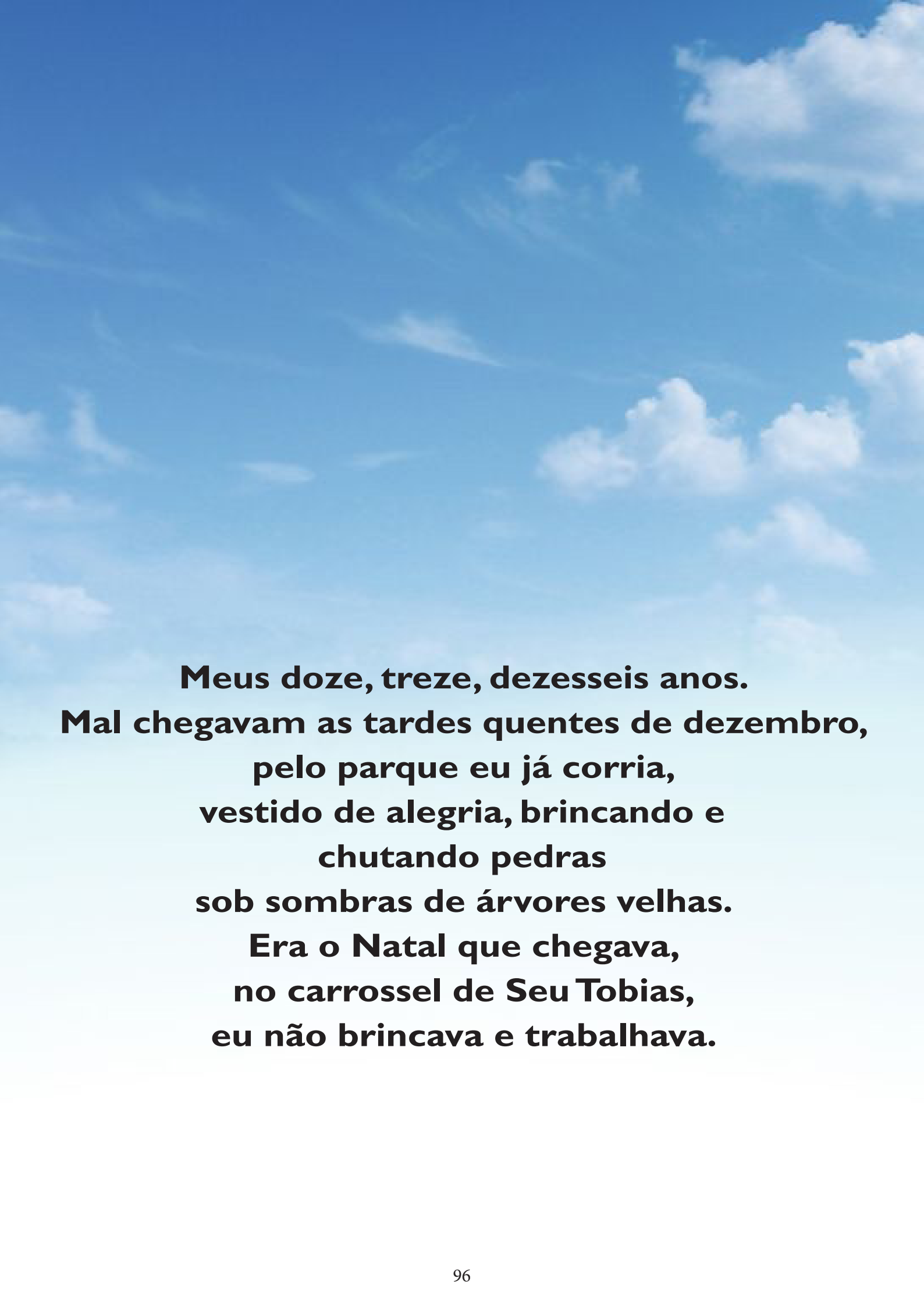
**Minha felicidade está no não sentir dor,
no gol a meu favor, na arte que acho linda,
no ter pai e mãe ainda, no cantar e conversar.
Minha felicidade está no x das coxas,
no saciar a fome, a sede e o sono,
no ter, no servir, no compreender.**



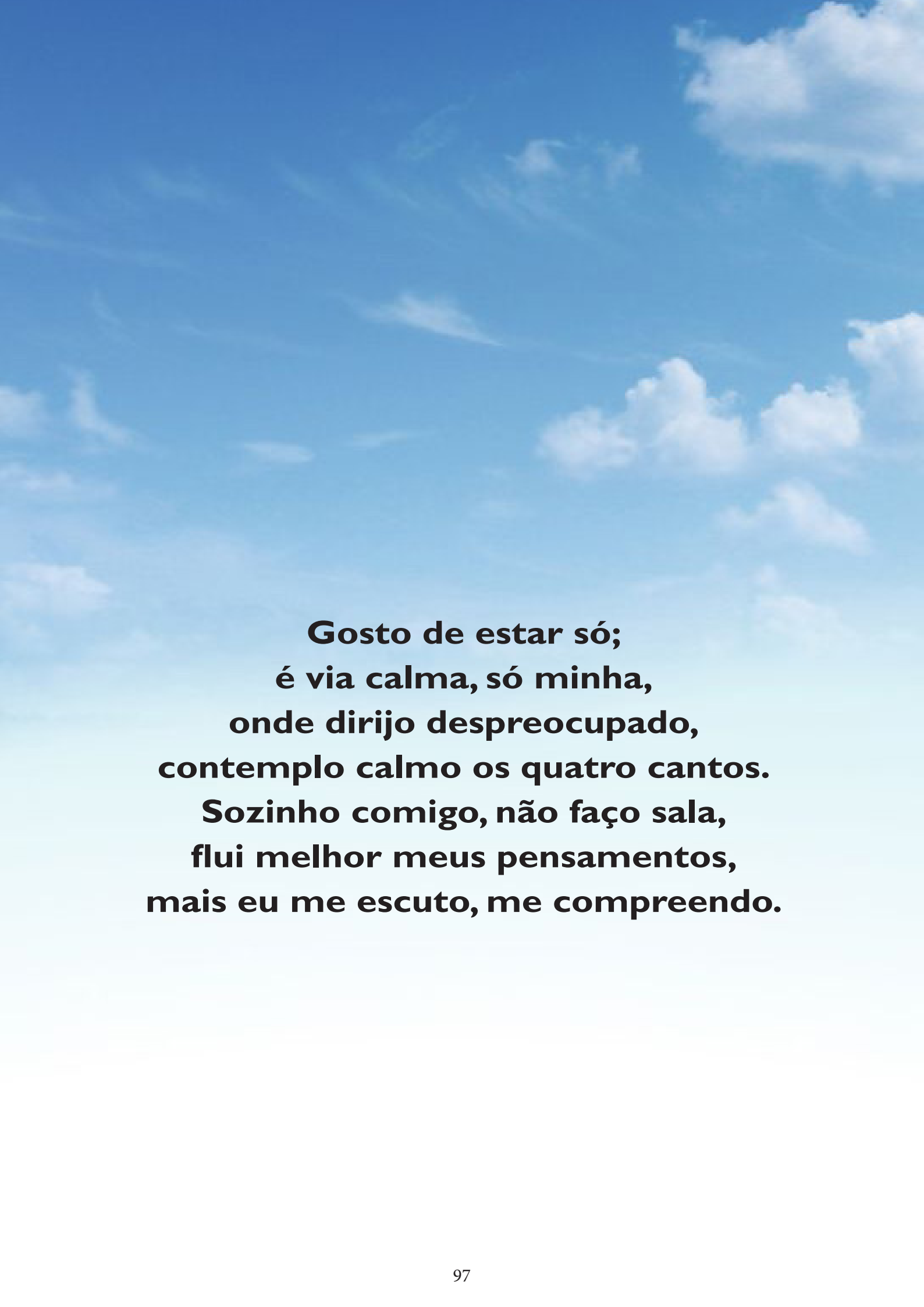
**Ainda estou por aqui,
neste enigmático existir,
a cumprir ordens, a produzir,**



**Na minha infância,
meus pés e mãos sujos de terra.
Nem assim as doenças olharam pra mim.**



**Meus doze, treze, dezesseis anos.
Mal chegavam as tardes quentes de dezembro,
pelo parque eu já corria,
vestido de alegria, brincando e
chutando pedras
sob sombras de árvores velhas.
Era o Natal que chegava,
no carrossel de Seu Tobias,
eu não brincava e trabalhava.**

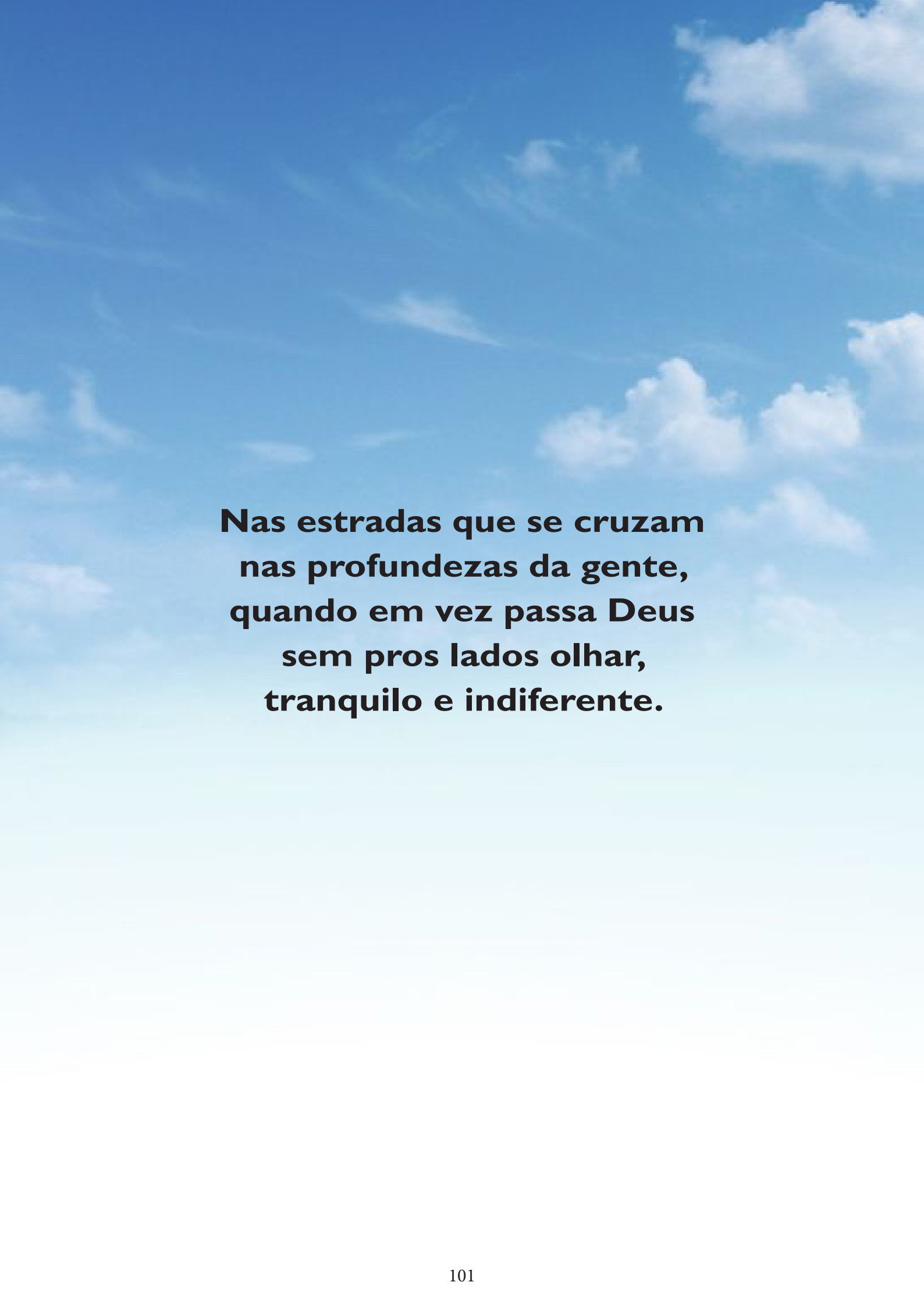


**Gosto de estar só;
é via calma, só minha,
onde dirijo despreocupado,
contemplo calmo os quatro cantos.
Sozinho comigo, não faço sala,
flui melhor meus pensamentos,
mais eu me escuto, me compreendo.**

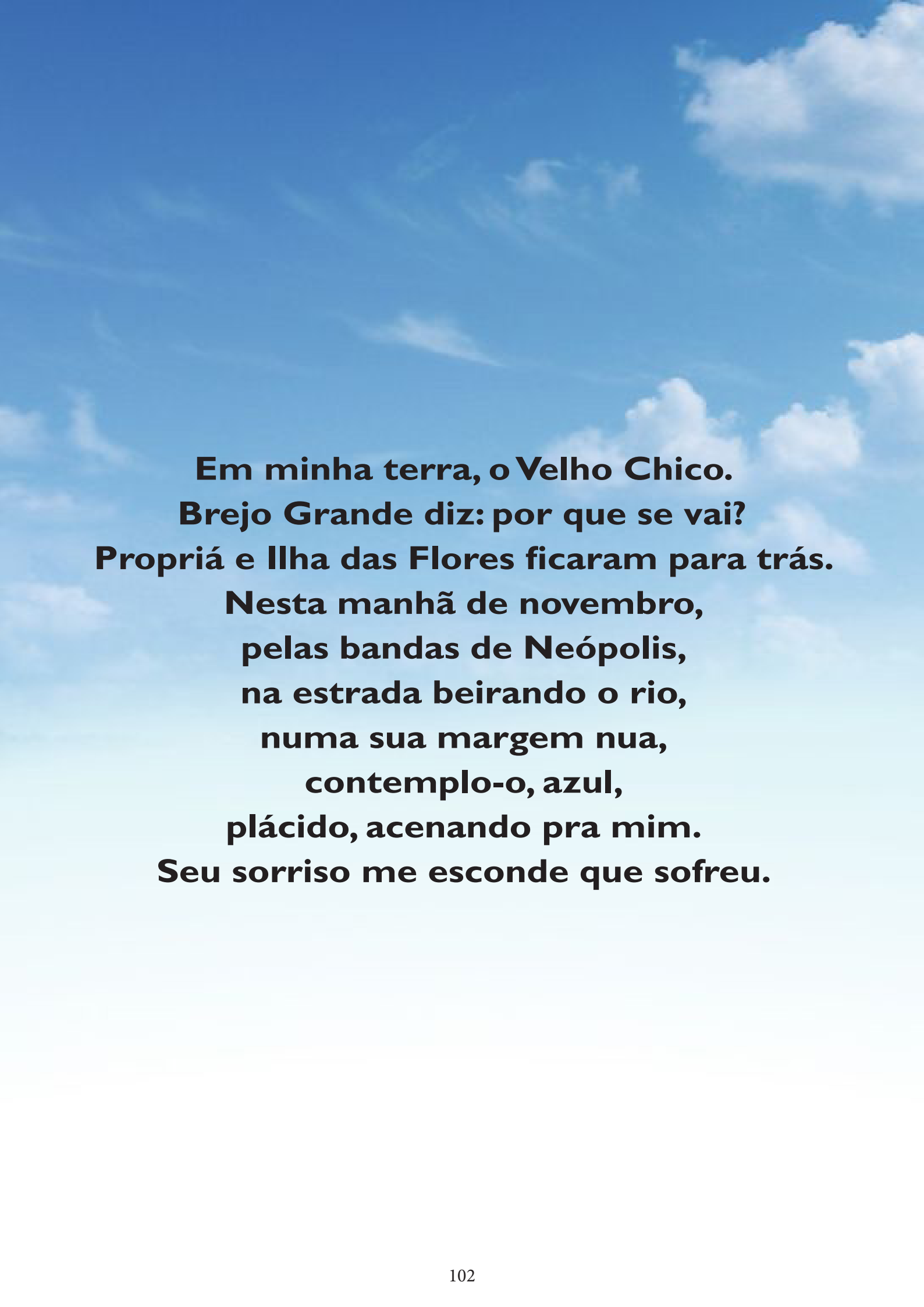
**Espero a chuva passar
na barraca das macaxeiras.
Na sacola trago cana, banana
e outras coisas da feira.
Meus olhos pousam na vendedora de ostras,
na mulher fateira, no peixe fresco,
na faca peixeira,
nas galinhas penduradas, mortas.
Sinto os cheiros da feira,
leio a rima das frutas,
das verduras, dos legumes,
das carnes vermelhas.
Chuvinha fina com sol, agora,
é casamento da raposa.**

**A água amarela chega calada,
entra lentamente.
É suja, oleosa, intrusa, da chuva.
Invade a rua, o quintal, o alpendre,
os quartos, a sala, a cozinha,
os quatro cantos da casa;
afoga as poucas coisas da gente.
É da água a nossa casa.
Minha mãe chora
quando a água entra.
Meu pai, calado, olha,
depois diz que a água vai embora.**

**É difícil ser gente, se todos mentem,
se os vírus não gostam da gente,
se a dor pode ser inclemente,
se a comida nem sempre é quente,
se não somos de todo conscientes,
se não se diz o que realmente se sente,
se não se ama incondicionalmente,
se a violência é uma constante,
se a morte vive passando rente,
se perdemos constantemente,
se o meio ambiente só vive doente,
se as pessoas não se entendem.
É difícil ser gente.**



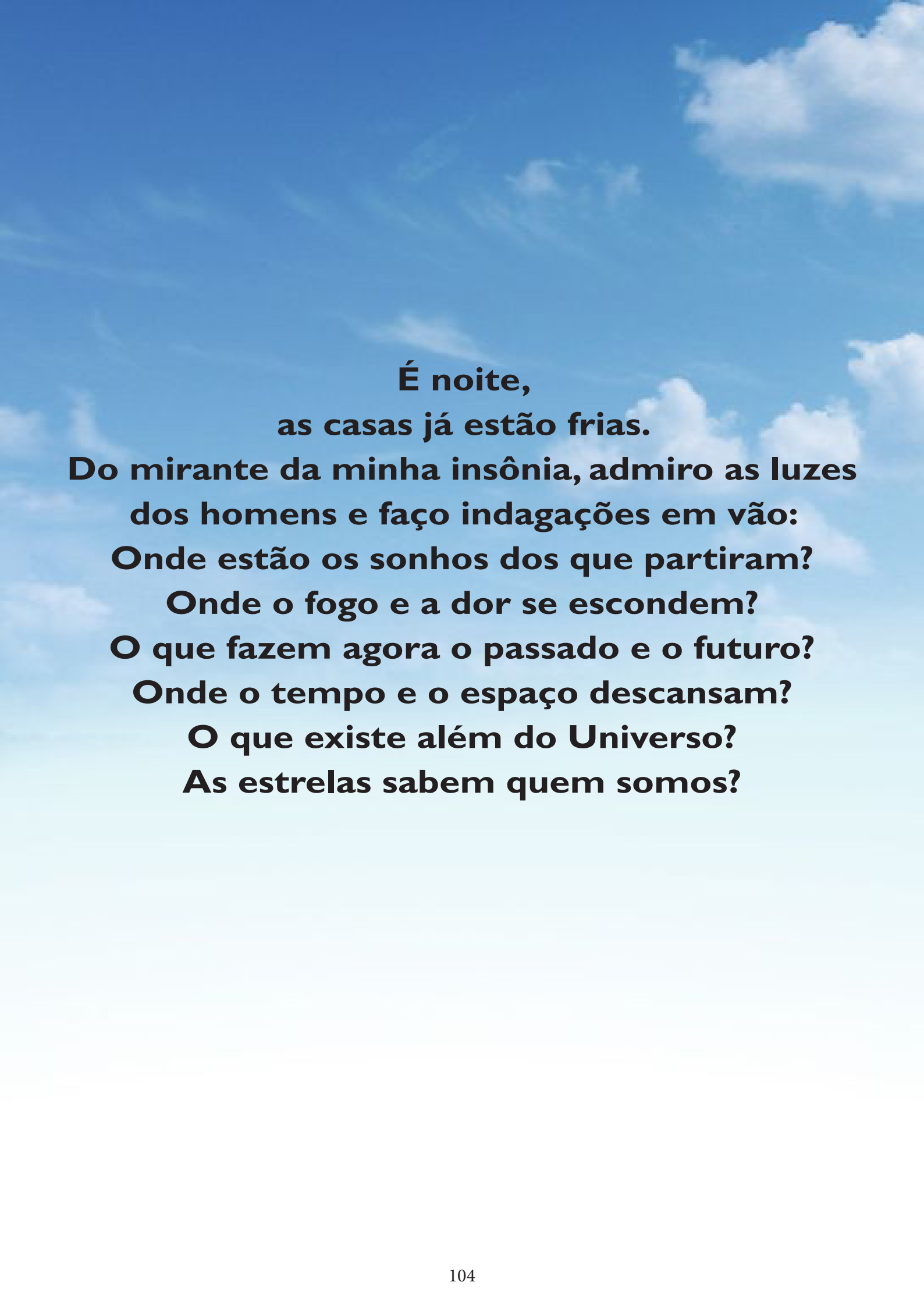
**Nas estradas que se cruzam
nas profundezas da gente,
quando em vez passa Deus
sem pros lados olhar,
tranquilo e indiferente.**



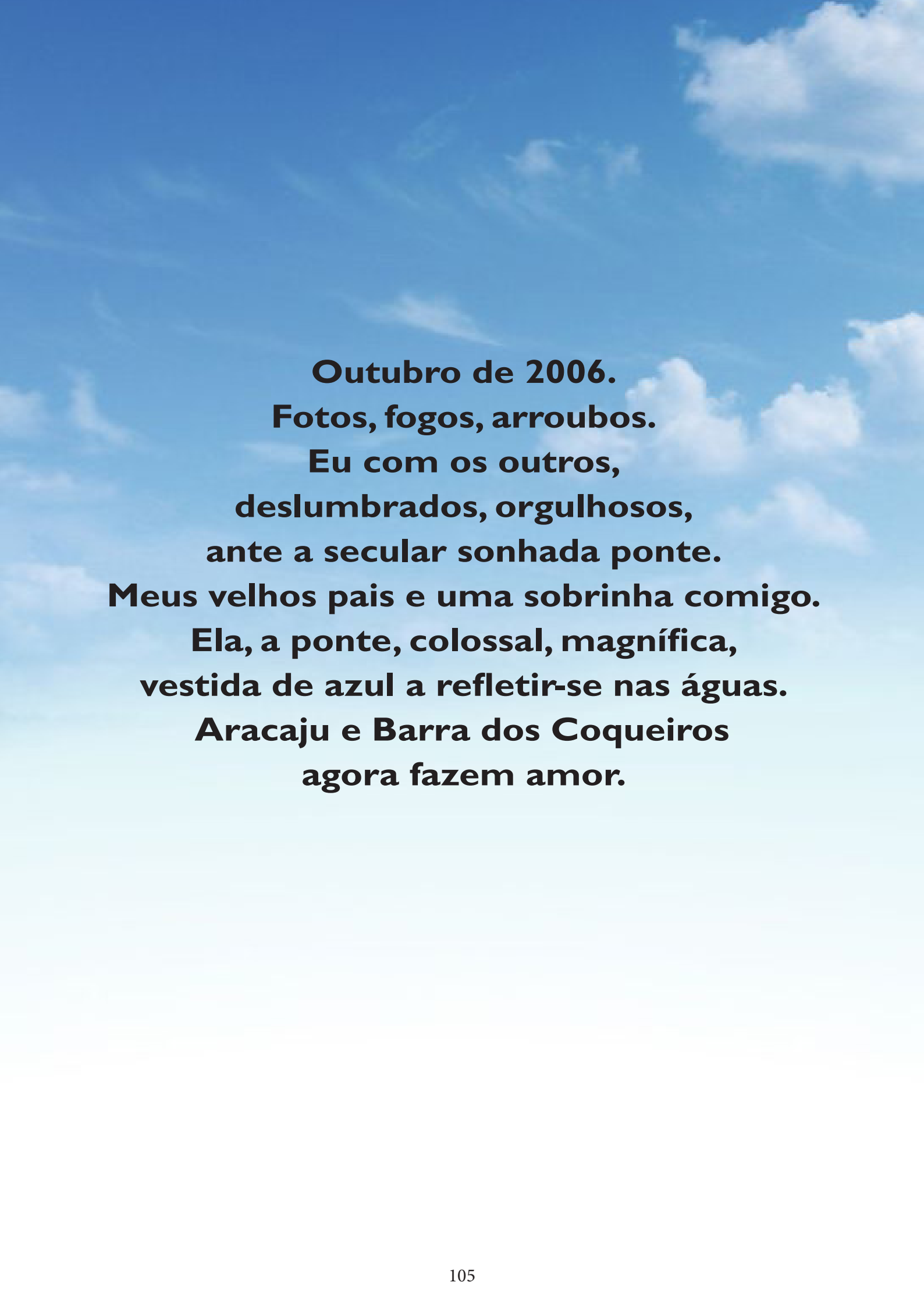
**Em minha terra, o Velho Chico.
Brejo Grande diz: por que se vai?
Propriá e Ilha das Flores ficaram para trás.
Nesta manhã de novembro,
pelas bandas de Neópolis,
na estrada beirando o rio,
numa sua margem nua,
contemplo-o, azul,
plácido, acenando pra mim.
Seu sorriso me esconde que sofreu.**



**Sei que tu és o autor da vida,
do bem e do mal,
porém um raio de luz,
herético e questionador,
me fez ver no escuro em que estou,
que da morte, do mal e do mal tu
és igualmente o autor.**



**É noite,
as casas já estão frias.
Do mirante da minha insônia, admiro as luzes
dos homens e faço indagações em vão:
Onde estão os sonhos dos que partiram?
Onde o fogo e a dor se escondem?
O que fazem agora o passado e o futuro?
Onde o tempo e o espaço descansam?
O que existe além do Universo?
As estrelas sabem quem somos?**



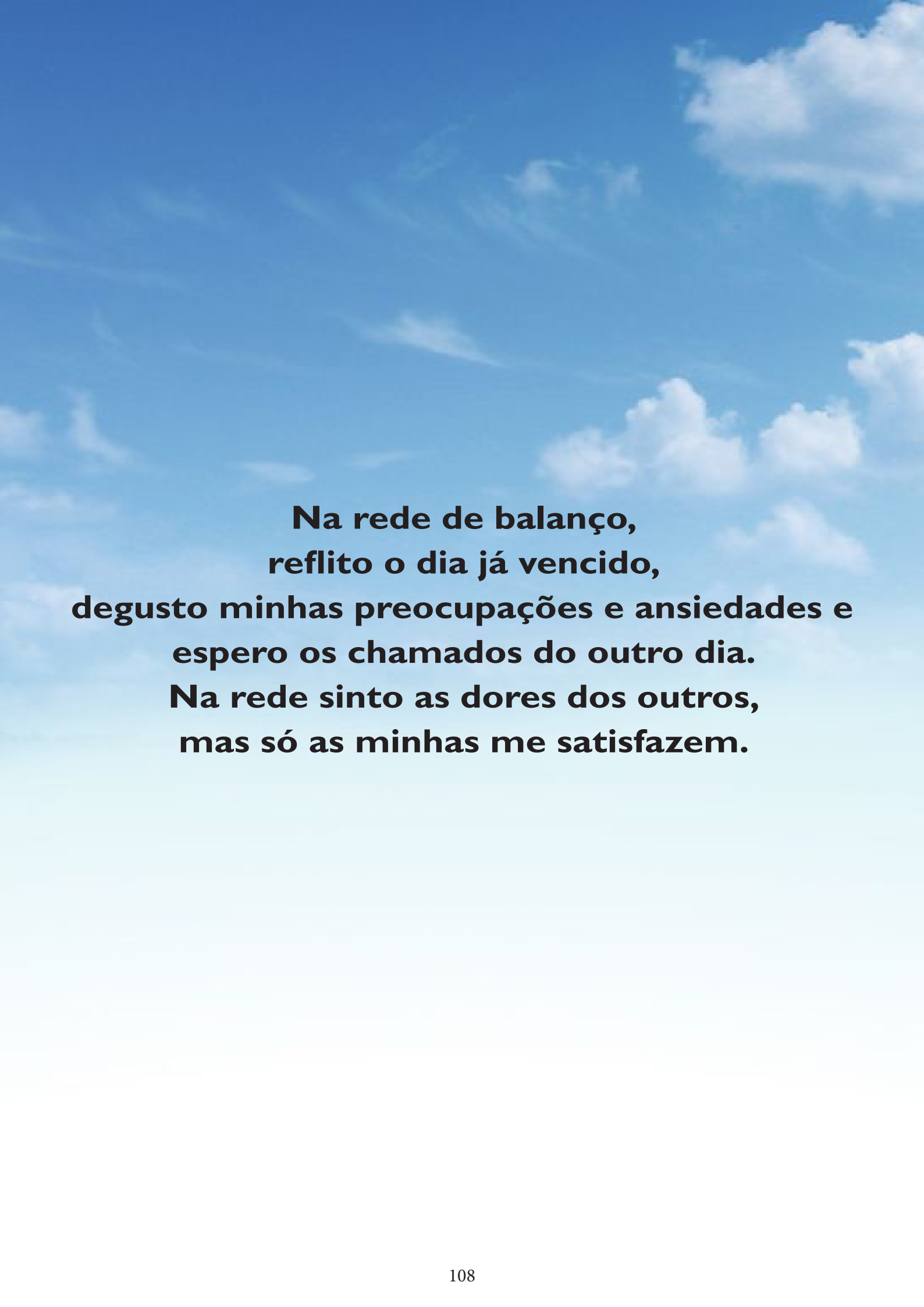
**Outubro de 2006.
Fotos, fogos, arroubos.
Eu com os outros,
deslumbrados, orgulhosos,
ante a secular sonhada ponte.
Meus velhos pais e uma sobrinha comigo.
Ela, a ponte, colossal, magnífica,
vestida de azul a refletir-se nas águas.
Aracaju e Barra dos Coqueiros
agora fazem amor.**

**Japaratuba, cacique valente,
rio caudaloso, de águas perenes.
Outrora, uma missão, hoje,
município sergipano,
chão dos meus saudosos avós,
que em 1932 trouxeram à luz meu pai.
Felinto, que os seus chamavam de Linto,
a alegria da casa, o amigo da flauta,
o menino peralta de infância bem gozada;
no sítio da casa
correu pastos, campinas,
andou a cavalo, nadou em rios,
banhos e lagoas.
Foi aluno do professor
Emiliano Nunes de Moura,
foi obreiro do pai, no armazém e
na loja de panos.
Vieram os outros tempos para o filho de
Maria da Glória e Donaciano, Corrêa.
Agora, Aracaju,
com a esposa amada e os filhos
que logo vieram, depois os netos e bisnetos.
Trabalhou muitos anos no Trapiche Lima,
de Fontes & Irmãos.
Depois veio a representação comercial,
a Gráfica Santana,**

**o sítio de laranjas em Boquim,
a casa na Atalaia Nova,
a ajuda material aos filhos.**

**Caminhos de luta, de superações, realizações,
que ele invariavelmente percorreu
com responsabilidade, humildade,
sabedoria, dedicação,
paciência, fé e esperança.**

**Os muitos anos o trouxeram até aqui,
sempre voltado às lembranças do passado,
mas sem perder de vista
o presente e os dias do porvir,
sem perder a sobriedade e a mansidão.**

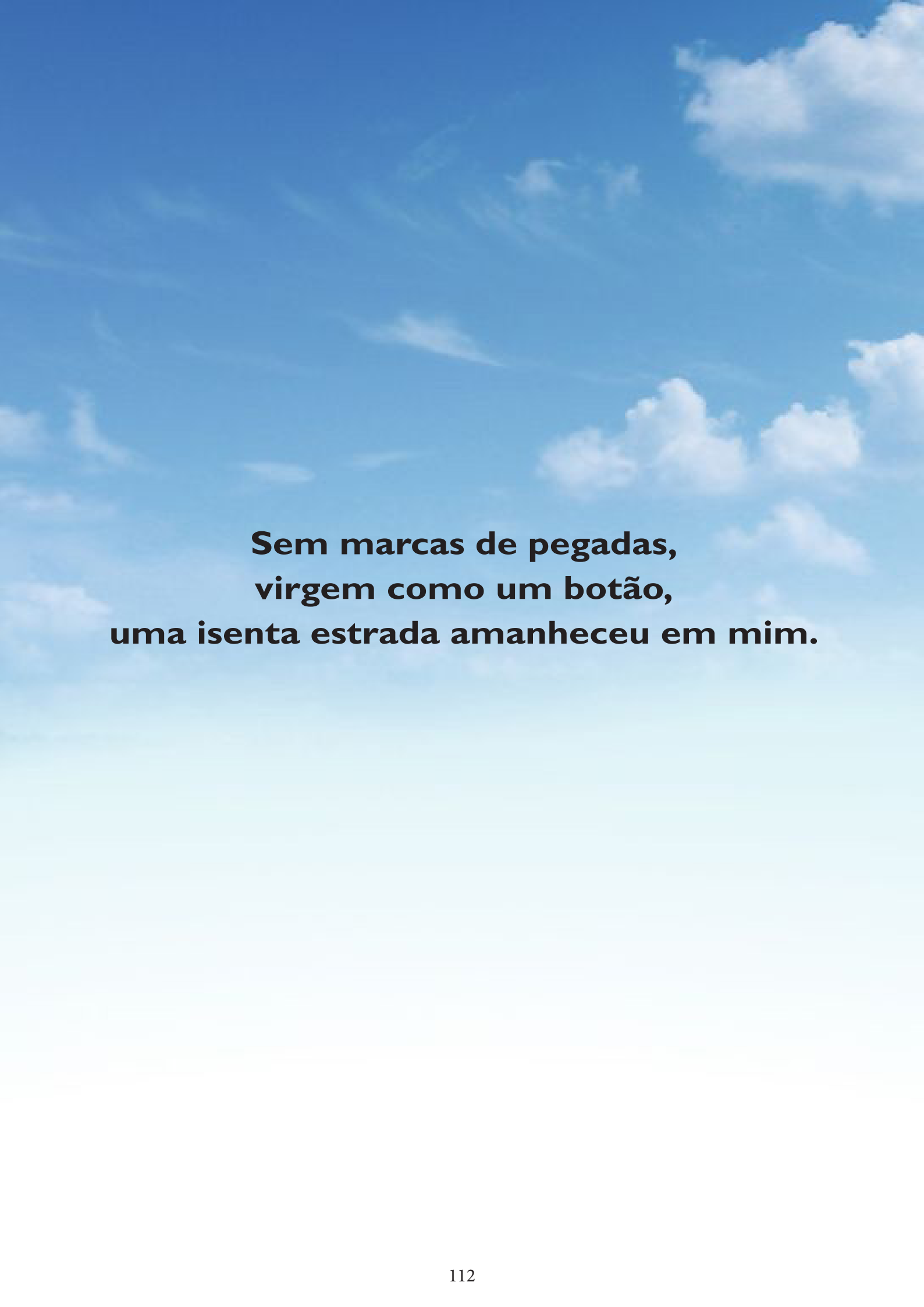


**Na rede de balanço,
reflito o dia já vencido,
degusto minhas preocupações e ansiedades e
espero os chamados do outro dia.
Na rede sinto as dores dos outros,
mas só as minhas me satisfazem.**

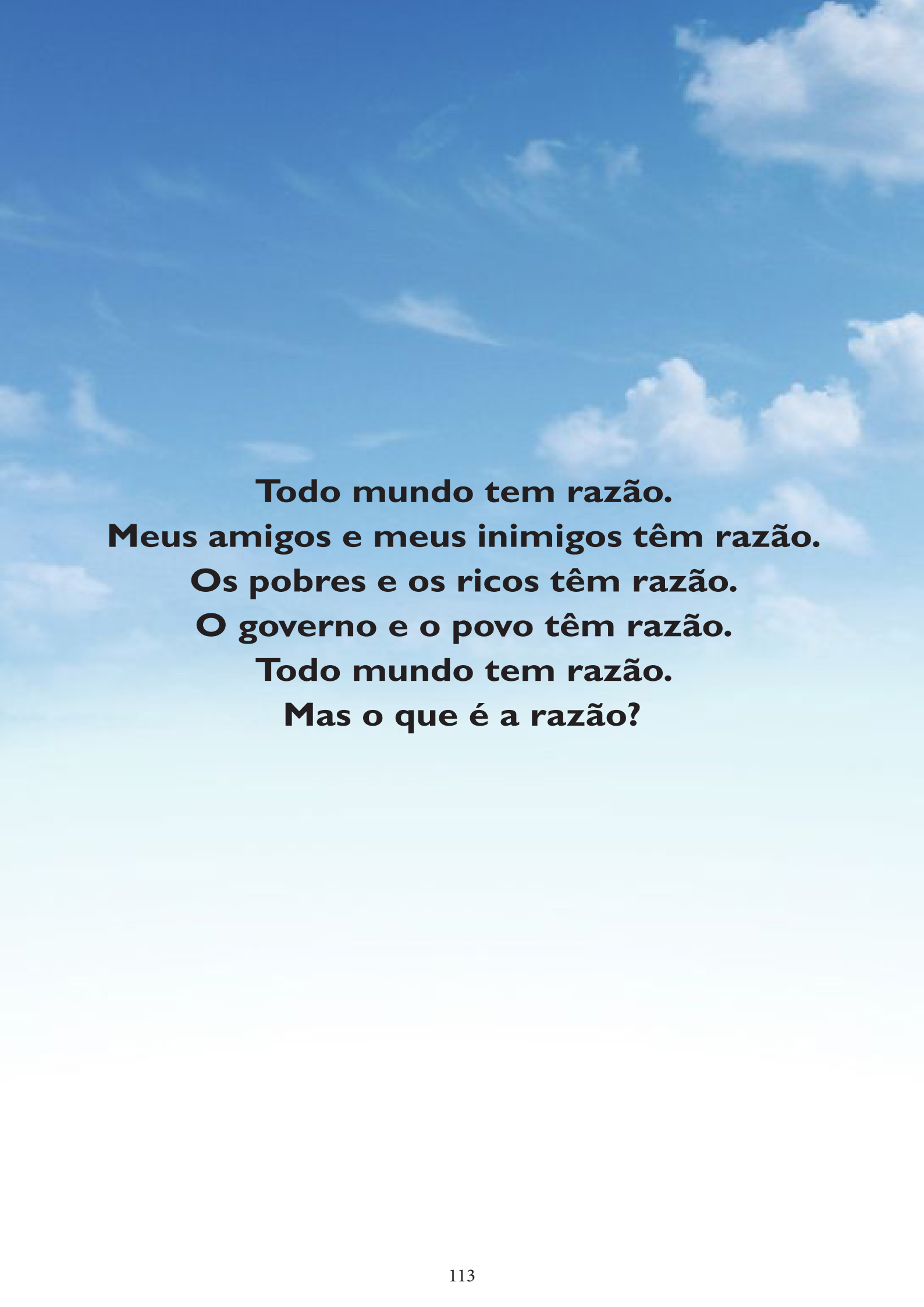
Começo de vida.
Vi meu pai pela primeira vez.
Estávamos comprando leite,
quando ele viu o perigo por mim.
Um homem, no local,
sacou uma arma e ameaçou atirar em alguém.
Rapidamente meu pai me pegou
em seus braços e
saltou comigo o muro baixo
e de mãos dadas
saímos corremos rua à fora.
Ele teve medo por mim.
Ali vi meu pai pela primeira vez.

**Manhã de setembro, domingo de feira.
Caminhava eu tranquilo por uma rua do bairro;
na mente, as dores e os prazeres da vida.
De súbito, uma senhora, idosa,
de baixa estatura,
em trajes simples e ágil no andar,
vem em minha direção,
faz-me sair dos meus pensamentos.
Diante de mim, para, fita-me,
e com olhos marejados,
esculpindo meu rosto
com suas mãos em gestos,
diz da minha semelhança
com um seu filho querido.
Surpreso, indago-a sobre ele,
onde mora, onde trabalha.
De pronto ela diz o seu nome e onde trabalha:
no Ministério do Trabalho.
Rio e abraço forte a frágil mulher.
Disse a ela que este seu filho
é meu colega de trabalho.
Ao filho pedi estar mais com a mãe.**

Lampião morreu ali.
Indo por Poço o chegar é mais longo e penoso.
Fui com alguns dos meus por Piranhas,
descendo em barco o Velho Chico.
Em águas alvoroçadas, frias nestes dias,
libertas da Usina, uma de suas muitas sinas,
descemos, driblando pedras,
vigiados por morros ora vestidos de verde.
A gente no curso do rio...
inesquecível deslumbre.
A trilha que leva à grotta
é quase fácil, é quase difícil. Chovia.
Era quinta-feira, 28 de julho, era o dia.
A caatinga estava lá, viva,
e cascavéis nos espreitavam.
Angicos é ermo, pequeno, escondido.
Não o vi triste, lúgubre, mas, história.



**Sem marcas de pegadas,
virgem como um botão,
uma isenta estrada amanheceu em mim.**



**Todo mundo tem razão.
Meus amigos e meus inimigos têm razão.
Os pobres e os ricos têm razão.
O governo e o povo têm razão.
Todo mundo tem razão.
Mas o que é a razão?**

**Um dia crio galos e galinhas,
de quintal, de raça, de capoeira,
soltos, ciscando, dormindo empoleirados,
comendo grão de milho, capim,
barata, minhoca, resto de comida,
lagartixa, escorpião, cobra.
Um dia crio galos e galinhas
do jeito que a natureza gosta:
pondo, chocando e criando pintainhos.**

**Traz no rosto um sorriso que ri,
de unhas feitas, espinhas,
menina que busca a mulher.**

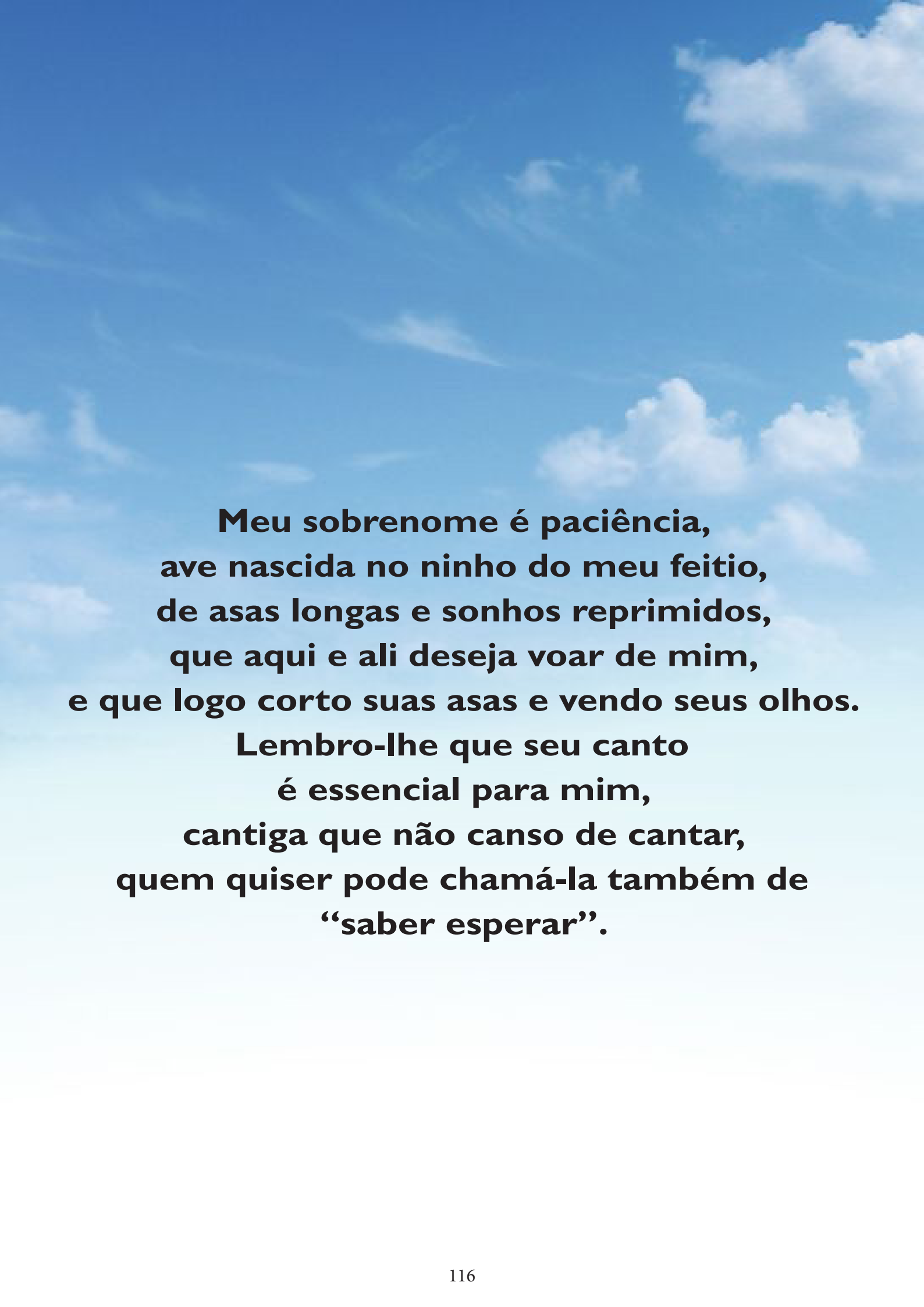
Stephany.

**Suas linhas finas e lindas
já ensaiam o amor.**

Debuta, Fani!

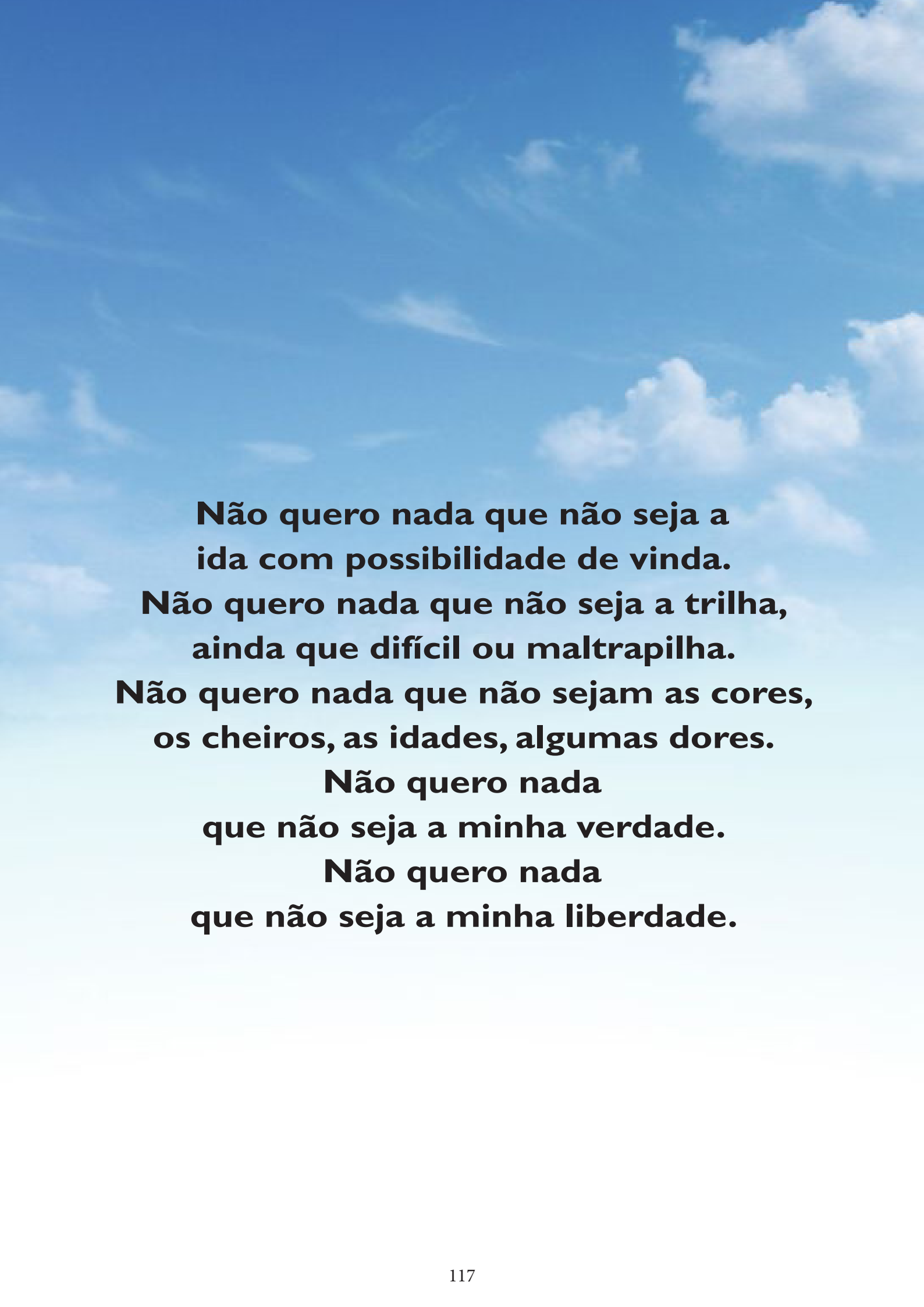
**Sejas diva, viva,
altiva, do bem.**

Que Deus lhe faça feliz!



**Meu sobrenome é paciência,
ave nascida no ninho do meu feitio,
de asas longas e sonhos reprimidos,
que aqui e ali deseja voar de mim,
e que logo corto suas asas e vendo seus olhos.**

**Lembro-lhe que seu canto
é essencial para mim,
cantiga que não canso de cantar,
quem quiser pode chamá-la também de
“saber esperar”.**



**Não quero nada que não seja a
ida com possibilidade de vinda.
Não quero nada que não seja a trilha,
ainda que difícil ou maltrapilha.
Não quero nada que não sejam as cores,
os cheiros, as idades, algumas dores.
Não quero nada
que não seja a minha verdade.
Não quero nada
que não seja a minha liberdade.**

**Eu tinha uns quatro a cinco anos,
quando me vi estudando
no Educandário Santo Euzebio,
de dona Leonor,
minha primeira professora.
Ficava perto de minha casa,
na mesma rua de Pernambuco.
Lembro do recreio,
no quintal, do brincar de correr,
de bater uma bolinha, de merendar pão com
manteiga, mascar chiclete, chupar picolé.
Era grande a minha luta
com o **ABC** e a tabuada.
Uma vez um colega foi levado ao quadro.
Vi que ele sofria,
pois não sabia escrever o alfabeto todo;
buscava em vão a consoante seguinte.
Era notável a sua aflição,
visto que dona Leonor batia.
Deu-se que, sentado de onde eu estava,
soprei baixinho a letra que seria.
Dona Leonor ouviu, de imediato
deixou o birô e veio em minha direção,
levantou-me
grosseiramente da cadeira
e, rispidamente, disse duas, três vezes**

para eu não repetir mais o que eu fiz.

**Com um taco de assoalho
que lhe servia de palmatória,
segurou firme a minha mão,
que tentei fechá-la, soltá-la,
e me deu uma forte palmada.**

Uma só palmada.

**Meus colegas, uns dez, sentadinhos,
calados, me olhavam, amedrontados.**

Chorei.

**Ainda hoje me dói
aquele humilhante “bolo”,
que um grama não tirou
da porção que trago em mim,
de me compadecer e ajudar ao próximo.**

**Na minha infância e adolescência,
vivas na rua Pernambuco,
no bairro Siqueira Campos,
convivi com moscas, baratas,
urubus, ratos e muriçocas.
Foram integrantes da minha vida.
Quanta repulsa me causaram,
quantas armadilhas lhes preparei,
quanto veneno botei,
quantas vezes lhes espantei.
Sinto que muita coisa aprendi com eles.**



**O céu do Aribé
pontilhado de urubus.
Era lixo demais nas ruas,
nos terrenos baldios.
Nada de errado eu via.
Eu era menino.**

**A cidade passa por ele,
pelo bairro Siqueira Campos,
ou Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
tabuleiro, pobre recanto,
de gente simples, operária,
de ruas que encontrei nuas,
poeirentas, esburacadas,
de casas frágeis, estreitas,
ricas de carências e filhos,
indignas quando tomadas pelas
águas das chuvas malvadas.**

**Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
das calçadas de pedra calcária,
de cimento, de chão batido,
algumas poucas de ladrilho,
das valas abertas, sujas,
dos esgotos expostos, fedidos,
do lixo nas esquinas.**

**Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
da Leste e seus trens barulhentos,
da praça Dom José Tomás,
da Igreja do Espírito Santo,
das Adventistas, do 7º Dia e da Promessa,
da Assembleia de Deus,**

**da feirinha da rua Goiás,
hoje Carlos Correia,
da marinete chamada Diana,
das combes de listras rubras
que faziam o transporte regular.**

**Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
do comércio que já prometia,
das carroças pra lá e pra cá,
do baticum dos terreiros,
dos currais que eu conhecia,
cavalos, bois e carneiros nas ruas,
do cantar dos galos nas madrugadas,
do coaxar de sapos e jias no fundo do quintal.**

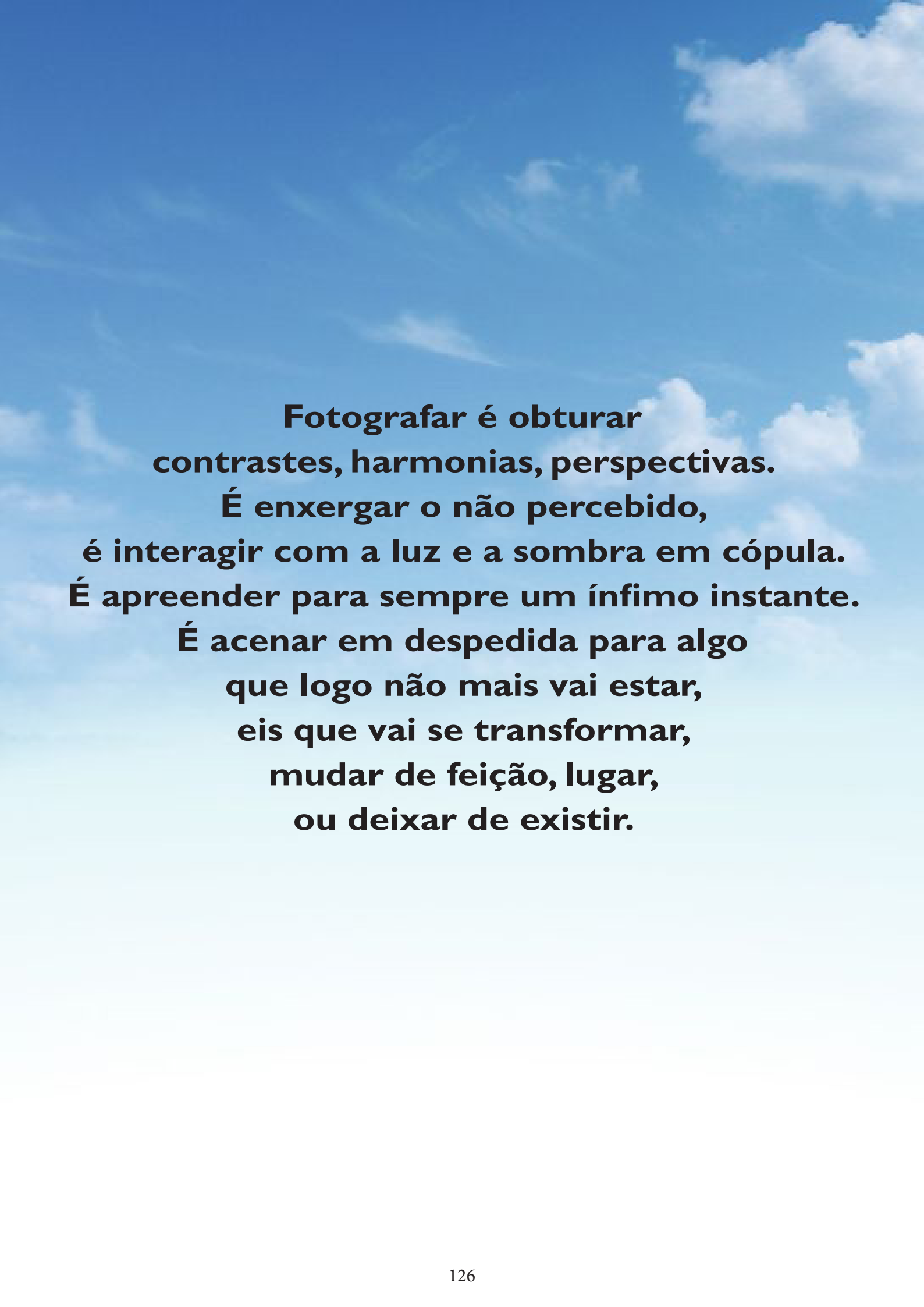
**Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
do campo de futebol da rua de Bahia,
dos times amadores Rio Negro, Portuguesa,
Flamengo Circulista,
do meu campinho de pelada,
que dava pros fundos do meu quintal,
onde driblei tal qual Garrincha e
fiz mais gols que Pelé;**

**Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
dos cinemas Vera Cruz, Plaza e Bonfim,
das padarias de seu Amarante, Santa Rita,**

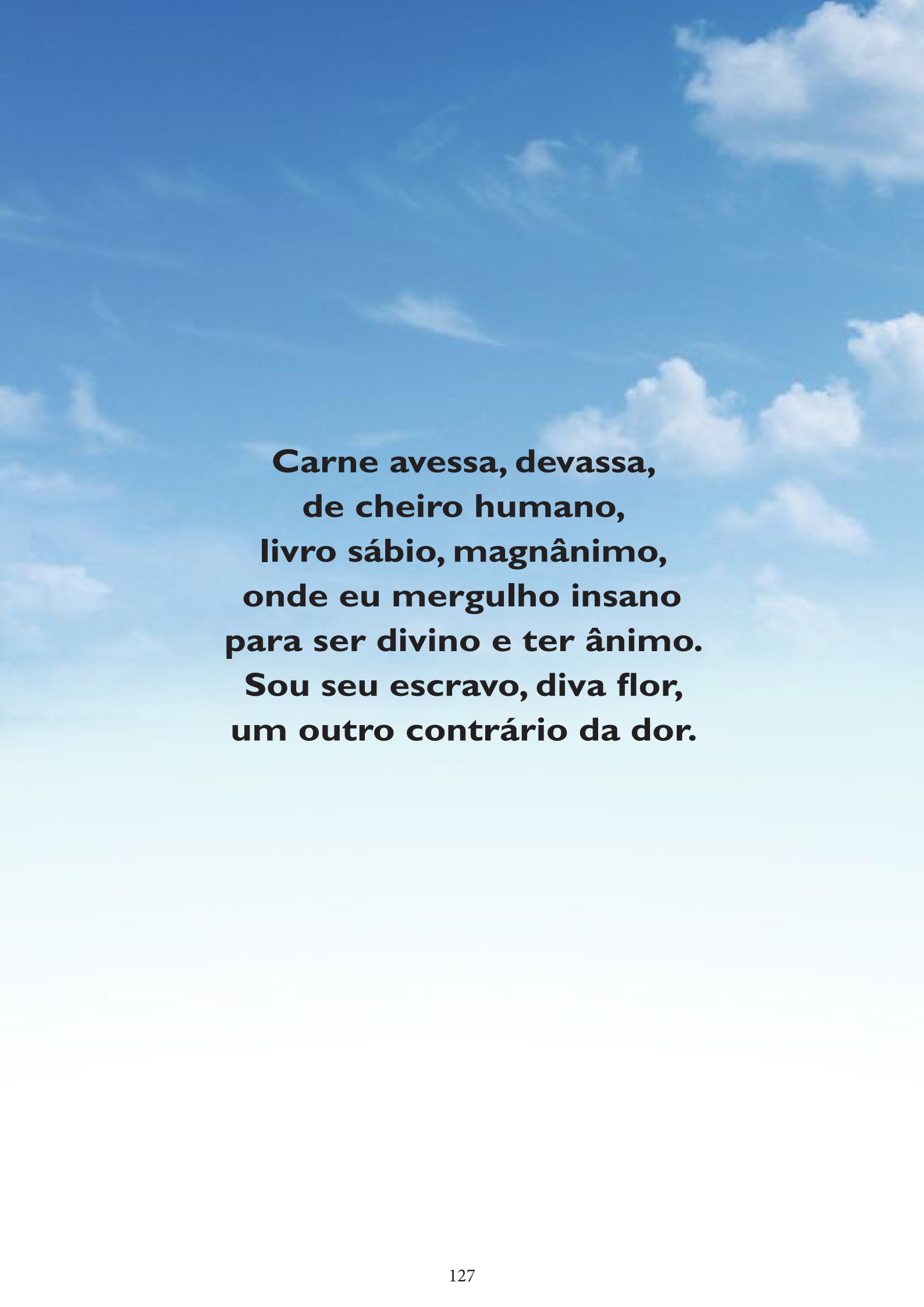
**Santo Antônio e a da feirinha da rua Goiás,
da barbearia de seu Moura,
das oficinas de Torquato e Tavares,
da farmácia de seu Oliveira,
da marcenaria de seu Manoel,
do grande José Augusto cantor,
da carpintaria São Jorge, de seu Estael,
do Bar dos Estudantes, de seu Agnaldo,
da lanchonete de seu Netinho e dona Valdete,
do distrito policial da rua Amazonas,
de Lau investigador,
das casas de tolerância,
do João Hora, campo do Sergipe,
da saboaria de seu Reinaldo,
da Transvemasa e do Jacques Motel,
do G. Barbosa que ali já estava,
da Cooperativa Sergipana de Laticínios,
da Fábrica de Cimento com sua poluição,
do famoso Hilton Lopes, o Bizu,
dos armarinhos de seu Antônio,
dona Dulce e dona Maria,
do Cantinho da Japonesa,
de Justino das Bicicletas,
das bodegas de seu Antônio, seu Arlindo,
Nagem e Eurides, de Tonho Ventinha,
das farmácias de seu Moura e seu Oliveira,
das Funerárias Salmeron e Santa Teresinha,**

**do Centro de Desidratação,
do centro espírita Irmão Fêgo,
de dona Gilda Parteira,
da lavanderia da rua Paraíba,
do Sete Portas e dos muitos botequins,
da Biblioteca Clodomir Silva,
dos colégios Walter Franco, Senhor do Bonfim,
Cristo Rei, Dom Fernando Gomes, Rotary,
Getúlio Vargas, Costa e Silva, General Siqueira,
Jardim da Infância, do Rodrigues Dórea,
da escola de dona Eulina,
do Educandário Santo Euzébio,
de dona Leonor, quem primeiro me ensinou.**

Aribé dos meus primeiros anos...



**Fotografar é obter
contrastes, harmonias, perspectivas.
É enxergar o não percebido,
é interagir com a luz e a sombra em cópula.
É apreender para sempre um ínfimo instante.
É acenar em despedida para algo
que logo não mais vai estar,
eis que vai se transformar,
mudar de feição, lugar,
ou deixar de existir.**



**Carne avessa, devassa,
de cheiro humano,
livro sábio, magnânimo,
onde eu mergulho insano
para ser divino e ter ânimo.
Sou seu escravo, diva flor,
um outro contrário da dor.**



**Estar preso aos meus
é a liberdade que Deus me deu,
o cárcere dos meus livres voos.**

**Dela já ouviu falar, a criança.
Sabe apenas que ela faz a gente virar
estrela no céu.**

**O jovem sabe que um dia com ela vai estar.
Tem medo dela,
mas desconfia que seu encontro
com ela demorará,
pois crê que é distante a casa dela.**

**O adulto morre de medo dela.
Até já lhe disseram onde ela mora:
no país do adulto,
que pensa sempre nela.**

**O idoso sabe muito bem que ela
hoje reside numa rua do seu bairro,
e que vez ou outra
passa na frente de sua casa.**

**O idoso conheceu muita gente
que viajou com ela.
O idoso pensa nela todo dia.**

**O muito velho é vizinho dela.
Tem conversado com ela.
Toda hora pensa nela.**



**Religiões, respeito-as,
mas elas não me interessam.
Deus e o eterno me interessam.**

**Ele ronca, sofre, abusa,
e apesar da estrada curta
e dos carniceiros negros
que rondam as suas forças,
decola, sobe imponente,
chega às nuvens,
faz curva sensual,
deixa-nos.
O céu é sua sina.**

**Eis o pesadelo que nos toma agora,
acordados,
que faz a morte veraneiar
em nossos pensamentos,
ceifar gente, mais das vezes verdes.
Não convida, a Covid!
Somos frutos da frondosa vida,
árvore de quem temos o sentido,
lugar onde queremos para sempre estar.
Se um dia, que espero logo chegar,
nos livrarmos desse sonho mau,
por certo olharemos menos pra Marte,
menos ainda pra Órion ou Sirius,
e buscaremos entender mais e melhor
as bactérias e vírus.**

**Não começo Lampião por Lampião,
mas pelo sertão daquele tempo e chão vãos,
largos, largados, vazios, adustos, quentes;
de índios corridos da arma dos brancos,
de vaqueiros brutos, anônimos, destemidos,
hinterland esquecido, sedento e faminto;
mundo resignado, manso e violento;
terra de feudos, de senhores de mão de aço,
de vassalos, de submissos,
de escravos disfarçados;
mundo árido de justiça, de famílias em rixas,
de desvirtuada política social,
de desatenta religião,
nascidouro de homens de cangaço.
Não começo Lampião por Lampião,
mas pelos milhares de crianças, juvenis,
que ali não vieram para ser feliz,
nem seus jovens, para sonhar.
Começo pelo interior do Brasil,
abandonado, por isso hostil.
Não começo Lampião por Lampião,
sem antes saber de Cabeleira,
Calandro, Lucas da Feira,**

**Jesuíno Brilhante, Antonio Silvino,
vendo-me nos seus tempos e lugares,
nos seus motivos e nas suas circunstâncias.**

**Não começo Lampião por Lampião,
mas pelos gritos que do sertão já se ouviam,
gritos do desequilíbrio social,
da insuportável dor sentida,
dos muitos lamentos,
dos ais de uma gente sofrida.**

**Não começo Lampião por Lampião,
mas pelas estradas tortuosas, esburacadas,
sem pontes e acostamentos,
caminhos de perdição, as vias de Lampião,
para deduzir que sua saga, seu brado,
seu modo de ser desrespeitoso, violador, incivil,
sanguinário, mais das vezes cruel e vil,
que o fez ser a grande expressão do cangaço,
Este banditismo que não nasceu em vão,
mas para o Nordeste dizer
“eu existo” à Nação.**

**Faz tempo que não abraço,
subindo em seus braços,
minha amiga goiabeira,
da minha infância primeira!
Sinto saudade do seu fruto,
em baixo, tocável, ou no alto,
me chamando, provocando:
goiabas verdes, amarelas, de
popas rosadas, vermelhas, brancas,
de abundantes caroços, suas divinas sementes;
goiabas que até dos bichinhos
que nelas moravam,
muitos eu comi quando elas eu comia.
Sinto saudade de suas folhas,
minha amiga goiabeira,
verdes, semiúmidas, cheirosas;
até das folhas secas, espalhadas pelo chão,
que sobre as quais eu pisava,
estalando-as, produzindo o som,
apanhando goiabas caídas, eu sinto saudade.
Goiabeira da minha infância,
que me amparava, me balançava, sorridente;
e que eu, mais das vezes,
a fazia cansar, chorar, sentir dor.
Saudade tenho de sua pele fina, marrom,**

**largando-se do seu corpo,
bem como, de suas mimosas solitárias flores,
que chegavam com a primavera;
dos ninhos de sebinho,
que era o que eu mais via, bulia,
dos micos, dos outros passarinhos,
insetos comigo.
Comer suas goiabas entrelaçado
em seus galhos e ramos,
descobrimo o sabor dos cheiros,
dos gostos e das texturas,
Admirando o entorno, o todo, a natureza,
era um aprender em liberdade,
minha árvore professora.
Ah, sinto saudade também do seu doce batido,
feito por minha tia Jair e a
secretária Maria,
no velho tacho de bronze,
no fogão à lenha que lá existia,
na rua de Laranjeiras, 1459, da minha Aracaju,
casa dos meus maternos avós,
o endereço da minha amiga goiabeira,
que aqui homenageio,
e aqui muito lhe agradeço.**

**Lampião cujo nome é Virgulino,
e Manoel que se chamou Antonio Silvino,
fizeram história no sertão nordestino.**

**Seus nomes terminam em “ino”,
Que rima com libertino, ferino, assassino.**

Os dois foram reis do cangaço.

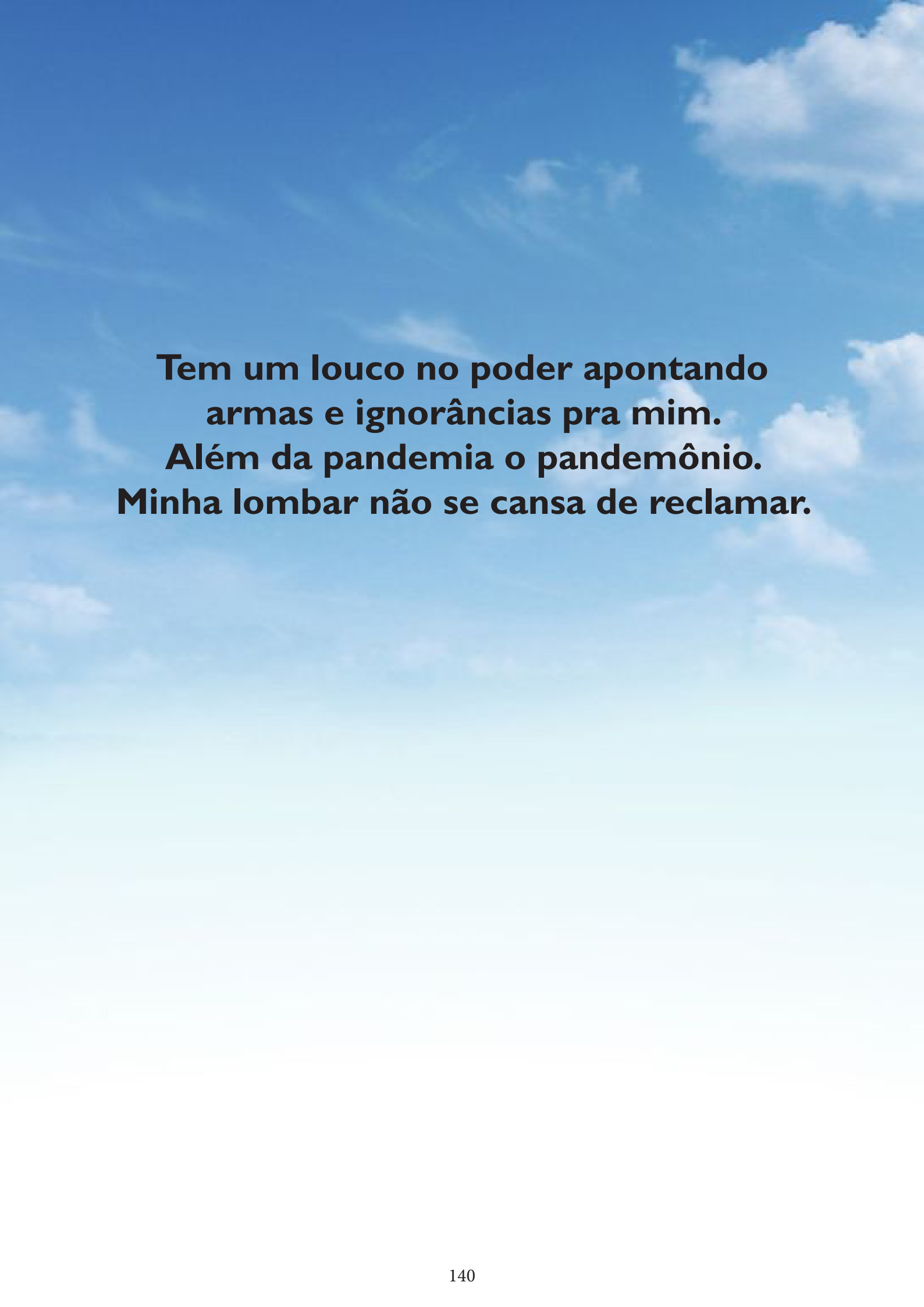
**Quis porque quis o destino
suas mortes num 28 de julho,
Virgulino em 1938 e em 44 Silvino.**

**Um teve morte matada,
Num coito, com muito barulho,
O outro teve morte morrida,
Num canto que fez de regaço.
Os dois foram reis do cangaço.**



**O mais difícil na hora de morrer
é despedir-se de si mesmo.**

**Ontem eu sonhei que estava
na Aracaju dos anos 30.
Impressionou-me
o ar puro, o pouco barulho,
o não tão colorido das coisas,
o pequeno número de mulheres nas ruas,
elas em vestidos longos, muito tecido.
Homens, de chapéu e cavanhaque,
camisas brancas, mangas compridas.
Gente folheando jornal, revistas,
pouco carro, mercado sujo, Palácio,
Estátua de Olímpio, de Fausto.
Quase não vi obesos.
O rio me pareceu mais largo,
Mais cheio, mais limpo, mais bonito.
Admirei a Ponte que recebeu D. Pedro.
Dei um salto no Ministério do Trabalho,
Para conhecer colegas do passado.**

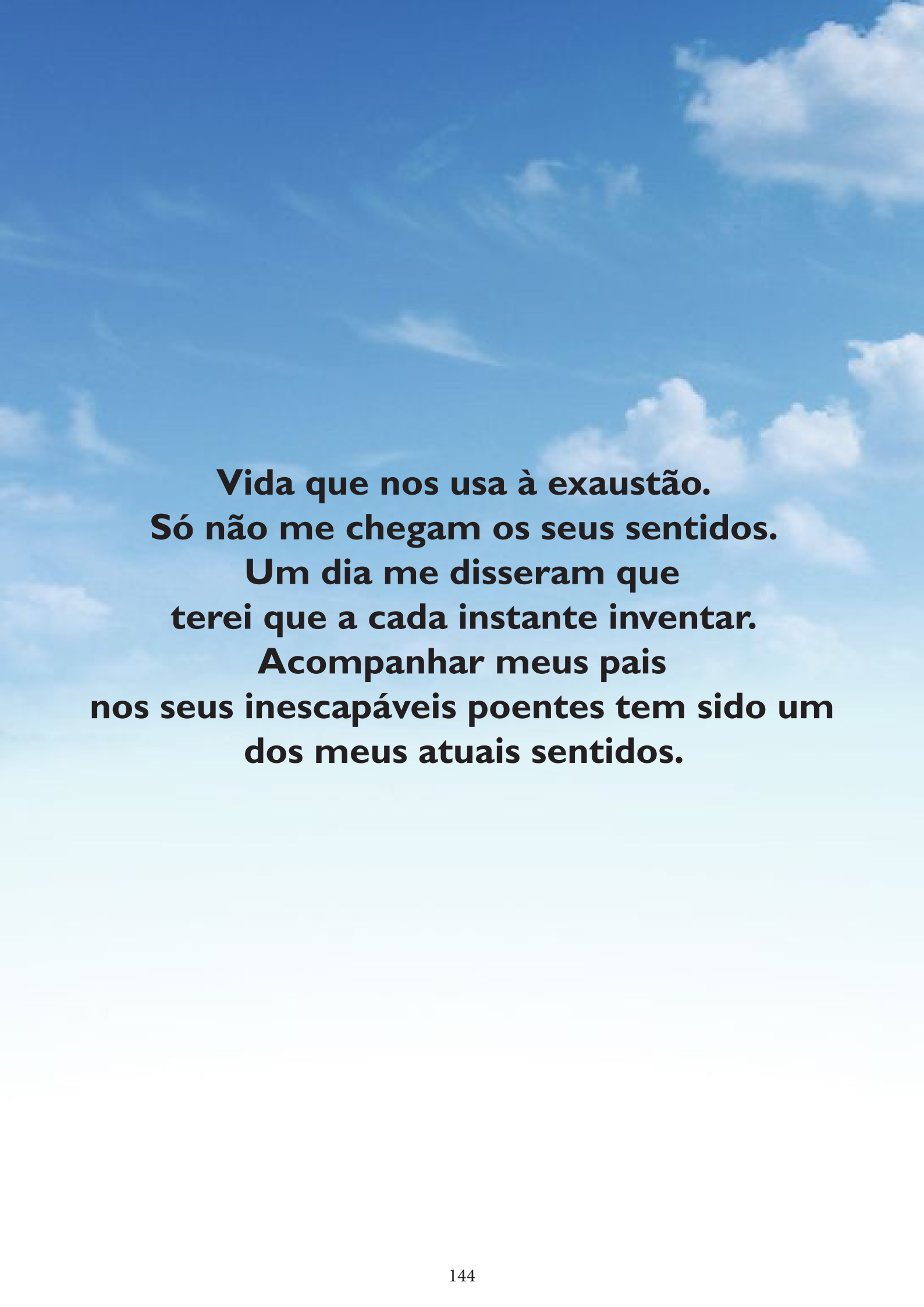


**Tem um louco no poder apontando
armas e ignorâncias pra mim.
Além da pandemia o pandemônio.
Minha lombar não se cansa de reclamar.**

**Muitos têm feito pouco
ou nenhum caso dela:
da COVID,
a novel amiga da Morte.
Quem sabe se não são estes,
exaustos das prisões
sobre prisões que lhes são impostas,
que, inconscientemente, desistiram de viver?
Usam a onipresente e letal doença,
dizendo ser ela uma mentira,
para terminar as suas existências?**

**No tempo que um dia chegará,
o Homem em Marte pisará.
Talvez eu não esteja mais por aqui,
para chorar, sorrir, ufanar-me, aplaudir,
como fiz, menino,
quando Armstrong pisava no solo lunar.
No “planeta vermelho”
o ser humano pulos e cambalhotas
nas vastidões marcianas dará.
Fato extraordinário para os nossos dias,
foi a nave não tripulada
Perseverance em Marte chegar.
Isso me fez até imaginar o homem
já passeando por lá.
Acontecimento que me comoveu.
Porque sei que é página grande
da história humana,
este, um momento que será visto como
um dos mais importantes
da conquista do espaço
interplanetário.**

**Viver é insistir em não morrer,
é curtir a dor,
a dor fisicamente não sentida.
embora a mais dolorida.
A dor que ocultamos
sob os lençóis da esperança e da fé.
Que dor é esta
senão a da espera pelo derradeiro dia,
pelo instante de para o além partirmos.
Viver é esperar morrer.**



**Vida que nos usa à exaustão.
Só não me chegam os seus sentidos.
Um dia me disseram que
terei que a cada instante inventar.
Acompanhar meus pais
nos seus inescapáveis poentes tem sido um
dos meus atuais sentidos.**

**Não me canso de ver o campo,
às vezes lento, rápido, às vezes desembestado,
cheio de sol, seco,
nublado, com chuva molhando,
neblina lhe cobrindo nas frias madrugadas.**

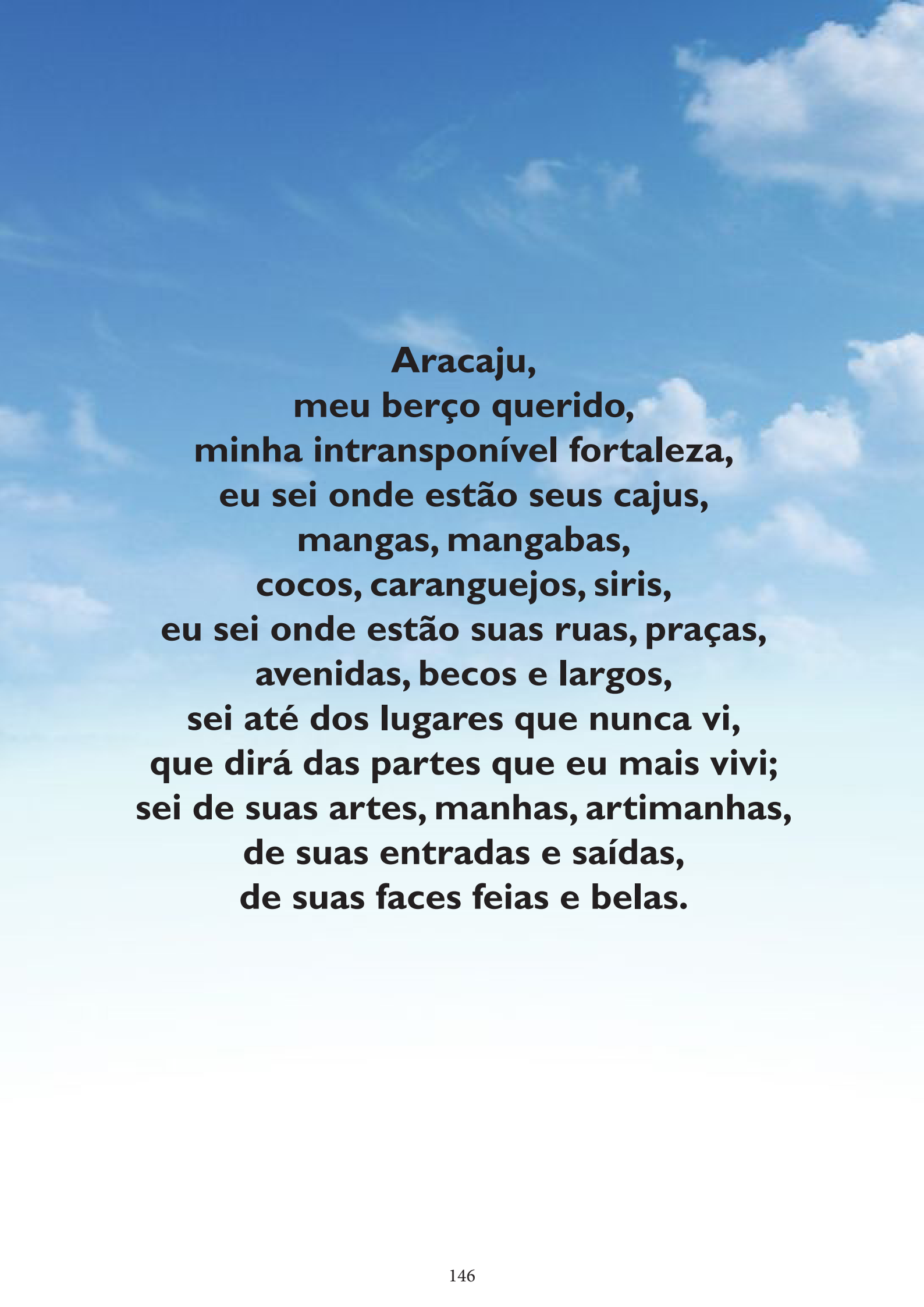
**A zona rural é pictórica.
Não me farto de vê-la passando por mim.**

**Mata, caatinga, campos, plantação,
o sol em ocaso e alvorecer,
rodagens, cercas, cercados, açudes, rios,
lagoas, cancela, currais,
morros, planícies, serras.**

**Garças, carcarás, pássaros, jaçanãs,
vaqueiros, cerqueiros, plantadores,
belas moradas, casas de pobres,
roupas coloridas nos varais.**

**Não me canso de ver o ser humano do campo.
Humildade, resistência, perseverança
e resignação são seus sobrenomes.**

Não me canso de ver o campo.



**Aracaju,
meu berço querido,
minha intransponível fortaleza,
eu sei onde estão seus cajus,
mangas, mangabas,
cocos, caranguejos, siris,
eu sei onde estão suas ruas, praças,
avenidas, becos e largos,
sei até dos lugares que nunca vi,
que dirá das partes que eu mais vivi;
sei de suas artes, manhas, artimanhas,
de suas entradas e saídas,
de suas faces feias e belas.**

**Converso,
faço versos,
falo comigo,
converso com Deus
(que sou eu, sem
o d inicial e o s no final).**

**Sou vida,
idas, estadas, vindas.**

**Converso,
faço versos,
Falo comigo,
converso com Deus
(junção de todos os eus).**

**Choro, canto, rio,
Imanência sou,
Substância sou,
Essência,**

**Casa da dor.
Sou sonho e desejo,
Alimento do tempo.**

**Busco motes,
Sentidos, motivos,
Mais que um norte,
fujo da morte.**

**Vida humana, essência que, inesperadamente,
num átimo, vindo do além, nos chega, nos faz.**

**Com o passar do tempo,
a percebemos em nós.**

**Vida humana,
que brota como a relva do campo,
como a água limpa e fresca do manancial.**

Em solo fértil e infértil vida humana há.

**Uma vez impregnada em nós,
ela nos encaminha,
nos conduz por suas estradas,
nos leva e nos traz para onde bem quer,
nos ilude, nos engana, nos faz rir e chorar,
sofrer, refletir, prazeirar.**

Num átimo, a vida humana também se vai.

**É quando sabemos
se nossa consciência mantém-se íntegra
ou se com o corpo morto
ela também se desfaz?**



**Estás em todo canto,
gentil bem-te-vi,
nas cidades e nos campos.
És o pássaro mais famoso do Brasil.
Esperto, destemido,
não afeito à reclusão,
vives livre,
estás sempre feliz.
Seu sonoro canto
avisa que a aurora chegou,
que o sol despertou.
Bem-te-vi, bem-te-vi,
Ontem eu te vi olhando pra mim.**

**O que dizer da luz
enquanto no escuro em que estamos?
Luz que a cada dia perdemos...
Dizer dos seus sentidos, dos significados...
Dizer o que da luz,
quando muitos insistem ser a luz
no escuro em que estamos?
Vejo neste escuro, em lampejos,
alguns poucos vagalumes crísticos a
iluminar caminhos, saciar sedes,
aplacar fomes.
Sem falar dos quantos
no quarto escuro do escuro estão.**

**Respiro fundo,
porque, se raso, morro.
O Deus invisível que transita, calado, dentro
dos meus átomos, moléculas e células:
nadando, mergulhando, atravessando
correntes sanguíneas e linfáticas;
enquanto incontáveis obreiros seus labutam
em ininterruptas jornadas:
na minha traqueia, na fábrica de hormônios,
de enzimas, proteínas etc;
nos meus pulmões, nos meus neurônios,
no pulsar do meu coração, e em tudo mais.
Na minha mente é onde ele
mais se demora,
mas tem cadeira no meu respirar,
onde faz deste quase nada que sou
um quase tudo.**

**Pego-me contemplando a vida por uma fresta
que fiz na minha imaginação.
Surpreendo-me, pois fico como
se equidistante, de óculos fosco,
opaco, embaçado,
tal qual um morto, de longe, assistindo
às correrias, aos desesperos,
às aflições, aos medos,
aos sonhos e desejos, às perdas e frustrações,
aos vínculos de amor e ódio,
às alegrias e tristezas,
dos efêmeros seres humanos.
Vejo, por esta fresta
tudo menor, ligeiro, passageiro,
numa outra medida de significação.**

Chuva que não passa...
Do meu velho carro não saio enquanto a
chuva que não passa, não parar.
Inclino o banco, descanso, canso de pensar,
e a chuva ainda não pensa em parar.
Hoje posso esperar a chuva passar.
Estou sem guarda-chuva,
faz frio, não quero me molhar,
receio adoecer e de COVID morrer.
No muro uma ave, plumas molhadas,
rolinha caldo-de-feijão.
Chuva é água a viajar de volta pra casa,
cheia de vida. Chuva não tem culpa, não.



**Leio de novo a Bíblia.
Nela só encontro eu.
Um eu feito Deus.
Nela só encontro Deus.
Um Deus feito eu.**

**De nada além da vida espero,
Pois sou a vida em mim.
Sou ela em seu melhor esmero,
Carne em respiro, sabida,
Doce como sapoti,
Azedo como limão,
Que sabe que é fruto de árvore,
Que tem começo, caminho e fim.
Sou parte de uma essência
Da qual nada sabemos,
Nem do cheiro nem da cor.
De resto, como indivíduo,
nada além de mim sou.
De nada além da vida espero,
até das minhas crenças duvido.**

**A mistura de raças por aqui tem gerado
feições bonitas, rostos lindos,
alguns belos, é de se dizer;
por outro lado tem resultado
num mar de caras feias,
delas, perfeitas caretas, a espantar, se não a
Deus, mais das vezes ao Capeta.
É constatação que faço
e tenho como verdadeira,
miscigenado que sou.
Quão bom seria que os problemas
do mundo estivessem nos nossos rostos, fei-
ções e caras, e não nas nossas mentes!**

**Criação da energia materializada, é a vida,
produzida pela insondável força
formadora da Existência;
estar etéreo, sensível, que se reproduz,
essência que emana nos quatro cantos do
mundo,
pulverizada, penso, em todo o Universo.
A vida é uma só, esteja ela a se manifestar,
num protozoário, num piolho, num tubarão,
numa baleia, num elefante, num ser humano;
na vegetação.
As diferentes formas de vida
(répteis, insetos,
aves, mamíferos, peixes, plantas)
e suas múltiplas variações referem-se
à mesmíssima vida, apenas cada uma se
expressando, se manifestando na medida per-
mitida por seus conjuntos atômicos,**

**pelas organizações biológicas,
corpos, estruturas formadoras, invólucros;
ou seja, pelas moradias da vida.**

É única a vida.

**É a alma coletiva,
da qual todos os seres vivos fazem parte.**

**Eu, aqui, a pensar, o gato a rosnar,
a cobra a picar, o cão a farejar, o rato a roer,
a barata a voar, igualmente aos dinossauros,
que já se foram, somos, cada um,
porções definidas e limitadas da vida.**











